

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CENTRO DE EDUCAÇÃO, LETRAS E SAÚDE - CELS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM SOCIEDADE, CULTURA E
FRONTEIRAS – NÍVEL DE MESTRADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SOCIEDADE, CULTURA E FRONTEIRAS

SANCLÉYA EVANESSA DE LIMA

MEMÓRIAS DA VILA “A”: LAZER E SOCIABILIDADE DE TRABALHADORES DE
ITAIPU

FOZ DO IGUAÇU - PR

2019

SANCLÉYA EVANESSA DE LIMA

**MEMÓRIAS DA VILA “A”: LAZER E SOCIABILIDADE DE TRABALHADORES DE
ITAIPU**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – para a obtenção do título de Mestre em Sociedade, Cultura e Fronteiras, junto ao Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Sociedade, Cultura e Fronteiras, área de concentração: Sociedade, Cultura e Fronteiras. Linha de Pesquisa: Território, História e Memória.

Orientador: Prof. Dr. Samuel Klauck

FOZ DO IGUAÇU - PR

2019

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Lima, Sancléya Evanessa de

Memórias da Vila "A": Lazer e sociabilidade de trabalhadores de Itaipu. / Sancléya Evanessa de Lima; orientador(a), Samuel Klauck, 2019.

158 f.

Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Foz do Iguaçu, Centro de Educação, Letras e Saúde, Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras, 2019.

1. Itaipu. 2. Trabalhadores. 3. Vila "A". 4. Lazer. I. Klauck, Samuel. II. Título.



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Foz do Iguaçu - CNPJ 78.680.337/0004-27
Av. Tarquínio Joslin dos Santos, 1300 - Fone: (45) 3576-8100 - Fax: (45) 3575-2733
Pólo Universitário - CEP 85870-650 - Foz do Iguaçu - Paraná

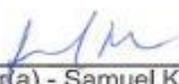


PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO

SANCLÉYA EVANESSA DE LIMA

MEMÓRIAS DA VILA "A": LAZER E SOCIABILIDADE DE TRABALHADORES DE ITAIPU

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Mestre em Sociedade, cultura e fronteiras, área de concentração Sociedade, Cultura e Fronteiras, linha de pesquisa Território, História e Memória, APROVADO(A) pela seguinte banca examinadora:


Orientador(a) - Samuel Klauck

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Foz do Iguaçu (UNIOESTE)


Valdir Gregory

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Foz do Iguaçu (UNIOESTE)


Maria de Fátima Bento Ribeiro

Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Foz do Iguaçu, 16 de dezembro de 2019


Prof. Dr. Oscar Kenji Nihei
Coordenador do Programa de Pós-Graduação
em Sociedade, Cultura e Fronteiras
Portaria nº 1829/2019 - GRE de 09/04/2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Unioeste (Universidade Estadual do Estado do Paraná) pela oportunidade de usufruir deste espaço de excelência, com profissionais dedicados que constroem, no seu dia a dia, o conhecimento de vanguarda e plantam sementes para um futuro melhor.

O processo da pesquisa, o convívio com os colegas e professores e o caminho do mestrado. De forma geral, permitiram outros olhares, em um patamar diferenciado de entendimento que iluminou minha relação com o mundo. Por isso, serei sempre grata.

Ao meu companheiro de caminho, James Vanin de Andrade, por sempre mostrar o lado bom das coisas e a compreensão nas minhas ausências por conta dos estudos.

Ao meu orientador, Samuel Klauck, pelos conhecimentos dedicados, pela energia e persistência em me orientar. Pessoa de bom caráter e inteligente que admiro.

Agradeço pelas informações valiosas dos amigos que fiz no Programa, em especial ao amigo Ilídio Alfredo Macaringue, por quem tenho especial gratidão e admiração e a amiga Livia da Fonseca que nunca mediu esforços para nos ajudar. Dedico o meu carinho e gratidão a ela.

Aos professores, José Carlos dos Santos, Valdir Gregory e Oscar Kenji Nihei, pelas impagáveis contribuições de seus saberes que auxiliaram nas orientações e foram fundamentais na construção da pesquisa.

A todos os professores do Programa pelos conhecimentos trazidos que serviram de alicerce para o desenvolvimento da pesquisa e contribuíram para uma percepção interdisciplinar.

Às assistentes da coordenação, Vania Maria da Costa Valle e Fátima Ruiz de Oliva, que, de forma muito dedicada e humana, nos orientaram, nos auxiliaram e desempenharam seus papéis com profissionalismo.

Dedico especial carinho e gratidão aos funcionários de Itaipu, hoje aposentados, que fizeram parte da pesquisa. Talvez para descrever tamanha experiência fosse necessário dedicar um livro para isso. Então, deixo meus sinceros agradecimentos e admiração pelo “mergulho” que foi a participação dos mesmos na pesquisa.

Aos meus pais que, de um jeito próprio, estiveram torcendo para o meu sucesso em todas as fases da vida.

A um ser superior que, de uma forma inexplicável, conduz, traz boas energias e vibrações positivas para a minha existência e caminhada neste plano.

“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas graças a Deus, não sou o que era antes”.
(*Marthin Luther King*)

“O que fazemos durante as horas de trabalho determina o que temos; o que fazemos nas horas de lazer determina o que somos”.
(*Charles Schulz*)

LIMA, Sancléya Evanessa de. Memórias da Vila “A”: Lazer e Sociabilidade de Trabalhadores de Itaipu. 2020. 161 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

RESUMO

No que tange à fruição das práticas de lazer, a Itaipu Binacional permite o estudo de várias representações. A organização da empresa ofereceu suporte para a criação de distintas interpretações, com a criação de três conjuntos habitacionais para os seus funcionários, bem como ambientes de lazer e sociabilidade na própria empresa e nos demais espaços organizados por ela. Este trabalho tem como objetivo compreender o que foi produzido na vida dos trabalhadores que vieram trabalhar na construção de Itaipu e morar na "Vila “A”, na década de 1970 e 1980, no que diz respeito às vivências de lazer e sociabilidade. Com este objetivo, a pesquisa de cunho qualitativo teve como propósito buscar dados em documentos oficiais, fotografias, nos informativos da UNICON, no debate com os autores e nas memórias. Essas memórias foram analisadas também a partir da realização de 13 entrevistas (história oral), sendo 12 com residentes da "Vila “A”, que tiveram vínculo empregatício com Itaipu nos primeiros anos de sua construção e uma outra entrevista com o arquiteto responsável pelo planejamento e construção das Vilas de Itaipu. As vivências de lazer e sociabilidade desses trabalhadores sofreram alterações por conta de uma nova realidade de trabalho, de novas condições de moradia em uma cidade diferente daquela a que estavam acostumados e em um contexto de fronteira. Outro impacto foi o fato de terem se tornado trabalhadores de uma empresa que estava construindo um empreendimento de grande porte, que se diferenciava no país, pelo reconhecimento internacional. Mesmo com um modo de viver próprio motivado a partir de Itaipu, alguns costumes não foram apagados, mas sim readaptados à nova realidade, que traz uma nova leitura de identidade coletiva dos funcionários de Itaipu nas décadas de 1970 e 1980.

PALAVRAS-CHAVE: Itaipu. Trabalhadores. Vila “A”. Lazer. Sociabilidade.

LIMA, Sancléya Evanessa de. Vila “A” Memories: Itaipu workers Leisure and Sociability. 2020. 160 f. Dissertation (Master degree in Society, Culture and Borders) – Parana’s West State Universtity - UNIOESTE

ABSTRACT

As far as leisure activities are concerned, Binational Itaipu allows the study of various representations. This company’s organization offered a background for distinct interpretations, by creating three housing complexes for the employees, as well as leisure and conviviality environments, in the company itself and in other spaces it created. This paper’s goal is to understand what was caused in the life of those workers who came to build Itaipu plant and live at Vila “A”, during the 1970 and 1980 decades, in terms of leisure practices and sociability. Within this objective, qualitative research had the purpose of searching data in official documents, pictures, UNICON magazines, in the debate with authors and in memories. These memories were also analyzed by means of 13 interviews (oral history), of which 12 were “Vila “A”” residents, who had employment relationship with Itaipu in the initial years of its construction and another interview with the architect in charge of planning and building Itaipu neighborhoods. Leisure experiences and sociability of these workers were influenced by the new working environment, living conditions, in a city which is different from the one they were used to, in a border context. Another impact was cause by the fact that they became workers of a company that was building a huge venture, unique in the country, with international acclaim. Though having its own living style, motivated by Itaipu, some habits were not erased, but adopted to a new reality, which brings a new collective identity reading of Itaipu workers in the 1970’s and 1980’s.

KEY WORDS: Itaipu. Workers. Vila “A”. Leisure. Sociability.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1 - Construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu em 1977.....	27
Foto 2 - Casamento de um funcionário paraguaio na cidade Assunção no Paraguai em 1979	48
Foto 3 - Hasteamento das bandeiras do Brasil e do Paraguai.....	55
Foto 4 - Refeitórios, estacionamento, complexo de lazer e esportivo, alojamentos.....	59
Foto 5 - Equipe de atletismo da segurança física de Itaipu.....	63
Foto 6 - Visita do atleta João do Pulo ao Cinema 2 de Itaipu.....	64
Foto 7 - Sala de jogos de Itaipu em 1978.....	65
Foto 8 - Programação do Cinema em Itaipu.....	69
Foto 9 - Torneio de Pebolim.....	71
Foto 10 - Torneio de Damas.....	73
Foto 11 - Torneio de Tênis de Mesa.....	75
Foto 12 - Arte em grafite.....	76
Foto 13 - Prova de Atletismo.....	77
Foto 14 - Boxe da UNICON.....	78
Foto 15 - Malhação de Judas.....	79
Foto 16 - Centro Comunitário – Bloco destinado aos jogos recreativos de salão, centro comercial, gramado destinado ao futebol de campo.....	80
Foto 17 - Centro Comunitário – Cine Teatro, cancha de bochas, Bloco do Centro Comunitário, Bloco Escola do Canteiro.....	81
Foto 18 - Trecho 1 do Memorial Descritivo da implantação da Vila “A”.....	90
Foto 19 - Trecho 2 do Memorial Descritivo da implantação da Vila “A”.....	91
Foto 20 - Casas da Vila “A” em 1980.....	92
Foto 21 – Vila “A” saída sul. Década de 1970.....	93
Foto 22 - Vila “A” em 1977.....	98
Foto 23 - Hospital Ministro Costa Cavalcante na Vila “A” em 1979.....	100
Foto 24 - Supermercado da COBAL.....	103
Foto 25 - Lanchonete “Xororó”.....	104
Foto 26 - Recreação na quadra esportiva do “Xororó”.....	105
Foto 27 - Floresta Clube, vista sul com a Avenida Araucária.....	108
Foto 28 - Colônia de Férias Floresta Clube.....	110
Foto 29 - Show do Chacrinha e suas Chacretes.....	110
Foto 30 - Educação Infantil do Colégio Anglo Americano em 1978, na Vila “A”	111
Mapa 1 - Bairro Itaipu “A”.....	87
Mapa 2 - Região da Vila “A” na atualidade.....	96
Mapa 3 - Vila “A” em 1977.....	97
Quadro 1 - Legenda dos espaços descritos na Foto 4.....	59
Quadro 2 - Legenda dos espaços descritos no Mapa 2.....	96
Quadro 3 - Legenda dos espaços descritos na Foto 23.....	100
Quadro 4 - Legenda dos espaços descritos na Foto 27.....	109

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 DISCUSSÃO TEÓRICA, CONCEITUAL, DOCUMENTAL E HISTÓRICA SOBRE O LAZER E A ITAIPU	26
1.1 A CONSTRUÇÃO DE ITAIPU	26
1.2 CONCEITOS DE LAZER	32
1.3 CONTEXTO HISTÓRICO DO LAZER NO BRASIL.....	37
1.4 O LAZER E A SOCIABILIDADE A PARTIR DE ITAIPU.....	48
2 ESTRUTURAS DE LAZER DA VILA “A”	83
2.1 O PROJETO DA VILA “A” E SUAS CASAS	83
2.1.1 Hospital Costa Cavalcanti	99
2.1.2 O “Barracão Azul”	101
2.1.3 O supermercado da COBAL (Companhia Brasileira de Alimentos)	102
2.1.4 O “Xororó”	103
2.1.5 O Floresta clube na Vila “A”	106
2.1.6 Colégio Anglo Americano	111
2.1.7 O Gramadão da Vila “A”	112
3 AS PRÁTICAS DE LAZER E A SOCIABILIDADE NA VILA “A”, NAS DÉCADAS DE 1970 E 1980	115
3.1 A FRONTEIRA E SUAS RELAÇÕES	115
3.2 O LAZER E A SOCIABILIDADE NA VILA “A”	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS	150
REFERÊNCIAS	153
ANEXO 1	157

INTRODUÇÃO

O lazer, no seu conceito primário, está inserido na compreensão de atividades de livre escolha, que devem proporcionar a autonomia e a liberdade para o indivíduo, auxiliando no seu desenvolvimento pessoal e social. Mesmo assim, ele pode servir também como ferramenta de restrição, exclusão e opressão, dependendo de como ele é inserido socialmente. Nesse sentido, a fruição do lazer está relacionada com a política, com os aspectos sociais, culturais e com a educação das pessoas.

Para Nelson Carvalho Marcellino (1998), o lazer deve fazer parte da vida do homem como elemento de significação e compreensão. Ele propõe a incorporação do lazer na educação como movimento da vida, como provocação de estímulo em uma civilização para a qual o lazer tem apenas aspectos funcionais e não formativos.

Este trabalho pretende discutir a problemática do lazer e a Itaipu, tendo como recorte a Vila “A” de Foz do Iguaçu, localizada entre o centro da cidade de Foz do Iguaçu e a Usina Hidrelétrica de Itaipu, a nordeste da Ponte da Amizade e ao norte da BR-277, tendo o Rio Paraná à sua esquerda. Esse trabalho nasceu a partir da inquietação de compreender como foram construídas as práticas de lazer e sociabilidade dos indivíduos que foram trabalhar em Itaipu e morar na Vila “A”, nas décadas de 1970 e 1980. A Vila “A” é um dos conjuntos habitacionais criados na época da construção de Itaipu para atender, inicialmente, às demandas de moradia dos funcionários da área técnica, de nível médio, da Usina Hidrelétrica de Itaipu e construída com recursos próprios da empresa.

Compreende-se que a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu foi um evento singular na história de Foz do Iguaçu que, para Ribeiro (2002), aconteceu entre os anos de 1975 e 1982, e permitiu mudanças significativas na vida das pessoas que estavam inseridas naquele processo.

A área de formação inicial da pesquisadora, como professora de Educação Física, também auxiliou para que se pudesse levantar possibilidades de estudos nos assuntos relacionados ao lazer e na percepção como uma parte indispensável para a qualidade de vida do indivíduo e na melhor compreensão do papel social do lazer, suas relações com questões políticas, históricas, sociais e culturais da sociedade.

Este é um trabalho de grande relevância para os estudos da memória do lazer e da sociabilidade a partir de Itaipu e a Vila “A”. Quando se trata de estudar memórias, normalmente,

se faz “florescer” lembranças que auxiliam na riqueza de informações sobre a temática em questão e, na maioria das vezes, se constrói um trabalho bonito, rico e com um conteúdo significativo que, dependendo da temática, de outra forma talvez pudesse não trazer a mesma qualidade para a pesquisa. Outros trabalhos citam algumas formas de lazer e sociabilidade a partir de Itaipu com diferentes enfoques, mas nenhum deles, ainda, tratou especificamente das práticas de lazer e sociabilidade, tendo como recorte a Vila “A”. O trabalho proposto adota ainda a perspectiva dos moradores que chegaram no início da obra da Usina, propiciando uma leitura na ótica de quem vivenciou boa parte do processo de construção e, com isso, as práticas de lazer e sociabilidade a partir de Itaipu. As entrevistas permitem:

[...] Aos entrevistados uma reformulação de sua identidade, na medida que ele se vê perante o outro. Ele se percebe “criador da história” a partir do momento em que se dá conta que, mesmo minimamente, transformou ou transforma o mundo (talvez até sem ter consciência disso), questionando elementos da vida social. Então, ele para e reflete sobre sua vida e este momento é acirrado pelas entrevistas, ocorrendo com frequência se vê como um ator social e “criador da história”. Essas pessoas, de objetos da pesquisa, se tornam sujeitos, pois percebem não só sua história de vida, mas seu projeto de vida nesse processo de autoanálise (LEVEN et al., 1997, p. 220).

No que diz respeito à pesquisa em questão, o meu papel enquanto profissional da área da Educação Física é propiciar, por meio da pesquisa científica, de maneira sociológica e histórica, subsídios para uma maior compreensão no que tange ao lazer e à sociabilidade das pessoas, tendo como recorte a Vila “A”. Neste sentido, sob o meu olhar, surgiu a seguinte pergunta: quais as transformações e o impacto que as práticas de lazer trouxeram para os moradores da Vila “A”, funcionários de Itaipu nas décadas de 1970 e 1980?

Com intuito de compreender memórias dos antigos moradores da Vila “A”, o estudo tem como objetivo geral compreender e analisar as práticas de lazer das pessoas que vieram trabalhar na Usina Hidrelétrica de Itaipu e morar na Vila “A”, nas décadas de 1970 e 1980.

A pesquisa tem como objetivos específicos: apresentar e discutir, sinteticamente, a natureza teórica conceitual e histórica do lazer no tempo e espaço; analisar a institucionalização das práticas coletivas de lazer pela gestão da Usina Hidrelétrica de Itaipu, no que diz respeito à formalização dessas atividades; entender no que o trabalho na Usina Hidrelétrica de Itaipu influenciou nas atividades de lazer dessas pessoas, quando chegaram na região da Vila “A”; perceber as práticas de lazer construídas, a partir das sociabilidades, nesses espaços.

O estudo explorou o conteúdo de dados bibliográficos sobre o assunto, por meio de registros de livros, jornais e outros, impressos e digitalizados; documentos oficiais, como memorial descritivo, Mapas, Fotos; dados da história oral por meio de entrevistas com os antigos funcionários de Itaipu e residentes da Vila “A”, nas décadas de 1970 e 1980. Alguns registros bibliográficos e documentais foram aproveitados, inclusive, do acervo pessoal dos indivíduos que viveram naquele espaço, naquela época.

O tipo de amostragem se caracterizou como *Snowball*, ou Bola de Neve. Inicialmente, quando se buscou encontrar pessoas que pudessem trazer informações para a pesquisa que se pretendia desenvolver, as associações ligadas aos funcionários de Itaipu foram visitadas. Em uma delas, foi identificada uma pessoa que conseguiria esclarecer de que maneira os sujeitos da pesquisa poderiam ser encontrados.

Essa mulher, funcionária aposentada de Itaipu, mas que continua prestando serviços na Fundação Itaipu Brasil de Previdência e Assistência Social (FIBRA)¹, identificou alguns sujeitos como informantes-chave e passou dois contatos de telefones importantes. Um deles participa como membro da Associação dos Assistidos de Itaipu (AAFI) e o outro foi presidente da Associação dos Moradores da Vila “A” (AMVA). A Associação dos Empregados da Itaipu Binacional Brasil (ASSEMIB) também foi visitada e, com a autorização dos responsáveis, foi possível conversar com alguns sujeitos. Após esse primeiro contato, com o consentimento de cada um e as devidas explicações sobre os objetivos do trabalho, as entrevistas foram marcadas e realizadas. Com o 2º entrevistado, a abordagem se procedeu de uma forma um pouco diferente, foi conversado com a sua filha mais nova que fez a conexão e marcou a entrevista. Existe uma amizade entre a pesquisadora e a família do entrevistado que perdura desde 1995, o que permitiu um contato mais direto.

Os contatos na ASSEMIB aconteceram em três momentos distintos, no final da tarde e nas dependências da associação. Nesse horário, a associação conta com mais pessoas usufruindo dos espaços de lazer, uns jogando futebol, outros assistindo seus netos e demais familiares nas atividades que o clube oferece, alguns usufruindo da sauna, uns dialogando com seus pares, outros assistindo a jogos na televisão etc.

¹ É uma entidade fechada de previdência privada (fundo de pensão), sem fins lucrativos. Seu objetivo é complementar os benefícios concedidos pela Previdência Social aos empregados do lado brasileiro da Itaipu e aos seus próprios empregados. Suas ações são regulamentadas por órgão governamental, atualmente a Superintendência Nacional de Previdência Complementar (PREVIC).

As entrevistas foram marcadas no clube, na casa dos entrevistados e em locais e horários variados, de acordo com a possibilidade deles. Os próprios entrevistados nomearam outras pessoas que consideravam importantes e que poderiam informar com propriedade os acontecimentos daquela época, sob o ponto de vista do que estava sendo pesquisado. Nesta amostragem, dos 13 informantes, apenas 2 mulheres foram indicadas como depoentes.

Percebeu-se, nos diálogos, que os sujeitos indicaram outros sujeitos com alguns dos principais argumentos, de que aqueles teriam “mais experiência”, “mais tempo de trabalho em Itaipu”, que “sabiam mais das coisas que aconteciam”, que “eram pessoas mais extrovertidas”, ou que “tinham uma vida social mais intensa”.

Os Mapas, o memorial descritivo e as Fotos serviram como fonte ilustrativa que, a partir dos estudos bibliográficos e das entrevistas, foram fundamentais para a interpretação e compreensão dos espaços, a organização deles, a forma como estava estruturada a Vila “A” na época, a convivência das pessoas naquele momento histórico, em Itaipu e na Vila “A”. As Fotos também permitiram mostrar momentos de descontração que, normalmente, conseguem dizer um pouco mais sobre os indivíduos e a coletividade.

A pesquisa de cunho qualitativo tem como base principal de análise o estudo interpretativista, baseado na história oral, que buscou a aplicação de 12 entrevistas de antigos moradores da Vila “A” e funcionários da Usina Hidrelétrica de Itaipu, que vieram para Foz do Iguaçu nas décadas de 1970 e 1980. Além disso, foi realizada também a entrevista com o arquiteto que auxiliou no planejamento e construção das Vilas de Itaipu totalizando, assim, 13 entrevistas. O questionário para o diálogo com os antigos moradores da Vila “A”, Anexo 1 da dissertação, foi estruturado em quatro blocos. O primeiro bloco tratou da identificação do sujeito no tempo e espaço. No segundo bloco, o espaço da Vila “A”. No terceiro bloco, a percepção dos funcionários no que se refere ao Lazer e à Sociabilidade influenciados por Itaipu e a Vila “A”. No quarto e último bloco, do lazer e espaços de sociabilidade na Vila “A”. Para a entrevista com o arquiteto, algumas adaptações no questionário foram realizadas.

As entrevistas preservaram a identidade dos sujeitos. Sendo assim, para garantir a integridade de todos, os indivíduos foram mencionados no texto com uma numeração de acordo com a ordem em que foram entrevistados.

A pesquisa segue a perspectiva qualitativa que, segundo Bortoni-Ricardo (2008, p. 34), “procura entender e interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto”. De acordo com

essa autora, os paradigmas interpretativistas compreendem vários métodos dos quais é possível destacar:

Pesquisa etnográfica, observação participante, estudo de caso, interacionismo simbólico, pesquisa fenomenológica e pesquisa construtivista, entre outros. Interpretativismo é uma boa denominação geral porque todos esses métodos têm em comum o compromisso com a interpretação das ações sociais e com o significado que as pessoas conferem a essa ação da vida social (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 33).

Para a mesma autora (2008, p. 42), “a pesquisa interpretativista não está interessada em descobrir leis universais por meio de generalizações estatísticas, mas sim em estudar com muitos detalhes uma situação específica para compará-la a outras situações”.

Por sua vez, em convergência com o paradigma indiciário², Ginzburg (1989, p. 177) defende que “se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas, sinais, indícios que permitem decifrá-la. Essa ideia, que constitui o ponto essencial do paradigma indiciário ou semiótico³, penetrou nos variados âmbitos cognoscitivos, modelando profundamente as ciências humanas”. Este paradigma auxilia-nos a decifrar e interpretar o campo semiótico subjacente à construção e percepção do cotidiano e da memória.

Pelo que foi observado na época da construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, por meio dos relatos, das Fotos e outras fontes, a quantidade de homens trabalhando na empresa prevalecia e existia uma delimitação bem marcada nos espaços frequentados por homens e mulheres. Essa organização favoreceu a divisão e o convívio separado entre eles. A própria prática das atividades esportivas acabava sendo direcionada para os homens. Portanto, imagina-se que a memória do lazer e a sociabilidade dos funcionários de Itaipu, nas décadas de 1970 e 1980, tenha sido influenciada por esses fatos. As questões culturais e sociais da época, que refletem ainda nesse momento histórico, quanto à fruição do lazer para ambos os sexos, pode ter favorecido também perfis de lazer e sociabilidade distintos entre homens e mulheres.

A pesquisa está estruturada e dividida em três partes. Na primeira parte, o capítulo I, apresenta e discute a natureza teórico-conceitual, documental e histórica sobre o lazer e a Itaipu e as formas de lazer construídas a partir de Itaipu, permitindo conhecer as ações feitas pela

² Conjunto de princípios e procedimentos que contém a proposta de um método heurístico centrado no detalhe, nos dados marginais, nos resíduos tomados enquanto pistas, indícios, sinais, vestígios ou sintoma.

³ É o estudo dos signos, que consistem em todos os elementos que representam algum significado e sentido para o ser humano, abrangendo as linguagens verbais e não-verbais.

empresa, com intuito de compreender o objeto de estudo, por meio de material bibliográfico, memórias orais, escritas e fotos. O capítulo II conversa sobre a Vila “A”, a sua estrutura, a partir de Fotos, memorial descritivo, estratégias de ocupação e organização dos bosques, praças, parques e clubes e, assim, a partir das memórias orais e escritas, conhecer um pouco a maneira com que foram organizados esses espaços. O capítulo III trata das memórias das práticas de lazer na Vila “A”, com objetivo de entender como eles perceberam essas práticas vivenciadas naquele local e naquele momento histórico, por meio de Fotos e das memórias orais e escritas. Essas informações foram encontradas nas entrevistas com os sujeitos envolvidos, nos textos bibliográficos encontrados em livros, artigos, dissertações, fotos adquiridas pelos próprios depoentes e dos jornais. Os informativos da UNICON (União das Construtoras Nacionais) foram periódicos da época, que também serviram como material de pesquisa nos três capítulos e trouxeram histórias importantes sobre as vivências relacionadas ao lazer e à sociabilidade dos funcionários de Itaipu nas décadas de 1970 e 1980.

As fontes bibliográficas utilizadas de autores mencionados no estudo, os entrevistados e demais pessoas que, de alguma forma, estiveram presentes no desenvolvimento da pesquisa, foram fundamentais para a construção de bases conceituais, metodológicas e para o melhor entendimento dos objetivos propostos pelo estudo. Assim, considera-se importante trazer um pouco dos conceitos de alguns autores mais citados, relacionando os seus conteúdos com a temática da pesquisa e também um pouco das histórias de vida dos 13 entrevistados.

O sociólogo brasileiro Nelson Carvalho Marcellino é um cientista que muito contribuiu com os estudos do lazer. As suas obras mais citadas na pesquisa, “Lazer e Educação” (1998), “Lazer e Humanização” (1983) e “*Mirando la educacion desde la recreacion*” (2000), foram fundamentais para uma visão teórica e conceitual sobre o lazer, os interesses de lazer e a relação de tempo livre, lazer e trabalho em um contexto histórico.

O professor de Educação Física, Marco Antonio Bettine de Almeida, e o administrador de empresas Gustavo Luis Gutierrez com a obra, “O lazer no Brasil: de Getúlio Vargas à globalização” (2011), auxiliaram para uma visão histórica sobre o que aconteceu com o lazer no Brasil, pois essa obra faz uma análise do desenvolvimento das práticas urbanas de lazer relacionadas com a produção cultural do período nacional-desenvolvimentista à globalização. E o período nacional-desenvolvimentista de que trata a obra tem relação com o período que se discute na dissertação, que são as décadas de 1970 e 1980. Portanto, com esse embasamento é possível fazer uma análise mais detalhada do lazer naquele momento.

Contribui também com essas análises a obra do sociólogo Italiano Domênico De Masi, autor de “O ócio criativo” (2000), que traz uma visão diferente do trabalho na sociedade pós-industrial, pois em alguns aspectos o que permeia a função do trabalho é entendido como ócio criativo. Dessa forma, com esse estudo foi possível fazer uma reflexão e aumentar a percepção para as discussões relacionadas ao lazer e o trabalho em Itaipu, mesmo em décadas anteriores à efetivação da ideia de ócio criativo, pelo autor, que foi na década de 1990.

O sociólogo Norbert Elias e o professor John L. Scotson fizeram uma importante pesquisa sobre as relações humanas. Na obra “Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade” (2000), analisaram essas relações a partir de uma pequena comunidade urbana industrial no sul da Inglaterra, que recebeu o nome fictício de Winston Parva. As pessoas desse lugar viviam numa constante tensão entre a inclusão e a exclusão dos grupos. Nesse estudo, os autores se debruçaram em estudar a delinquência juvenil. As tensões eram geradas principalmente pelo senso de pertencimento dos indivíduos que estavam na comunidade há mais tempo. Essas relações de poder, identificadas neste estudo, serviram de base para algumas interpretações das relações de poder entre os funcionários de Itaipu e seus agregados que viveram na Vila “A”, nas décadas de 1970 e 1980. Assim, são interpretações que se estendem para a convivência com as pessoas da cidade e com os colegas do próprio ambiente de trabalho, ora se projetando como outsiders, ora se projetando como estabelecidos.

Alcir Lenharo, no seu livro “Sacralização da política” (1986), ajuda nas reflexões sobre as discussões da relação que a política de estado, a religião e a família exercem sobre o corpo. Faz considerações sobre a época do governo de Getúlio Vargas correlacionando aspectos daquele momento histórico encerrado em 1954 com a política de estado vigente na década de 1970, época do início da construção de Itaipu.

O filósofo francês Michel Foucault estudou as instituições sociais e as teorias gerais em relação ao poder no ocidente. As obras “Microfísica do poder” (1997), “Vigiar e punir: nascimento da prisão” (2008), “História da sexualidade II: o uso dos prazeres” (1984) auxiliaram nos apontamentos para discutir o micropoder, o poder disciplinar e a liberdade relacionados com as vivências dos funcionários de Itaipu na época da sua construção. Essas experiências permitiram a reflexão com as obras de Foucault, dentro de Itaipu, nas Vilas de Itaipu e na própria cidade de Foz do Iguaçu.

O historiador Luiz Eduardo Catta, que foi professor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), e um dos temas que ele atua como cientista, é a História das Regiões de Fronteira, e a obra “O cotidiano de uma fronteira: a perversidade da modernidade” (2002), foi de suma importância para ampliar os conhecimentos da pesquisa de dissertação que favoreceu a compreensão sobre a construção de Itaipu em várias perspectivas, bem como a história de Itaipu narrada por seus principais personagens. A obra mostra que a Usina Hidrelétrica de Itaipu foi construída em uma região de fronteira e tenta captar as transformações ocorridas a partir da sua construção, o que permitiu esclarecer peculiaridades desse evento de modernidade para a fronteira entre Brasil e Paraguai, por meio de documentos bibliográficos e histórias narradas pelos indivíduos que fizeram parte dessa história.

Outra autora bastante citada é a historiadora Maria de Fátima Bento Ribeiro. Fronteira é um dos temas em que ela atua e sua obra intitulada “Memórias do concreto: vozes na construção de Itaipu” (2002) foi importante para entender a história da construção de Itaipu e compreender peculiaridades do cotidiano dos “barrageiros”, histórias contadas por eles e demais pessoas envolvidas com Itaipu naquele momento histórico. Dessa maneira, foi possível mapear também as atividades no tempo livre daqueles indivíduos, bem como o lazer e boa parte daquilo que compreendia seguir determinadas regras estabelecidas (direta ou indireta) ou transgredi-las. A autora utilizou os instrumentos da história oral e optou pelas histórias de vida que permitiram conhecer as histórias dos desenraizamentos sociais e das violências simbólicas contra aqueles que foram forçados a mudar de lugar, ou que foram submetidos à rígida disciplina de trabalho dos acampamentos.

Tanto Luiz Eduardo Catta quanto Maria de Fátima Bento Ribeiro, nas suas obras citadas acima, propõem uma história contada de baixo, com foco na micro-história, tendo como protagonistas pessoas que estavam de alguma forma envolvidas naquele contexto histórico. Percebe-se que todas elas foram importantes para a narrativa, pois os indivíduos que viveram naquele momento permitiram contribuir com a riqueza dos fatos e a compreensão de uma história mais próxima da realidade, daquilo que foi vivenciado, principalmente pelas pessoas envolvidas no trabalho da construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu e demais pessoas com as quais mantiveram algum tipo de vínculo.

A geógrafa Patrícia Claudia Godoy Sotuyo fez uma pesquisa de dissertação com o título “Segregação urbana: estudo de caso das Vilas de Itaipu” (1998). Esse estudo serviu como base para entender as questões de segregação das Vilas em relação à cidade de Foz do Iguaçu. Nesse aspecto, entende-se que os relacionamentos humanos, tanto no trabalho quanto no lazer e na comunidade acabam gerando muitas vezes

segregação. De maneira geral, este estudo permitiu entender esse processo e, ainda, peculiaridades próprias de cada espaço.

A pesquisa de dissertação do historiador Rodrigo Paulo de Jesus, intitulada: “De “vila operária” a bairro dos trabalhadores: processo de constituição do bairro Vila “C” – 1977 a 2008” (2009), foi rica no sentido de trazer contribuições na percepção das transformações ocorridas na Vila “C”, que se refletiram nas outras Vilas de Itaipu, tais como os projetos de moradia e os espaços de lazer e sociabilidade dos “barrageiros”.

O historiador Cesar Augusto Fraga de Souza, na sua pesquisa de dissertação com o título “Transformações no espaço urbano: histórias e memórias da Vila “A” de Itaipu e seus entornos - 1970/2013” (2014), proporcionou uma descrição espacial e temporal da Vila “A” e a análise desses espaços dentro do contexto histórico da época da construção de Itaipu.

Da mesma forma que os autores citados nas obras acima foram importantes para a pesquisa, os sujeitos das entrevistas também. Portanto, é fundamental fazer uma discussão sobre essas pessoas, com objetivo de conhecer suas histórias de vida, pois fizeram parte diretamente do estudo e auxiliaram na interpretação daquilo que se pretendia conhecer, por meio de suas histórias relacionadas com o lazer e à sociabilidade na Itaipu e na Vila “A”.

Dessa maneira, a participação dos entrevistados foi primordial para entender a história singular dos antigos moradores da Vila “A”, trabalhadores de Itaipu, assim como peculiaridades próprias daqueles que estiveram inseridos em um determinado espaço e momento histórico. A pesquisa contou com a participação de 13 pessoas que, em vários momentos, de forma atenciosa e solícita, estiveram dispostas a discorrer sobre as suas experiências e que mostraram indícios de uma rede formada por indivíduos que foram potenciais para o estudo. Na pesquisa, alguns entrevistados acabaram se envolvendo mais que outros, oferecendo um suporte maior para o estudo. Essas entrevistas ocorreram ao longo dos anos de 2018 e 2019. A seguir, será contada, de forma breve, a trajetória de vida dessas pessoas com intuito de conhecer quem são esses sujeitos e, no decorrer do trabalho, as suas experiências direcionadas ao assunto proposto.

O 1º entrevistado é uma pessoa bem extrovertida. Assim como os demais entrevistados, ele demonstrou um forte orgulho da carreira profissional que trilhou em Itaipu e a maneira como esteve envolvido no trabalho, no lazer e no bairro onde viveu a maior parte da vida. Recebeu um apelido indígena, pelos próprios colegas de trabalho, devido às suas raízes. Segundo ele: “Lá na obra, todo mundo ganhava um apelido. Às vezes, a pessoa até esquecia do seu nome de batismo” (risos). Ele é natural de Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, divisa com o estado de São Paulo, nasceu em 1952. Veio para trabalhar na

Usina Hidrelétrica de Itaipu, em 4 de maio de 1975, com 23 anos. Veio solteiro, constituiu família já trabalhando na empresa. Trabalhando em Itaipu, morou também 2 anos no Paraguai. Ele começou na Usina como “peão” e depois foi para a área técnica, e essa promoção foi em função de vários acontecimentos que se resumem na habilidade em falar o guarani e o espanhol. Esse fato traz significado importante para ele, pois o colocou em uma posição de prestígio e também conseguiu reconhecimento perante a equipe e uma remuneração melhor.

O 2º entrevistado é natural de Cochichola, Estado da Paraíba, nasceu em 28/08/1949. Em 1957, com 8 anos de idade, foi para o estado de Minas Gerais. Morou em Mato Grosso, mas Minas e Goiás foram os lugares em que morou por mais tempo. Seu pai foi toda vida “barrageiro”, trabalhou na Usina Hidrelétrica de Delmiro Gouvea, no estado de Alagoas, lugar em que havia uma fábrica de tecido e linha. Como ele mesmo diz: “Praticamente, sou quase nascido e criado em barragem, né!?”. Veio de Itumbiara, no estado de Goiás, para morar em Foz do Iguaçu, no ano de 1981 e a família veio em 1982, já com os três filhos. Veio para Foz do Iguaçu 6 anos depois do início da construção de Itaipu, na época da fase da montagem dos equipamentos eletrônicos e mecânicos, trabalho que ele desenvolveu em Itaipu. Veio trabalhar pela empresa de Furnas que prestava serviço para Itaipu. Um dos motivos pelo qual veio morar em Foz do Iguaçu, foi porque tinha acabado de executar um trabalho para Furnas. Devido à crise de 1980, Furnas poderia parar e coincidiu que um dos engenheiros com quem ele tinha mais contato foi convidado para fazer parte da equipe que iria construir a Itaipu Binacional e acabou trazendo aquelas pessoas mais próximas a ele.

O 3º entrevistado é natural de Erechim, Estado do Rio Grande do Sul, nasceu em 18/03/1958. Ele mudou para a cidade de Corbélia, no Paraná, com 2 anos de idade e aos 4 anos veio para a cidade de Foz do Iguaçu. O pai do entrevistado veio do Rio Grande do Sul para trabalhar em serraria. Quando seu pai se acidentou na empresa, perdeu uma das mãos e não pôde mais trabalhar braçalmente. Por isso, ele foi transferido para gerenciar uma outra empresa em Foz do Iguaçu. Com isso, começou a trabalhar na cidade de Foz do Iguaçu em 1975, com 16 anos de idade, e na Usina Hidrelétrica de Itaipu, com 19 anos de idade. No mesmo ano, já foi morar na Vila “A”, em 1978. Quando casou, já estava trabalhando em Itaipu. Trabalhou em uma empresa chamada Farmácia Oriente, que hoje não existe mais. Depois que fechou a Farmácia Oriente, ele entrou na Farmarede, que é a antiga Farmácia Santa Cruz. Neste momento, ainda na Farmácia Santa Cruz, foi convidado para trabalhar na UNICON (União das Construtoras Nacionais), que

prestava serviços para a Itaipu, na farmácia do Hospital Costa Cavalcante. Depois ele foi trabalhar no almoxarifado do Refúgio Biológico da Itaipu e, em seguida, na Área de Proteção Ambiental, onde se aposentou.

O 4º entrevistado nasceu em Soledade, no Estado do Rio Grande do Sul, em 07/09/1957. Veio de Soledade para Foz do Iguaçu, com 24 anos de idade, no ano de 1978, ainda solteiro. Pertencia a uma família com 11 irmãos e casou-se quando já estava empregado em Itaipu. Em Soledade, ele trabalhava na “roça” (termo utilizado por ele) e depois na mesma cidade foi trabalhar em uma Companhia Estadual de Energia Elétrica, sendo que seus irmãos trabalharam nessa companhia também. O engenheiro de lá acabou sendo transferido para Itaipu e trouxe junto com ele alguns trabalhadores, dentre eles o entrevistado que exercia a função de fiscal de obras, fiscalizando a UNICON (União das Construtoras Nacionais). Seus irmãos vieram trabalhar em Itaipu também e depois conseguiram trazer seus pais. Ambos, ele e o engenheiro que o trouxe para Foz do Iguaçu, acabaram se aposentando no mesmo período e na mesma empresa, a Itaipu.

O 5º entrevistado é natural de Santo Ângelo, no Estado do Rio Grande do Sul, nasceu em 07/11/1950. Ficou em Santo Ângelo até os 21 anos de idade, depois morou 6 meses em Porto Alegre, 5 meses em Curitiba e de Curitiba foi morar em Rio Negro, no estado do Paraná. De Rio Negro veio para Foz do Iguaçu, aos 25 anos de idade, no ano de 1975. O entrevistado explica: “Vim solteiro, filho tinha, mas (risos) só fiquei sabendo depois de velho (risos), mas na época não sabia, vim sozinho”. Em 1977, ele se casou em Santo Ângelo com uma namorada que havia deixado lá, após o matrimônio trouxe ela para Foz do Iguaçu, foram morar na Vila “A” e tiveram os três filhos na Vila. Trabalhava na segurança que cuidava das Vilas “A”, “B” e “C”.

O 6º entrevistado é natural de Erechim, Estado do Rio Grande do Sul, nasceu em 17/04/1954. Quando chegou em Foz do Iguaçu, em 1979, ele era solteiro e o único trabalhador que fazia a segurança que tinha o Ensino Médio completo. Trabalhava na segurança física das Vilas de Itaipu que, segundo ele: “Na época, não entrava nas Vilas nem polícia civil nem militar”. Em 1955, quando ele tinha 1 ano de idade, seu pai foi transferido para Aratiba, no Estado do Rio Grande do Sul, divisa com Santa Catarina. Aos 6 anos de idade foi para Erechim, ficou lá até os 17 anos de idade e aí foi para Alegrete, ficou lá 5 anos e meio. Depois foi para Uruguaiana, ficou 6 meses e, de lá, voltou para Alegrete, de Alegrete voltou para Erechim para procurar emprego, não conseguiu emprego e, como o seu irmão já trabalhava em Foz do Iguaçu, o trouxe para a mesma cidade. Chegou em fevereiro e só conseguiu se fixar em junho de 1979. Ele diz que:

“Meu irmão pagava até o cigarro que eu consumia”. Segundo mencionou, não foi fácil. Na Itaipu, trabalhava na empresa CAEB (Companhia de Energia Elétrica da Bahia), que era uma terceirizada, ficou 8 anos nessa empresa e tentou passar para o Quadro próprio de Itaipu. Esse funcionário foi um dos “cabeças” para o movimento de efetivação na Itaipu. Ele justificou que o salário estava muito defasado do salário dos demais que eram do Quadro próprio de Itaipu e exerciam a mesma função. A esposa, que era de São Paulo, o conheceu no trabalho e tiveram 3 filhos.

O 7º entrevistado é natural de Barretos, Estado de São Paulo, nasceu em 20/01/1950 e veio para Foz do Iguaçu de Curitiba. De 1950 até 1972, morou em Barretos. De 1972 até 1973, morou em São José do Rio Preto, Estado de São Paulo. Em 1973, voltou para Barretos e, em 1974, foi para Araraquara, Estado de São Paulo, ficou lá até 1976, depois em Campinas até 1977. Em 1977, foi para Tubarão, estado de Santa Catarina, ficou lá até 1979 e seguiu para Curitiba, ficou lá até 1986. No mesmo ano, foi para Foz do Iguaçu e já passou a morar direto na Vila “A”. O seu supervisor, em Curitiba, da empresa Eletrosul, fez o convite para que trabalhasse em Foz do Iguaçu. Por isso, pensou que pudesse ser melhor, pois a proposta era ir para Florianópolis e não era o que queria. Trabalhou na área comercial de Itaipu. Ele disse: “No meu departamento, eu fui o primeiro cara a ser contratado pela Itaipu, a maior parte do pessoal era emprestado”. Formou-se em Administração de Empresas, já trabalhando na Usina. Os dois primeiros filhos nasceram em Curitiba e o terceiro em Foz do Iguaçu.

A 8ª entrevistada é natural de Nova Petrópolis, Estado do Rio Grande do Sul, nasceu em 13/03/1951. Tem o terceiro grau incompleto, o ensino médio ela fez no Rio Grande do Sul e em Foz do Iguaçu fez parte do terceiro grau, mas aqui ela não começou logo a estudar, porque tinha as filhas pequenas e, segundo ela, em Foz do Iguaçu era difícil encontrar uma pessoa para cuidar das meninas. A primeira filha nasceu em Paraibuna, interior de São Paulo e veio para Foz do Iguaçu com 5 meses de idade, devido ao trabalho do esposo, que foi trabalhar em Itaipu como desenhista projetista. Nesse primeiro momento, ela também trabalhou em Itaipu. Em 1977, veio da cidade de São Paulo para Foz do Iguaçu, onde a segunda filha nasceu. Ficaram em Foz do Iguaçu até 1982, quando a construção da barragem ficou concluída e aí mudaram para Porto Velho, Estado de Rondônia. Em Porto Velho, não trabalhou e permaneceu lá por um ano. Depois disso, voltou para Foz do Iguaçu quando trabalhou nas relações públicas de Itaipu, local em que se aposentou.

O 9º entrevistado é natural de São Francisco do Sul, Santa Catarina, nasceu em 14/06/1958. Morou em Irati durante quatro anos, quando fez o Curso de Técnico Florestal, entre os anos de 1976 e 1980. Depois fez um concurso e passou a trabalhar no Porto de São Francisco do Sul. Na sequência morou um ano em Gaspar, no Estado de Santa Catarina. Nessa época, ele já era técnico florestal devido ao curso que fez em Irati. Depois de Gaspar, foi para Foz do Iguaçu. Fez Ciências Biológicas, já trabalhando na Usina Hidrelétrica de Itaipu. Trabalhou como técnico florestal pela Itaipu na beira do lago de São Miguel do Iguaçu. Já veio para a região de Foz do Iguaçu casado. A primeira filha nasceu em São Francisco do Sul e a segunda em São Miguel do Iguaçu. Como o salário dele na época, antes de vir para Foz do Iguaçu, estava defasado, procurou outro trabalho. A escola em que ele havia feito o curso técnico indicava seus alunos para alguns lugares em que havia trabalho na área. Dessa forma, existiam três cidades com propostas de trabalho, mas, como a sua esposa (ele a conheceu numa viagem para Foz do Iguaçu), na hora de escolher a cidade, conta que ela optou por Foz do Iguaçu. Iniciou trabalhando pela empreiteira Instituto Iguaçu e depois se efetivou em Itaipu.

O 10º entrevistado é uma pessoa saudosista, traz muitas lembranças da sua mãe e de seu pai. Demonstrou saudades da família e um pouco de sofrimento com a vinda para Foz do Iguaçu. Mesmo assim, tem muita gratidão pelas experiências profissionais, pessoais e os amigos que Itaipu proporcionou. Conforme mencionou: “Essa época foi boa demais”. Os quatro exemplares dos informativos da UNICON impressos e encadernados utilizados na pesquisa foram fornecidos por ele. Nasceu em Juiz de Fora, em 30/09/1954. Saiu de Juiz de Fora ainda solteiro, serviu o exército e foi para Brasília, quando foi convidado para trabalhar na Câmara dos Deputados. Chegando lá, o concurso demorou para sair. Com isso, foi trabalhar de motorista na própria Câmara dos Deputados, prestando serviços para os políticos. Com 19 anos, começou a trabalhar nesse lugar e ficou lá entre os anos de 1974 e dezembro de 1975, atendia José Sarney (ex-presidente do Brasil), Simon (ex-ministro da agricultura) etc. Em seguida, veio para Foz do Iguaçu com o pessoal da administração da Usina, quando começou a trabalhar na obra de Itaipu. Veio de Brasília e chegou à Foz do Iguaçu, em 20 de fevereiro de 1976, ingressou na Usina Hidrelétrica de Itaipu, 5 dias depois. Conheceu sua esposa na barragem, casou-se em 1977 e teve os três filhos em Foz do Iguaçu. O pai dela era operador de Terex (máquinas pesadas), seu irmão trabalhava como motorista, todos em Itaipu. Oito meses depois do casamento a família de sua esposa partiu para outra cidade. Veio para Foz do Iguaçu com o pessoal da administração de

Itaipu, começou trabalhar com eles e morou um tempo com eles também. Trabalhava na Vila “A”, no conhecido “Barracão Azul”, no setor de recreação e bem-estar social que prestava serviço para a Itaipu, tanto do lado brasileiro quanto do lado paraguaio.

O 11º entrevistado é natural de Santo Cristo, Estado do Rio Grande do Sul, e nasceu em 17/12/1957. Trabalhou desde criança na área rural, saiu com 15 anos de idade para ir morar em Toledo, no Estado do Paraná, quando seu pai montou um comércio no qual trabalhou com a família. Veio para Foz do Iguaçu em 1976, para prestar serviço militar. No ano seguinte, em 1977, quando saiu do exército, seus pais já não estavam mais morando em Toledo, haviam mudado para Cascavel. Como seus pais já não estavam em Toledo e ele já tinha o sonho de entrar em Itaipu, logo deu certo o trabalho na empresa, então, ele acabou ficando em Foz do Iguaçu, já como efetivo de Itaipu e não por empreiteira. Trabalhou na área da segurança física da empresa. Casou-se em 1983, já trabalhando na empresa. Os dois filhos nasceram em Foz do Iguaçu, na Vila “A”. Esse funcionário é uma pessoa altruísta, não mediu esforços para contribuir com o estudo, demonstrou muita alegria em passar as informações e fez isso com muita propriedade. Tem arquivadas muitas fotos da história dele com outras pessoas vividas em Itaipu e, gentilmente, disponibilizou todos os arquivos que tinham alguma relação com a pesquisa.

A 12ª entrevistada é natural de Pato Branco, no estado do Paraná, nasceu em 15/08/1938. Veio para Foz do Iguaçu com três anos de idade, é pedagoga, fez a faculdade semipresencial em Jandaia do Sul, na época já morava em Foz do Iguaçu e viajava para estudar. Foi a primeira diretora do Colégio Estadual Almirante Tamandaré, na cidade de Foz do Iguaçu. Logo em seguida, já com uma carreira sólida, foi convidada para trabalhar em Itaipu para cuidar de toda a parte educativa da empresa, pois a parte pedagógica era comandada por Itaipu, inclusive, a qualidade do ensino e pagamento do pessoal. Ela esteve à frente dos cadastramentos dos alunos, orientação pedagógica, da parte administrativa, dentre outros trabalhos no que diz respeito ao provimento do ensino pela Itaipu. Só conseguiu casa na Vila “A”, em 1983. Antes, morava no centro da cidade de Foz do Iguaçu.

O 13º entrevistado é natural do Rio de Janeiro, nasceu em 26/07/1959. Veio para Foz do Iguaçu em julho de 1976, com 25 anos de idade. Tem formação em arquitetura, foi contratado para trabalhar na área de infraestrutura de Itaipu e participou também dos projetos das Vilas de Itaipu. Casou-se em Foz do Iguaçu e teve os seus filhos também na mesma cidade. É uma pessoa com um conhecimento vasto na área de planejamento e urbanismo e, como esteve à frente do

planejamento das Vilas de Itaipu desde a fase inicial, pôde fornecer explicações importantes sobre a Vila "A", no que diz respeito a toda a organização do espaço e seu entorno. O entrevistado, sempre com muita paciência, tranquilidade e boa vontade, não mediu esforços para fornecer as informações necessárias para a pesquisa.

Ao chegar em Foz do Iguaçu, quase todos os entrevistados passaram por dificuldades para conseguir moradia, pois havia falta de casas tanto na Vila "A", como no restante da cidade. Muitos tiveram que morar um período de tempo nos alojamentos de Itaipu, em hotéis da cidade e em algumas áreas no Paraguai.

Os depoentes são todos imigrantes, a maioria vieram na juventude e trazem uma visão positiva de Itaipu. A apresentação inicial foi importante para que se pudesse conhecer os autores e entrevistados que foram alicerces para o processo de construção da pesquisa e os indivíduos que fizeram parte das entrevistas, que reificaram a memória com suas histórias e procuraram resgatar a realidade do trabalho em Itaipu, em um momento histórico comum entre eles. Ainda que em funções diferentes, puderam compartilhar a experiência de um espaço coletivo para morar, que foi a Vila "A". O 13º entrevistado foi o único que teve a sua moradia em um outro espaço comum da cidade de Foz do Iguaçu, mas que esteve presente em quase todo o processo, como sujeito participativo nas três Vilas. Na Vila "A" ocupou o cargo de vice-prefeito, nomeado por Itaipu.

Da mesma forma que as entrevistas foram importantes para esse trabalho, destaca-se também a presença da UNICON (União das Construtoras Nacionais), consórcio das empreiteiras encarregadas de construir Itaipu e demais empresas que também estavam presentes, como CONEMPA (Companhias de Empresas Paraguaias), ITAMON (Construções Industriais Ltda.) e CIEM (Consórcio Itaipu Eletromecânico)⁴. A UNICON editava um informativo – outro conjunto de fontes da dissertação – que tinha como propósito mostrar todos os eventos e demais atividades relacionadas com Itaipu, seus funcionários e agregados, assim como as construções e projetos realizados pela empresa, direta ou indiretamente. Percebe-se que esse informativo tinha por objetivo enaltecer a imagem de Itaipu, trazendo-a como exemplo para o planejamento e execução de projetos de várias naturezas, principalmente na área do lazer e a sociabilidade dos indivíduos que pertenciam à Itaipu, bem como a importância da empresa para a cidade e região onde Itaipu estava instalada.

⁴ A responsabilidade das obras de construção civil de Itaipu ficou a cargo dos consórcios UNICON (brasileiro) e CONEMPA (paraguaio), enquanto as obras de montagem eletromecânica foram executadas pelos consórcios ITAMON (brasileiro) e CIEM (paraguaio).

O Informativo da UNICON demonstra que as atividades esportivas e de lazer eram oferecidas tanto do lado Paraguaio quanto do lado Brasileiro, pois constam nesse material as atividades que eram realizadas nos dois países e em diferentes espaços, uma parte escrita em português e outra em espanhol. As práticas de lazer não eram desenvolvidas somente nas Vilas de Itaipu e na Empresa, existiam outros espaços nos seus entornos nos quais se permitia a fruição das práticas de lazer e outras atividades.

A partir da apresentação dos autores, dos sujeitos entrevistados e do Informativo da UNICON (União das Construtoras Nacionais), acredita-se que foi possível conhecer os elementos que permitiram construir a pesquisa.

1 DISCUSSÃO TEÓRICA, CONCEITUAL, DOCUMENTAL E HISTÓRICA SOBRE O LAZER E A ITAIPU

1.1 A CONSTRUÇÃO DE ITAIPU

A Usina Hidrelétrica de Itaipu foi construída por dois países, Brasil e Paraguai, entre os anos de 1975 e 1982, aproveitando os recursos hídricos do Rio Paraná. A construção de Itaipu, em razão da geração de empregos, ocasionou o deslocamento de pessoas e famílias, principalmente para a cidade de Foz do Iguaçu. Muitos vieram em busca de um trabalho que pudesse, de alguma forma, lhes dar estabilidade e até mesmo um lugar para morar (RIBEIRO, 2002).

Até 2012, a Itaipu era a maior Usina Hidrelétrica do mundo. Hoje, está na segunda colocação, perdendo para a Usina de Três Gargantas na China, que tem capacidade instalada 60% maior que Itaipu. Ocorre que, mesmo tendo maior capacidade de produção, Itaipu ainda é a maior geradora de energia do mundo na prática, pois, mesmo com menor capacidade produtiva, conforme a própria empresa relata no site Itaipu (2019), ainda detém os recordes de produção real de energia elétrica.

Sobre as empresas envolvidas na construção de Itaipu e suas Vilas, o 13º entrevistado esclarece:

[...] Existia o consórcio da UNICON, que eram empresas contratadas para construir a Usina, né? E existia também a Itaipu. Então tinha uma empresa, que era contratada na época, chamada CAEB, que era uma empresa, que como não existia ainda a empresa Itaipu para fichar os funcionários, existia uma empresa contratada da Itaipu que era a CAEB que era aquela que fichava e demitia todos os funcionários, que estavam fora da área da barragem, que era toda a área de infraestrutura, fazer as Vilas “A”, “B” e “C” e cuidar de toda essa infraestrutura, né? Depois se não me engano, no ano de 85, 86 por aí, então consolidou-se a empresa Itaipu Binacional, e aí quem era das consorciadas, se houvesse interesse da empresa, e no caso do indivíduo profissional, ele passaria então para o Quadro efetivo da Itaipu, que é o que tem até hoje.

A foto 1, a seguir, mostra a Usina Hidrelétrica de Itaipu, do lado brasileiro, logo no início da sua construção, em 1977.

Foto 1 – Construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu em 1977



Fonte: Acervo pessoal do 11º entrevistado.

A construção de Itaipu mudou o ciclo de vida de muitos, em vários sentidos. As pessoas moradoras dos espaços no qual aconteceriam as obras relativas à Itaipu tornaram-se personagens relevantes no que diz respeito às estratégias do governo, interna e externamente.

Catta (2002, p. 70) aponta:

[...] O general José Costa Cavalcanti, enquanto ocupante daquele cargo, teve participação direta nas questões referentes às desapropriações das áreas que seriam alagadas pelo Lago de Itaipu, e pelo local onde seriam construídos os conjuntos

habitação, que muitos transtornos ocasionaram aos antigos colonos e moradores daquela região.

Sobre as questões geradas quanto ao desenvolvimento da cidade de Foz do Iguaçu, Catta (2002, p. 122) faz a seguinte reflexão:

Um aspecto especial para a compreensão do desenvolvimento acelerado de Foz do Iguaçu é o de que as transformações ali operadas não foram os resultados de um fator isolado como, por exemplo, o turismo às Cataratas, ou especificamente a construção da Usina de Itaipu, ou o incremento do comércio de fronteira, ou mesmo a expansão agrícola experimentada por todo o oeste do Estado do Paraná nas últimas décadas.

No início da construção de Itaipu, o trabalho era exaustivo e nem todas as pessoas que vieram para Foz do Iguaçu estavam preparadas para aquelas condições de trabalho ou “qualificadas” para exercer as funções na obra de acordo com as exigências. No caso, foi instalado um problema, pois muitos vieram para Foz do Iguaçu com o sonho de um trabalho em Itaipu, mas nem sempre deu certo e, com isso, muitos não tiveram condições de voltar. Sobre o trabalho em Itaipu, Ribeiro (2002, p. 64) explica:

A saúde do corpo recebia critérios de eficiência e produtividade, tal como ocorria com as máquinas. O fornecimento de glicídios era calculado de acordo com a atividade: 1500 a 1700 calorias para o pessoal do setor administrativo; 2000 calorias para os operários. Brasileiros e paraguaios eram servidos de acordo com os hábitos alimentares de seus países e em conformidade com os cargos que ocupavam na obra. Os restaurantes eram divididos em A, B e C, assim como as vilas residenciais (Cf. filme *Le Barrage d'Itaipu*). Tudo era minuciosamente calculado. Para os funcionários que não podiam abandonar seus postos, as refeições eram servidas no local de trabalho. Quem trabalhava a uma temperatura inferior a 10°C, tinha direito a uma dose de chocolate quente. A cada período de três horas, eram servidas barras de chocolate. Se a temperatura elevasse excessivamente, o funcionário recebia pastilha de sal, para evitar a desidratação. Tudo estava previsto. O ritmo da obra era contínuo, 24 horas por dia, todos os dias do mês, sem queda de ritmo. Em meio a uma “floresta de ferro”, os trabalhadores davam forma à Itaipu.

Alguns problemas foram gerados para a população, em função da construção de Itaipu, principalmente para as pessoas com baixo poder aquisitivo que buscavam um trabalho como mão de obra bruta. Muitos chegavam na cidade com esperança de um emprego, mas nem sempre eram admitidos na empresa e acabavam ficando em Foz do Iguaçu, por impossibilidade de retornar para a cidade de origem, por conta das questões de ordem financeira. Em virtude desses acontecimentos, foram gerados alguns problemas sociais locais, como o subemprego e o favelamento (CATTÁ, 2002).

Ribeiro (2002) relata o problema social ocorrido em Foz do Iguaçu devido à construção de Itaipu. A dificuldade de adaptação dos funcionários decorrente do trabalho exaustivo dos “barrageiros” e a falta de condições para retornar às suas cidades de origem, favoreceram algumas mudanças no perfil da cidade de Foz do Iguaçu.

A construção da Hidrelétrica movimentou um contingente de mão de obra e agregados que chegou a ser maior que a população do município que havia em 1970. De acordo com os dados do IBGE, em 1970, Foz do Iguaçu contava com 33.970 habitantes. Em 1980, a população aumentou para 136.320 habitantes; e, em 1995, Foz do Iguaçu contava com 210.000 habitantes (RIBEIRO, 2002, p. 53).

No entanto, Catta (2002) comenta sobre a pacata cidade do interior do Brasil que acabava por se transformar em uma agitada moderna cidade do interior do país. O marco espaço-temporal representado pela construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, entre os anos de 1973 e 1991, se deu numa época em que o neoliberalismo estava em ascensão. Um movimento grande de pessoas vinha para Foz do Iguaçu em razão das compras no Paraguai. Assim, o terminal rodoviário foi um lugar muito frequentado. Para ali, chegaram pessoas de diversas regiões do país. O terminal rodoviário pode ser considerado um dos principais espaços de sociabilidade da época, pois ali as pessoas trocavam informações e muitas vezes passavam longas horas naquele local, quase como um “ponto de encontro”. É possível dizer que “os anos 70, portanto, foram um marco importante no redimensionamento espacial e cultural da fronteira” (CATTÀ, 2002, p. 33).

O 3º entrevistado conta: “Em 78 quando eu comecei a trabalhar, tinha 40 mil funcionários, o meu crachá já era o 39.736. Tinha gente de todo país”.

A construção da Hidrelétrica iniciou em 1974 e, em 1982, houve um espetáculo assistido por uma grande quantidade de pessoas. Foi o fechamento de doze comportas, para iniciar o enchimento do Lago Artificial da Usina Hidrelétrica de Itaipu. A construção da Usina afetou diretamente os municípios da região oeste do Paraná, causando polêmicas tanto no meio técnico quanto no meio intelectual, pois uma mudança significativa ocorreu em vários aspectos, culturais, sociais, afetivos, econômicos e ambientais. Mas o governo militar da época, comandado pelo General Emílio Médici, Ernesto Geisel e João Figueiredo, no Brasil e, no Paraguai, por Alfredo Stroessner, acabou por silenciar os questionamentos sobre alguns pontos a respeito da construção de Itaipu (RIBEIRO, 2002).

Em decorrência do impacto ambiental gerado pela construção da Usina, o 13º entrevistado comenta: “Se fosse para construir depois da convenção do meio ambiente, com toda a legislação do CONAMA⁵, não teria construído mais”.

Quanto aos trabalhos em Itaipu, foram admitidos diferentes perfis de profissionais. De acordo com as funções desenvolvidas na empresa geradora de energia, três conjuntos habitacionais da Usina Hidrelétrica foram construídos e designados para a moradia, denominados: Vila “A”, Vila “B” e Vila “C”. Cada um destinado para uma categoria de funcionários. O primeiro considerado de nível intermediário, voltado para os funcionários das áreas técnicas e administrativas, de nível médio. O segundo, voltado para os funcionários com nível superior, de alto escalão, os engenheiros, economistas e outros executivos, bem como os que ocupavam cargos de chefia e o terceiro, para os “barrageiros” e trabalhadores braçais da construção civil na Usina Hidrelétrica de Itaipu (CPT, p. 34 apud RIBEIRO, 2002).

Para Catta (2002, p. 95), 4.750 casas foram construídas do lado brasileiro e em igual número do lado paraguaio, para que os trabalhadores da empresa pudessem morar. Mas, o padrão de moradia, a estética, a segurança, o isolamento, estavam relacionados ao status daquelas pessoas que estavam ligadas à Itaipu. Dessa forma, se estabelecia o processo de hierarquização entre aqueles que de alguma forma estavam vinculados à empresa.

As características das construções na Vila “C” eram de alvenaria, pré-fabricadas, estilo galpões, com telhado de zinco. Já na Vila “A” e Vila “B”, os padrões das casas eram um pouco melhores, se diferenciando entre elas também (SOTUYO, 1998).

Catta (2002) evidencia que os *modus operandi* de organização da Itaipu proporcionaram a hierarquização dos seus funcionários, no trabalho, nas vilas e se estendeu para o olhar das pessoas na própria cidade. Nesse aspecto, Sotuyo (1998) afirma que procurou-se criar uma identidade coletiva diferenciada do resto da cidade, ancorada em princípios hierarquizantes.

Para amenizar essas diferenças eram promovidas atividades voltadas para uma pseudointegração por meio de jogos, gincanas e atividades beneficentes. Mas essas estratégias acabavam por se manter isoladas entre si (CATTI, 2002).

Quanto às definições das funções desempenhadas na construção de Itaipu, o conceito de “barrageiro” traz compreensões distintas. Para Sotuyo (1998), “barrageiro” é uma denominação atribuída aos trabalhadores braçais que estão ligados à construção de barragens, mas, na fala dos

⁵ Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA).

entrevistados, essa denominação não é tão marcada assim. Alguns consideram que, pelo fato de terem trabalhado na construção da barragem de Itaipu, independente do trabalho que executaram na obra, braçal ou não, eles adotam para si a mesma denominação: “barrageiros”.

“Barrageiro” é todo aquele que vem trabalhando de barragens em barragens [...] Na época do governo militar, a política adotada era para a continuidade das barragens, para a produção de energia elétrica, mas depois foi mudado. Mas pra mim “barrageiro” é todo aquele que trabalha diretamente ou indiretamente na barragem (11º entrevistado).

O 13º entrevistado entende que “barrageiros” “são todos aqueles que estão diretamente ligados às obras civis da barragem, desde às escavações a sua conclusão”.

O evento que foi a construção de Itaipu levantou várias possibilidades para estudos de alguns conceitos. Foi uma obra binacional, de repercussão mundial, em uma época de governos militares (Brasil e Paraguai) em que a ideologia política e a organização da fronteira tinham uma característica peculiar e influenciou, não só aqueles que de alguma forma estavam inclusos no trabalho em Itaipu, como outras pessoas também. Um dos motivos foi o fenômeno de migração e imigração do Brasil e do Paraguai em função da obra de Itaipu.

As ruas, os locais de encontro e de lazer, a configuração espacial da cidade de Foz do Iguaçu, pouco se alterou entre os anos de 1963 e 1973. Para se ter uma ideia dessa imutabilidade, a cidade, em 1974, possuía duas praças públicas para atender ao lazer das pessoas (CATTA, 2002).

De acordo com o mesmo autor, até mais ou menos 1975, Foz do Iguaçu tinha uma sociabilidade distinta, a maioria das famílias se conhecia, os lugares de lazer se concentravam em poucos locais, como o cinema (o Cine Iguaçu começou a funcionar em 1970 e, logo após, mudou o nome para Cine Salvatti), o cassino (do lado Paraguai), as pescarias no Rio Paraná e Iguaçu, as festas da comunidade e da igreja.

Depois, alterou-se essa configuração da sociabilidade, principalmente pela construção de Itaipu. Em alguns depoimentos, todos apontam para o “paraíso perdido”, pois aumentou o fluxo de pessoas, além da diversidade cultural. Alguns problemas que antes quase não ocorriam, vieram a ocorrer, como é o caso do aumento da violência. As pessoas que vieram de outras regiões para Foz do Iguaçu, em razão da necessidade de se relacionar e as dificuldades de adaptação com a nova realidade, constituíram novas formas de sociabilidade. A proximidade e a união figuravam como uma forma de passar a integrar a nova realidade (CATTA, 2002).

Para Catta (2002), a Itaipu influenciou diretamente ou indiretamente nas formas de sociabilidade das pessoas. Além da empresa influenciar os indivíduos nesse aspecto, também esteve presente na execução da segurança dos bairros e essa segurança acabou por influenciar na forma de viver das pessoas. A 8ª entrevistada diz: “a gente saía e nem trancava a casa, podia sair sem preocupação, podia esquecer. A vila “A” era totalmente segura”.

Sobre a interferência de Itaipu, o 3º entrevistado comenta:

A Itaipu fazia a segurança no bairro, se você quebrasse uma tranca da porta, ligava lá e eles vinham, qualquer problema era só ligar que eles vinham, no final do ano tinha cesta, brinquedo para as crianças, eles tinham que fazer alguma coisa para atrair as pessoas em Foz do Iguaçu, além do salário tinha 13% a mais porque deslocou para vir trabalhar aqui na fronteira (...). A Itaipu ofereceu saúde, segurança, tinha floricultura para as mulheres grávidas, eles distribuíam leite ninho, leite de soja para elas, distribuição de vitaminas para as mulheres grávidas, as mulheres que eram esposas dos funcionários de Itaipu.

Nas décadas de 1970 e 1980, a Itaipu foi um dos projetos de modernização que integrou o movimento de desenvolvimento nacional, que traria desenvolvimento e progresso, com intuito de enaltecer a grandeza do país e assegurar interesses do capital financeiro e econômico, gerando energia para grandes centros (RIBEIRO, 2002).

Assim como entender a história da construção de Itaipu é necessário para compreender as bases em que foi fundamentado o estudo, também é necessário pensar o lazer no seu sentido amplo, contextualizá-lo historicamente, principalmente no Brasil. Outro aspecto a que se propõe o item a seguir é compreender a relação do lazer a partir de Itaipu, em determinado tempo e espaço próprios.

1.2 CONCEITOS DE LAZER

O ser humano, em todas as épocas soube brincar. Independentemente da idade e condições sociais souberam encontrar seus momentos lúdicos, sendo capazes de iludir suas preocupações e de encontrar formas de diversão. A ludicidade e a diversão podem acontecer em qualquer momento da vida, até mesmo no trabalho, na obrigação familiar e na militância político-sindical. A ludicidade é intrínseca, um estado de espírito que pode ser passageiro. O exercício do lúdico independe do tempo, já o lazer é o tempo no qual se pode dedicar apenas ao lúdico, ele é

específico. No lazer pode ou não atingir o lúdico, vai depender de vários fatores. (CAMARGO, 1998).

Definido socialmente, o lazer seria a satisfação de uma necessidade humana complexa, que é colocada em prática por meio de experiências que são individualmente definidas como prazerosas. Desse modo, cada pessoa percebe o lazer de acordo com suas preferências e com os recursos disponíveis para satisfazer suas necessidades e poderá valorizar os resultados de maneira diferenciada, conforme seus sistemas de valores e aspirações (MARCELLINO, 2000).

O sociólogo francês Dumazedier (1976, p. 94) caracterizou lazer da seguinte maneira:

Como um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Por sua vez, De Masi (2000) traz uma outra forma de conceber o lazer. Ele fala do ócio criativo, que significa o lazer dentro do ambiente de trabalho, ou fora dele, mas conectado ao trabalho. Ele pode ser entendido como uma forma de recompensa para voltar a produzir mais. Essas ideias já foram criticadas por alguns autores, porque entende-se que a única razão para esse ócio criativo é o utilitarismo e não o bem-estar do indivíduo na sua plenitude.

O perfil das atividades de lazer em épocas passadas traz peculiaridades próprias. Elas acabavam sendo misturadas com o trabalho e vice-versa. Nesse sentido, a modernidade se encarregou de delimitar o tempo de lazer e o tempo de trabalho, em que só inicia um quando acaba o outro.

Na perspectiva de Masi (2000), ressurgiu o encontro entre o lazer e o trabalho. Evidentemente que a pós-modernidade apresenta uma nova mescla entre os tempos de trabalho e lazer diferente daquela que havia antes da dicotomia trazida pela modernidade, pois a realidade atual é muito distinta. Um arquiteto pode estar tendo lazer ao criar uma planta de uma casa, ou ter uma ideia de trabalho criativa ao assistir um filme no cinema.

Para Camargo (1992), a escolha do lazer se caracteriza pela busca do prazer e existe a partir da espontaneidade. Mesmo assim, não significa que toda atividade de lazer vai ser prazerosa, por exemplo: ir assistir a um jogo e ver seu time ser derrotado.

Segundo o mesmo autor, o lazer não é totalmente autônomo, existem “rotulações”, pois nem tudo o que causa satisfação o indivíduo tem coragem de praticar. O que existe em relação ao lazer é uma maior disponibilidade ou facilidade para o exercício da espontaneidade e realizações pessoais. Dumazedier (1980) entende que as atividades de lazer abrem espaço à criatividade e à realização da personalidade.

Camargo (1998, p. 27) compreende que:

O termo lazer (do latim *licere*, “ser permitido”) não é recente, surgiu na civilização greco-romana, já então como o oposto ao trabalho. O ideal do cidadão livre, tanto em Atenas quanto em Roma, até a consolidação do cristianismo, era a plena expressão de si mesmo nos planos físico, artístico e intelectual.

Nas raízes, o termo trabalho é visto como algo negativo, pois suas origens vêm do termo *tripalium*, que era conhecido como instrumento de tortura (CAMARGO, 1998).

Para Requixa (1977), o lazer é uma ocupação não obrigatória de livre escolha do indivíduo que a vive, cujos valores propiciam condições de recuperação psicossomática e de desenvolvimento pessoal e social.

Para Marcellino (1983, p. 24):

O conceito de lazer que se restringe à consideração do tempo também incorre em áreas nebulosas, como as exemplificadas pelo fato de que o mesmo indivíduo pode em um dado período de tempo, desenvolver atividades simultâneas. E o próprio conceito do “tempo livre” não deixa de ser simplista, uma vez que nas relações sociais tempo algum é totalmente livre de coerções ou de normas de conduta.

Entre os estudiosos do lazer verificam-se duas linhas de pensamento que o define. A primeira pensa o lazer como atitude, considerando este um estilo de vida e independe de um tempo determinado. Já a segunda define o lazer como um “tempo liberado” do trabalho, ou “tempo livre”, não só do trabalho, mas de outras obrigações como: familiares, sociais, políticas e religiosas (MARCELLINO, 1983).

Pensando no contexto social, quando se fala em passividade no lazer, está associado ao assistir e a atividade está associada ao fazer, à prática, o sujeito ativo. Na verdade, a passividade ou a atividade é determinada pela atitude que o indivíduo assume na prática ou no consumo. Dessa forma, o espectador pode ser até mais ativo que o praticante. Na medida em que o

indivíduo assume um comportamento consciente daquilo que está vivenciando, este torna-se um sujeito ativo (MARCELLINO, 1983).

Conforme Bruns (1997, p. 123), “a recreação é um termo menos abrangente do que o lazer. Recreação pode ser considerada como o produto, isto é, atividade/experiência que ocorre dentro do lazer”.

Para Marcellino (1983), os interesses de lazer são divididos em artísticos, intelectuais, manuais, físicos e sociais. Na sequência dessa classificação, um outro autor, o sociólogo brasileiro Camargo (1992), coloca também um sexto grupo de conteúdos culturais de lazer, caracterizado pelos interesses turísticos.

Dumazedier (1980) define os interesses culturais de lazer da seguinte maneira:

Interesses físicos: vontade de se exercitar fisicamente, pelo fato de manter-se em forma e também a motivação estética ou a contemplação da paisagem nas caminhadas é a força propulsora para essas práticas. Marcellino (1987) evidencia que, dentro dos interesses pela atividade física, incluem as diversas modalidades esportivas. Camargo (1992) explica que esses interesses podem estar associados a uma infinidade de outros interesses. O exercício físico pode estar ligado unicamente pela vontade de manter a forma, como também a escolha de uma caminhada pela vontade de fazer amigos e, para outros, esta mesma atividade pode significar o encontro consigo mesmo.

Interesses manuais: expressam-se por ações em que as mãos são a característica essencial para manipular ou transformar objetos como no artesanato, nos concertos e restaurações, na culinária, no tricô, no crochê, bordados etc., ou para transformar a natureza, exemplo a jardinagem e o cultivo de plantas e flores.

Interesses artísticos: esses interesses de lazer representam a expressão artística. O critério dominante do seu conteúdo é o belo, o estético, quando o indivíduo tem aspirações de beleza, de encantamento. Compreende habitualmente, na prática, as várias formas de cultura e todas as manifestações artísticas.

Interesses intelectuais: esses interesses de lazer voltam-se para a objetividade, para a informação, para a documentação e têm como caráter dominante o cognitivo. Tem como fonte de prazer o conhecimento, levando a busca de informação e aprendizagem. A arte está para o encantamento e a ciência a principal fonte de satisfação dos interesses intelectuais. Muitos sentem satisfação na leitura elaborada de livros, filmes, documentários, etc.

Interesses sociais: esses interesses estão relacionados ao conteúdo de sociabilidade expresso no contato com as pessoas. No contato com seus pares, os indivíduos exprimem os seus interesses culturais. A preponderância não é de ordem cultural, mas social, o conteúdo cultural pode servir de mediador para os indivíduos se encontrarem. Nesse aspecto, prevalecem os relacionamentos entre pessoas que podem acontecer em reunião de amigos, nos clubes, residências, bares, associações, igrejas, grupos, etc.

Interesses turísticos: têm como base a busca pela mudança de contemplação da paisagem, do ritmo e do estilo de vida. O turismo é a atividade que desperta o fascínio de conhecer novos lugares, novas formas de vida.

Oliveira (1997) faz alguns apontamentos a respeito dos conceitos de lazer, tal visão pode ser identificada na ótica funcionalista que perpassa o conceito de lazer e está presente, especificamente, nas abordagens **Utilitaristas** que procura recuperar a força de trabalho do sujeito a partir do lazer, desconsiderando todas as outras variáveis que influem nesta recuperação. **Compensatória:** que objetiva compensar o que o trabalho retira do indivíduo e do grupo principalmente por meio do lazer; **Moralista:** por meio do lazer, objetiva-se afastar as pessoas das drogas lícitas e ilícitas e dos pensamentos e práticas consideradas perniciosas. Discurso bastante difundido pelos segmentos religiosos e; **Romântica:** cujo entendimento sobre o lazer resguarda um saudosismo inibidor de novas práticas a partir de uma postura conservadora e, às vezes, retrógrada.

Marcellino (1987) denuncia as abordagens funcionalistas do lazer nas sociedades capitalistas, afirmando serem elas conservadoras, pois buscam a manutenção da ordem social. Em contraposição ao trabalho, o lazer quase sempre é visto como uma fuga, uma vez que possibilita ao trabalhador suportar a disciplina e a regra, compensar a insatisfação e alienação provocada pela mecanização das ações profissionais, recuperar as forças físicas, aliviar o estresse, sempre em busca da paz e da harmonia social. Sua perspectiva revolucionária é acentuada diante das características de participação, criticidade, criatividade, autonomia, capazes de provocar mudanças na ordem social, na coletividade e também na dimensão individual. O lazer pode ser instrumento de transformação da sociedade, do autoconhecimento, da saúde e qualidade de vida.

Nesse momento, talvez seja precoce tentar enquadrar a Itaipu, em alguma dessas abordagens, é preciso dar continuidade aos estudos sobre o lazer a partir de Itaipu, tendo como recorte a Vila “A”, para buscar uma melhor compreensão de como aconteceram as práticas de

lazer e sociabilidade e qual o impacto que elas tiveram naquele momento da construção de Itaipu. Em uma análise mais superficial, o lazer a partir da empresa Itaipu poderia estar relacionado não somente a uma única abordagem, mas na mistura delas.

Quanto à história da construção de Itaipu, inserida na ideologia do governo militar da época, que esteve presente na administração da empresa, acredita-se que o lazer e a sociabilidade a partir desta gestão tenha sido influenciado pela abordagem funcionalista, pautado no conservadorismo, na ordem e na disciplina, com intencionalidade. Entender o lazer conceitualmente e relacioná-lo com o contexto histórico no Brasil possibilita uma reflexão mais apurada na tentativa de perceber o objeto de estudo.

1.3 CONTEXTO HISTÓRICO DO LAZER NO BRASIL

A proposta desse item é fazer uma reflexão do lazer em vários momentos históricos, com enfoque no século XX, momento em que surgiram interesses por pesquisas sistemáticas na área do lazer. Esses enfoques serão utilizados para a compreensão do lazer na época da construção de Itaipu, que se iniciou na década de 1970.

Diante do contexto, é possível afirmar que o lazer faz parte da vida humana, não só como uma necessidade do homem, mas para a sua própria compreensão, a compreensão do outro e o viver com o outro. Por isso, necessita de uma melhor compreensão e de uma contextualização crítica das relações que permeiam a fruição dessas práticas. O lazer é também objeto de estudos científicos de diferentes áreas do conhecimento, com destaque para as perspectivas sociológica, econômica e psicológica. Esses estudos partem da análise do comportamento humano relacionado principalmente aos conceitos de tempo livre, lazer e trabalho, que se inter-relacionam e acabam por oferecer um amplo sentido (MARCELLINO, 2000).

O lazer acompanha a história do homem, da mesma forma que os seus fundamentos nos diferentes segmentos ao longo do tempo. San Martín (1997) ressalta que o lazer no Império Romano (27 a. C. a 476 d. C.) se realizava de acordo com os princípios gregos, nas classes dominantes para a intelectualidade, o lazer como repouso e, sobretudo, como diversão, era para o povo a chamada “massa”. O conceito de lazer romano estava bem diferenciado entre a elite e o povo. Para a elite, o lazer era recreio, meditação, descanso, vida social. Já o lazer das demais pessoas consistia em um lazer das “massas”, *panis et circenses*, depreciado pela elite social.

Neste caso, o lazer era fundamentalmente entretenimento e um instrumento político de dominação.

Com a queda do Império Romano, nasce uma nova organização social, a sociedade rural caracterizada pelo feudalismo (séculos V e XV). Desde o pensamento aristotélico, as atividades que promoviam o prazer já eram valorizadas. Entretanto, apesar do pensamento europeu ter absorvido, por meio da igreja cristã, o pensamento aristotélico, o prazer, promovido por elementos hedonistas do entusiasmo, da excitação produzida pela música, o drama, os jogos etc., foram suprimidos. O lazer do povo continuou sendo basicamente um tempo de repouso e de festa, organizado e controlado pela Igreja Católica e os senhores feudais, que governavam a vida do povo e ditavam as concepções e valores da sociedade. O lazer se misturava com as festividades religiosas, gerando, muitas vezes, festas pagãs e fora das normas da Igreja (SAN MARTÍN, 1997).

Montejano (1996) destaca que, para a elite do período medieval, o lazer se exibia como ostentação, pois despertava respeito social, já que demonstrava riqueza e, por consequência, poder.

Para Brasileiro (2012), a ideia grega de contemplação, sem desaparecer totalmente, vai perdendo espaço durante a Idade Média, embora na Renascença, retorne uma valorização a um prazer mental e à liberdade na arte.

Oliveira (1997) diz que, em um determinado momento, quem sabe por oposição aos ideais greco-romanos de ócio, o cristianismo intentou recuperar o valor do trabalho, sem colocá-lo como valor maior da existência. Mesmo a literatura bíblica, apresenta o trabalho como maldição, porém, contraditoriamente à expressão: “o trabalho dignifica o homem”, que é de origem cristã e foi exacerbada pelo protestantismo. Cristãos, Calvinos e Puritanos acreditaram que a riqueza material seria demonstração de saúde espiritual, e a pobreza, conseqüentemente, doenças e males do espírito.

Ortiz (1998, p. 239) salienta que na revolução industrial (entre os séculos XVIII e XIX) os trabalhadores foram obrigados a moldar o seu próprio corpo para o trabalho, pois ficavam até 15 horas diárias em pé. Nas fábricas, esse tempo de trabalho era forjado, os relógios não eram mostrados e os trabalhadores proibidos de utilizar. Esse tempo era usado como disciplina e mesmo que os trabalhadores percebessem o equívoco, não tinham coragem de questionar. A

produção era controlada pelo tempo e objetivava somente o lucro e o ser humano era esquecido, aproximando-se ao corpo máquina, fiel às demandas do capitalismo.

Com a rígida delimitação da jornada de trabalho, fica claro que as transformações provenientes da Revolução Industrial trouxeram a possibilidade de separação de um tempo de trabalho para um tempo de não trabalho (MARCELLINO, 1983).

D'Araújo (2000) comenta que, no século XIX e até a primeira metade do século XX, o Brasil era um país eminentemente agrícola. O processo de industrialização se dá com o capital dos produtores de café que começam a investir na indústria têxtil e processamento de alimentos. Contudo, é a partir do Estado Novo (1937-1945), com a instalação da Companhia Siderúrgica Nacional e da Petrobrás, que o processo de industrialização se intensifica.

Várias formas e estratégias foram utilizadas no período do Estado Novo (1937-1945), a fim de forjar um indivíduo despolitizado, disciplinado, trabalhador, produtivo e submisso. Nesse sentido, os aspectos de instrumentalização do corpo foram verificados ao longo da história de várias maneiras, modificando os interesses ao longo do tempo. Utilizaram-se da instituição familiar e da igreja para enfatizar e fazer cumprir as normas da época (LENHARO, 1986).

Para Almeida e Gutierrez (2011), o lazer também acompanha a história do Brasil. No período do Estado Novo, no governo de Getúlio (1937-1945), as festas, comícios e paradas que aconteciam no momento do lazer do trabalhador, foram utilizados, tanto para construir a imagem do presidente quanto para afastar os operários da ociosidade. Tentou-se transformar o lazer voltado para uma cultura urbana e, assim, o perfil da economia urbano-industrial. A radionovela e o cinejornal tiveram um impacto significativo no lazer da população.

Os acontecimentos no tempo histórico não promovem rupturas bem definidas. A perspectiva do lazer, apresentada por Almeida e Gutierrez (2011), também se observa em uma nova fase militarista, acerca da construção de Itaipu, ao buscar afastar os operários da ociosidade e construir uma imagem ufanista do país.

Com o fim do segundo governo de Getúlio Vargas (1951 – 1954), o lazer com perfil nacionalista passou a ser cosmopolita, de protesto e de consumo. As atividades de lazer foram ampliadas em razão do desenvolvimento industrial, da urbanização e do acesso aos bens culturais influenciados pelos estrangeiros, por meio das artes e dos espetáculos. Nesse mesmo período, como a sociedade urbana cresceu, os habitantes começaram a exigir mais espaços para o lazer (ALMEIDA; GUTIERREZ, 2011).

Frederico (1998) aponta para o momento histórico do Brasil que antecedeu 1964. Intelectuais e artistas tiveram influência política no país, pois tentavam expressar a realidade brasileira e ainda procuravam mostrar a forma com que o lazer era utilizado como política de alienação nas classes populares, exploradas pela apropriação da mais-valia no processo das lutas de classes.

Almeida e Gutierrez (2011) dizem que, no período entre 1946 e 1964, foi presenciado o momento do nacional-desenvolvimentismo, em que as transformações econômicas na indústria possibilitaram um maior acesso ao lazer por meio das artes e espetáculos, e também pela importância que foi dada ao lazer do trabalhador, com a criação de clubes pelas empresas. O destaque da cultura e do folclore e a popularidade do lazer foram contadas por alguns autores como: Darcy Ribeiro, Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freire.

No período desenvolvimentista, os espetáculos de lazer tinham como público-alvo a classe média e alta do país, nessas apresentações procuravam incorporar as características do subdesenvolvimento e do povo brasileiro, já os operários tinham contato com as peças que retratavam questões trabalhistas de exploração, como a mais-valia (ALMEIDA; GUTIERREZ, 2011).

Almeida e Gutierrez (2011, p. 36) relatam o seguinte:

O lazer popular mantinha a tradição do lazer de rua, o circo e as festas típicas católicas. As práticas esportivas tinham como espaço a rua, a empresa e os campos improvisados. Na cidade, ainda em desenvolvimento, havia muito espaço livre para a população de baixa renda organizar atividades lúdicas, enquanto que os setores mais abastados tinham os clubes esportivos e os parques públicos situados, em geral, nas regiões mais valorizadas.

Em 1960, no Brasil, no início da industrialização, a população urbana ultrapassa em número de habitantes à população rural. Nessa época, assiste-se à passagem do lazer enquanto manifestação popular e comunitária, para o lazer como mercadoria de consumo (ALMEIDA; GUTIERREZ, 2011).

Nesse período histórico da década de 1970, de mudanças ocorridas no Brasil e em Foz do Iguaçu, especialmente em função da construção de Itaipu foram agregados em espaços comuns pessoas com linguagem verbal, linguagem corporal, identidade cultural, hábitos, maneiras de usufruir o lazer e de se socializar dos mais variados. Estava instaurado, ainda na década que antecedeu o início da construção de Itaipu, um marco histórico de forte nacionalismo no país.

Com base nos estudos levantados, o momento vivido e a política de um país refletem no perfil do lazer das pessoas. A construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu (1975-1982) ocorreu em um período de forte nacionalismo, durante o governo militar, que iniciou na década anterior em que existia a necessidade de enaltecer a figura das pessoas que estavam politicamente no “comando”. Essas pessoas pretendiam de uma forma positivista demonstrar a importância de Itaipu e até “forçar” o apagamento de possíveis pontos negativos que a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu trouxe em termos ambientais e sociais.

Ramos (1983) explica que, na década de 1960, com o forte nacionalismo do país, devido ao momento político que se fazia presente, com a necessidade de mostrar o Brasil de maneira positiva para a população, quando se debruçaram para buscar por bens culturais, ascenderam duas vertentes, a busca dos valores nacionais, sendo mostrada a “cara” do Brasil e a incorporação de influências estrangeiras.

Com o regime militar (1964-1985) no Brasil, tentaram controlar os espetáculos e o lazer, tudo aquilo que se julgava subversivo, quando possível, foi retirado de cena. O governo pretendia exercer controle sobre a vida social das pessoas. Assim como o regime militar trouxe o desenvolvimento desigual do país, também propiciou a elitização do lazer. Enquanto a classe média tirava proveito dos benefícios oriundos do “Milagre Econômico”, a classe com menor poder aquisitivo teve seu espaço de lazer restringido, levando-a a buscar refúgio em suas casas e nas telenovelas que também propagavam a política do regime (ALMEIDA; GUTIERREZ, 2011).

Lenharo (1986) observa que, nesse contexto, a função da Educação Física era formadora do homem, no imaginário da época (período militar), fisicamente e moralmente. E a tendência higienista⁶ se apropriou desse modelo como impositiva, exigindo uma política repressora e excludente. Via-se o corpo como objeto de transformação do corpo social, com o exército e a sua primeira escola de Educação Física, auxiliando nesses ideais, com apoio inclusive dos Ministérios da Educação e da Saúde.

Na mesma época, mas em um outro aspecto, Lenharo (1986) aponta, para a família, o papel ideológico de disseminar a moral da sociedade, faz apologia ao poder e culmina na formação do homem dócil, obediente, colocando o trabalho como aspecto de alta relevância.

⁶ Surgiu entre os séculos XIX e XX, quando médicos e sanitaristas refletiam sobre sucessivas ocorrências de surtos epidêmicos de algumas doenças. Os hábitos de higiene fizeram parte da prática pedagógica das escolas do país.

De acordo com Bruhns (1997, p. 62), “a existência do tempo de trabalho implica na existência de um tempo de não trabalho que, por não ter inserido no universo produtivo no mesmo momento histórico no qual esse mesmo tempo foi “disciplinarizado” foi, frequentemente, pensado como tempo ocioso, como uma contrapartida da racionalidade humana”.

Nesse contexto, é possível pensar o lazer com vários olhares. Na perspectiva das mudanças sociais, Souza (2008, p. 19) faz a seguinte reflexão:

Com o desenvolvimento das forças produtivas e a divisão social do trabalho, o homem pôde ser capaz de produzir cada vez mais excedente de produção. Em tese, esse excedente de produção permite ao homem se libertar da condição de trabalhar apenas para sobreviver, propiciando estabelecer, cada vez mais, novos objetivos.

Pensando o lazer dentro de uma evolução histórica, é importante conhecer as tendências da Educação Física para tentar compreender a inserção do lazer e seus significados, haja vista que o campo da Educação Física é um dos que mais tem relação e proximidade com os estudos científicos na área do lazer.

Para Castellani Filho (1988), a Educação Física tem base nas seguintes tendências: Higienista (até 1930), Militarista (1930 – 1945), Pedagogicista (1945 – 1964) e Esportivista (1964 – 1985). Todas elas têm caráter biologizantes. Nas décadas de 1970 e 1980, outras propostas foram desenvolvidas trazendo um caráter mais pedagógico, na tentativa de romper um pouco com o caráter voltado à aptidão física. Mesmo assim, os elementos históricos não demonstram uma ruptura cronológica precisa e algumas características se perpetuam ao longo do tempo.

As tendências Higienistas e Militaristas, de modo geral, são pautadas na disciplina. Dessa forma, Foucault (2008) faz alguns apontamentos. No interior de um dispositivo disciplinar, todas as atividades são rigorosamente controladas, vigiadas e bem determinadas em função do tempo. A boa qualidade do tempo supõe que, durante todo o seu decurso, o corpo deva estar vinculado ao seu exercício.

A teoria higienista, ou movimento higienista, importado da Europa, na época do imperialismo, teve a finalidade de cuidar da saúde individual e coletiva das pessoas. Para garantir tais propostas pautaram na educação pública e no ensino de novos hábitos higiênicos. Com isso, colocaram algumas regras de convivência para a sociedade (SOARES, 2001).

No Brasil, foi um movimento que nasceu no final do século XIX e início do século XX. Na época, o país convivia com algumas epidemias e julgava-se que essas epidemias eram em função das péssimas condições de higiene da população. Dessa forma, ocorreram medidas repressivas e autoritárias designadas pelo governo imperial da época. Esse movimento se estendeu por um período e refletiu-se em algumas práticas de disciplinarização de comportamento no século XX (SOARES, 2001).

O movimento higienista ocorreu a partir do positivismo, em que o campo biomédico teve bastante visibilidade e as descobertas da ciência se encarregaram de fragmentar o corpo e reduzi-lo ao bom funcionamento orgânico, independentemente se o indivíduo estivesse doente ou não. A forma com que a educação orientou em relação ao trato com os corpos individual e socialmente, foi necessária para disseminar a lógica econômico-social. Essa prática social pode ser vista como instrumento de controle da classe trabalhadora. Assim, a Educação Física esteve presente na sociedade como um elemento de ordem, com reforço científico do pensamento médico e científico (SOARES, 2001).

Sendo assim, Foucault (2008) coloca algumas questões para serem pensadas. A regra geral, que passou a ser exercida por instituições militares, escolares e hospitalares, opera em dois modelos. O primeiro diz respeito ao funcionamento e submissão, o outro de explicação e utilização. Um corpo, por meio de exercícios de adestramento, teria como meta a utilidade e inteligibilidade. A finalidade de tais práticas, portanto, consiste em criar corpos dóceis.

A técnica que impõe aos corpos tarefas ao mesmo tempo repetitivas e diferentes, mas sempre graduadas, recebe o nome de “exercício”. O “exercício”, como prática disciplinar, se tornou uma tecnologia política do corpo e da duração que tem por finalidade produzir indivíduos assujeitados dentro de um procedimento que nunca se completa, o exercício e a sujeição nunca terminam (FOUCAULT, 2008).

No diálogo com o entrevistado de número 11, nos anos vividos em Itaipu, foi demonstrada a cobrança por atitudes de “respeito” e, de certa forma, a concordância com as normas da empresa. Na Itaipu, existia uma hierarquia que devia ser obedecida, inclusive, na forma como os “subordinados” se dirigiam aos seus “superiores”. Itaipu “ditava as regras” e tudo tinha que acontecer de acordo com o previsto. A empresa era soberana. “A Itaipu dava tudo, mas ela também era dura com a gente, fez alguma coisa errada, não tinha perdão, passa aqui pra assinar e tchau! O pião se arrepiava todo”.

Ao abordar a questão dos recursos para um bom adestramento, Foucault apresenta alguns instrumentos simples que garantem o sucesso do poder disciplinar, a saber, “o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame” (FOUCAULT, 2008 p. 143).

Pensando o lazer em um outro momento histórico, da era globalizada, houve a transformação dos bens culturais e das atividades de lazer. Visto a partir de uma esfera diferente, mas não eximindo do caráter excludente vivido no período anterior, a tecnologia trouxe formas de lazer mais sofisticadas que a classe com menor poder aquisitivo não pode usufruir (ALMEIDA; GUTIERREZ, 2011).

Nesse aspecto, é importante entender as questões relacionadas à apropriação do lazer. De Masi (2000, p. 326) orienta que é preciso educar os indivíduos não só para perceber o significado do trabalho, mas também para a diversidade do ócio, e ensinar a evitar a alienação que pode ser provocada tanto pelo tempo livre, quanto pelo tempo derivado do trabalho.

De maneira prazerosa, a educação tem muito a contribuir para o conhecimento. Ou seja, não se trata do conhecimento técnico, mas do conhecimento cultural. O Lazer com foco no prazer como princípio de mudança de atitudes, que possa trazer a liberdade para o indivíduo no seu sentido amplo.

Marcassa e Mascarenhas (2014, p. 410) fazem a seguinte reflexão:

É nos momentos de lazer que os jovens criam e reforçam seus laços de identidade social, que as crianças, por meio da atividade lúdica, interpretam e ressignificam o mundo que as cerca, que os adultos tecem suas relações sociais e renovam valores e comportamentos que fundamentam os princípios éticos, estéticos e políticos que regem a sociedade.

Nesse contexto, Souza (2008, p. 17) argumenta:

Pelo Trabalho, como mediação, o homem busca produzir as condições para superar as necessidades estabelecidas. O sentido e a causa do trabalho estão, portanto, fora dele, já que o objetivo do trabalho está na sua possibilidade de liberar o homem para poder dedicar-se a si mesmo. Por isso faz sentido afirmar que o homem trabalha para poupar trabalho, ou que o homem se esforça para poupar esforço.

Entretanto, tentar compreender o lazer dentro do contexto contemporâneo, em que as sociedades se encontram em um processo entre a modernidade e a pós-modernidade, é complexo e arriscado, já que sentimentos, vivências e realidades bem opostas estão presentes tanto nas

práticas de lazer quanto de trabalho. Chegar ao cume de uma montanha, descer um rio com correnteza, assinar um novo contrato de trabalho, são vivências da vida cotidiana que estimulam sentimentos antagônicos como o medo, a insegurança, o prazer e a satisfação. São sentimentos inseparáveis que geram um complexo processo no cotidiano das pessoas, envolvendo o mundo do lazer e do trabalho (BRASILEIRO, 2012).

Reis (2009) mostra que, na concepção pós-moderna de trabalho, já assistimos várias pessoas a se realizarem com plenitude e com prazer no seu trabalho. O trabalho que exige criatividade, observação, reflexão e comunicação é que mais proporciona prazer, assimilando-se às vivências de lazer. Com estas novas características do trabalho se analisam também novas relações entre o desenvolvimento humano e a técnica, que é o mesmo que pensar na relação entre o lazer e o trabalho, pois as formas de produção, distribuição e consumo de conteúdos criativos requerem mudanças de modelos de negócios e formas de trabalhar, incluindo novas habilidades e infraestrutura.

O lazer e o trabalho são apresentados como dimensões criativas, com fortes influências nas dimensões da vida como um todo. Isto porque na perspectiva pós-moderna existe uma mútua influência entre o tempo profissional e o tempo que atualmente conceituamos como tempo livre e, por consequência, como tempo de lazer (REIS, 2009).

Como exemplifica De Masi (2000), um trabalhador da indústria preenchia seu tempo livre indo ao cinema, fazendo algo bem diferente do seu trabalho. Mas se um publicitário, um sociólogo, um psicólogo e um economista vão ao cinema, é difícil dizer onde começa a diversão e quando termina o trabalho, uma vez que sua atividade criativa dissipa qualquer barreira entre estudo, trabalho e tempo livre. Assim mesmo, esta inter-relação também deve ser compreendida no sentido inverso.

O tempo contemporâneo é um tempo de transição entre o trabalho material/mecânico, moderno e o trabalho/lazer imaterial, criativo, pós-moderno. O processo de trabalho/lazer criativo ainda se encontra pouco disseminado na população, principalmente dos países em desenvolvimento ou subdesenvolvidos. Uma das causas da falta da disseminação desses novos valores do trabalho/lazer se pode encontrar no processo educativo, visto que a educação é um dos meios essenciais para a construção de novos valores. A educação é condição fundamental para o desenvolvimento humano, principalmente quando relacionada à mudança de paradigma do moderno para o pós-moderno (BRASILEIRO, 2012).

Entretanto, é necessário enfatizar que, quando fazemos referência à educação, não nos referimos à educação instrumental, que valoriza o ensino da técnica para a sua reprodução, mas a educação que tem nos valores humanos o seu eixo central. Assim como foi necessário o processo socializador do trabalho por meio da educação, também será necessário para o lazer, para que as pessoas estimulem sua criatividade, que será vivenciada em seus momentos de lazer/trabalho (BRASILEIRO, 2012).

Russell (2002, p. 30) diz que o processo educativo da modernidade só preparou as pessoas, à exceção da elite, para o trabalho. Russell ainda argumenta que, apesar da classe ociosa desfrutar de vantagens que despossuíam de qualquer fundamento de justiça, não se pode negar a sua contribuição para o que hoje chamamos de civilização, pois foi esta classe que cultivou a arte, construiu a filosofia e a ciência, e aperfeiçoou as relações sociais. Para este autor, sem a classe ociosa, a humanidade nunca teria emergido da “barbárie”.

Russell ainda ressalta que estas pessoas que fizeram a diferença na classe ociosa eram minoria, pois a estas se opunham milhares de proprietários rurais e comerciantes, que não pensavam além das suas vivências diárias. Na contemporaneidade, entretanto, é necessário pensar em processos educativos de qualidade para todos, que envolvam os valores criativos e de descoberta, com referência nos diversos coletivos. As categorias tempo, espaço, competição, solidariedade, ecossistema, qualidade de trabalho etc., estão se reestruturando e, neste contexto, as atividades com valores puramente econômicos estão cedendo espaço para valores mais hedonistas e de novos comunitarismos. A educação tem muito a desenvolver com estes novos valores.

O rompimento das fronteiras entre o lazer e o trabalho nos leva, portanto, a todas estas reflexões e nos faz pensar que as vivências e concepções do lazer estão gradativamente tornando-se fatores que têm mais em conta a qualidade da experiência para o indivíduo durante as atividades realizadas, que o tipo de atividade realizada. As vivências de lazer nas sociedades pós-modernas, ao que parece, estão mais determinadas por fatores subjetivos em sua realização, que por fatores objetivos, os quais determinavam as vivências do lazer moderno. Isto não quer dizer que estamos em um processo de dissociação entre o sistema e as pessoas, uma dissociação do mundo coletivo para um mundo completamente da subjetividade. Trata-se de vivências humanas e sociais, experimentadas a partir de novos contornos, e que favoreçam o aparecimento de novos tipos de comunitarismos e de individualismos (RUSSELL, 2002).

Para Gaya e Torres (1997), os conceitos de tempo livre e de lazer trazem consigo, portanto, valores e condutas predominantemente de valores modernos. As relações de dependência do lazer com o trabalho, ou melhor, das dimensões da vida ao mundo do trabalho, ainda são frutos de uma leitura de valores do mundo da sociedade moderna, que em sua gênese está baseada nos valores e crenças aceitos pelo ideal burguês.

Paul Lafarque (1991, p. 59) argumenta que, referindo-se ao século XIX, é necessário defender o trabalho e não tentar impô-lo. Segundo Kumar (1997, p. 17), parece haver de fato alguma coisa nas experiências das sociedades modernas contemporâneas que, “de forma persistente, provoca não apenas ‘o senso do fim’, mas também de novos começos”. E são nestes novos começos que defendemos novas leituras para entender as relações entre lazer, tempo livre e trabalho.

Existe uma parcela significativa de governantes que entendem lazer e consumo como sinônimos. Oliveira (1997, p. 968) afirma que: “A desautomatização humana só terá início de fato quando for permitido que o homem expresse sua ludicidade nos diferentes momentos da materialização de sua existência, sem esmagamento sistemático do *ludens* pela supervalorização imatura do *faber*”.

De acordo com Oliveira (1997), há um escasso domínio e conhecimento sobre as possibilidades, a partir do lazer, de mudanças de atitudes e valores frente aos grandes problemas sociais, como: preconceito, racismo, intolerância de ordem religiosa, sexual, cultural, política, entre outros. Assim, apesar das crescentes discussões e sua enorme utilização, o conceito de lazer ainda permanece restrito aos níveis de entendimento que contém em seu gênero a visão conservadora que não questiona a lógica capitalista e neoliberal de pensar o mundo e consequentemente as relações de trabalho e lazer.

É importante buscar entender o lazer e a sociabilidade dos funcionários de Itaipu, na época da construção da Hidrelétrica, a partir daquilo que foi proposto pela empresa e as formas pelas quais esses trabalhadores reinventaram essas atividades de lazer e sociabilidade. Por isso, a discussão do próximo item tentará apresentar um pouco do que foi vivenciado pelos funcionários de Itaipu no seu lazer a partir de Itaipu.

1.4 O LAZER E A SOCIABILIDADE A PARTIR DE ITAIPU

Sobre as relações de lazer e trabalho dos funcionários de Itaipu, além da convivência na empresa, Itaipu se encarregou de criar alguns ambientes de sociabilidade no dia a dia dentro da empresa e em outros espaços. Essas oportunidades eram destinadas aos que migraram de várias partes do país e imigraram de outros países para trabalhar em Itaipu. Ao trazer o exemplo de Brasil e Paraguai, tanto de um lado quanto do outro, é possível que tenham criado algum tipo de vínculo com pessoas de diferentes culturas e histórias. A forma ou a qualidade dos vínculos deverão ser melhor compreendidos ao longo do estudo.

A Foto 2 retrata o casamento de um funcionário de Itaipu, de origem paraguaia, que se casou na cidade de Assunção com a presença de colegas de trabalho brasileiros, que se deslocaram até a capital Paraguaia para a cerimônia.

Foto 2 - Casamento de um funcionário paraguaio na cidade Assunção, no Paraguai, em 1979



Fonte: Acervo pessoal do 11º entrevistado.

Em função das transformações ocorridas na sociedade, as empresas tiveram que pensar em outras possibilidades de vivências. A partir da década de 1970, a Itaipu é um exemplo de empresa que se inseriu nessas mudanças proporcionando espaços e atividades de lazer e sociabilidade para os seus funcionários, como o Centro Comunitário no canteiro de obras, clubes

e Centros Comunitários nos conjuntos habitacionais criados pela empresa e nos demais ambientes da cidade em que a Itaipu esteve presente diretamente ou indiretamente.

Costa et al. (1990, p.11) especificam que uma das primeiras empresas a ter registros de atividades esportivas, em âmbito interno, foi a fábrica de tecidos Bangu, de gestão inglesa, em Nova Friburgo, no Estado do Rio de Janeiro, em 1901, que realizou as atividades esportivas em um campo de futebol criando, posteriormente, quadras e campos esportivos no terreno de cada empresa. Só mais tarde, nos anos de 1930, reapareceram atividades no mesmo perfil, dentro das seguintes empresas: Banco do Brasil, a Ligth Power e a Caloi, que ofereceram opções de lazer e esporte para seus funcionários, com clubes, principalmente nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

Embora não seja possível, todavia, determinar as proporções deste impulso, algumas indicações se preservaram sugestivamente, como o "Noticiário", de Atlética, da fábrica Souza Cruz do Rio de Janeiro, que circulava com informações sobre o movimento esportivo "classista" no Brasil da Era Vargas (COSTA et al., 1990, p. 11).

O movimento "classista" estava relacionado às atividades esportistas realizadas nas empresas. O Decreto-lei número 3.199 de 14 de abril de 1941 foi o ato legal que normatizou a prática esportiva no país. Antes desse decreto, o governo do Brasil na época, tentou normatizar o lazer e o esporte para seus funcionários e familiares fora do horário de trabalho. E foi o Decreto-lei número 1.713 de 1939, que direcionava as atividades dos funcionários públicos da União, ao criar os Centros de Educação Física e Cultura para recreio, aperfeiçoamento moral e intelectual. Esse mesmo governo (Getúlio Vargas) que tutelou os sindicatos em seu mandato, criou também um setor de "Recreação Operária" (COSTA et al., 1990).

O movimento seguinte aconteceu logo após a segunda guerra mundial, depois da queda do governo de Getúlio Vargas, em 1945, com a criação do SESI (Serviço Social da Indústria) e SESC (Serviço Social do Comércio).

Costa et al. (1990, p. 12) sinaliza que: "Estabelecidos pelo Decreto-lei 9.853 de 1946, essas instituições socioculturais e esportivo-recreativas de atendimento aos trabalhadores e suas famílias centralizaram as atividades de lazer e esporte, dando uma maior visibilidade ao impulso que vinha da década anterior".

Em conformidade com o mesmo autor, pelo menos até 1990, essas instituições sobreviveram com a arrecadação compulsória dos funcionários das empresas, no valor de 1,5 %

calculados na folha de pagamento de cada empresa. Sobreviveram com um considerável número de atendimentos em todo o país.

Em 1947, aconteceram os primeiros jogos operários do SESI, no estádio do Pacaembu em São Paulo, e nos próximos anos foi aumentando a adesão de cidades e de modalidades esportivas. Entre os anos de 1960 e 1970, as atividades nas empresas estavam voltadas para o desenvolvimento dos recursos humanos internos e, na sequência, com a saúde ocupacional do trabalhador (COSTA et al., 1990).

Na fala do 3º entrevistado, percebe-se que a empresa Itaipu estava engajada com a mesma filosofia da época. Assim, o trabalhador relata esses momentos com muito apreço:

Quando cheguei era tudo manual, foi ensinando a trabalhar, curso de português, de redação, de digitação. Com isso, íamos fazer cursos e fazíamos novas amizades. O crescimento pessoal, profissional... Aqui que eu aprendi tudo. Tinha os cursos interpessoais, inclusive, tinha cursos que nem eram na Usina, era no Parque Nacional, ajudava o outro a passar numa corda...e isso ajudava muito na empresa.

De forma intencional, é possível que a empresa julgasse que o bom relacionamento dentro de Itaipu facilitaria o desempenho dos seus funcionários no trabalho. Por isso, proveu a criação de cursos e ambientes de lazer e sociabilidade, dentro e fora da empresa. O número de funcionários era alto e o trabalho em equipe seria melhorado se houvesse algum investimento com o pessoal. Dessa forma, traria maior satisfação pessoal e produtividade.

O 3º entrevistado relata com bastante ênfase e saudosismo os acontecimentos que foram provenientes de Itaipu:

A Itaipu tinha o clube, ela trazia Roberto Carlos, Elba Ramalho, Gal Costa, aí no clube tinha o baile do Hawaí. Podia passear dentro da Usina, andar de bicicleta, caminhar [...] Organizados pela Itaipu, tinha os bailes do Hawaí, carnaval no Clube Floresta. Tínhamos as olimpíadas, participamos pela UNICON, todas aquelas empresas que prestavam serviços para a Itaipu. Tinha cinema dentro da Usina, box, até o Maguila lutou aqui. Veio a Gretchen, Rita Cadillac [...] tinha muito divertimento, muito lazer, muita cultura.

A empresa procurou envolver efetivamente os seus funcionários em atividades das mais variadas, trazendo artistas conhecidos que tinham “fama” naquele momento. Além dos eventos culturais que a Itaipu proporcionou, como espetáculos para os seus empregados, outros espetáculos se fizeram presentes, tais como os eventos esportivos.

Oliveira (2012) salienta que, no período militar (1964 – 1985), o esporte estava em alta, pois o tecnicismo estava presente. No momento em que se propagava o esporte enquanto espetáculo, a Itaipu trouxe as “Olimpiadas de Itaipu”, evento importante na memória das pessoas, que acabava por se fortalecer com o investimento que era feito no sentido da aproximação com as olimpíadas que aconteciam a nível mundial. Pela leitura que pode ser feita, por meio da pesquisa, o evento cumpria todos os protocolos de uma Olimpíada Oficial, desde a abertura até o encerramento, com uma dose de peculiaridades da cultura local. Os jogos aconteciam em vários locais da cidade, como no canteiro de obras, nos centros comunitários, nos clubes das Vilas de Itaipu e demais espaços.

[...] As olimpíadas ficavam 2 meses, era como os jogos mundiais, à noite os campos eram iluminados e no fim de semana também, mas, às vezes, tinha no meio do serviço. No floresta mesmo, quantos torneios que tinham. Tinha uma equipe que organizava que era do Centro Comunitário. Fui muito feliz, pena que não volta mais (3º entrevistado).

Pires e Silva (2009, p. 12-13) evidenciam que os megaeventos e os megaespetáculos esportivos representam a complexidade das relações do esporte com o mundo do capitalismo. No entanto, pode-se dizer que o espetáculo é:

O momento em que a mercadoria ocupou totalmente a vida social. Os megaeventos esportivos, através da mercadoria esporte, tornam os consumidores reais em consumidores de ilusões, melhor dizendo, a mercadoria é uma ilusão efetivamente real, e o espetáculo é sua manifestação geral (PIRES; SILVA, 2009, p. 12 -13).

O esporte competitivo de alto rendimento foi estruturado historicamente voltado para uma visão elitista e de comércio. O alto da pirâmide concentra uma camada de pessoas dotadas de qualidades psicomotoras excepcionais. Para entender as vertentes do esporte também é importante entender as leis do mercado. Atrelado às leis da elite que, de alguma forma, dirige o Estado, o Esporte passou por variações que vão desde o “Esporte para Todos”, que surgiu no Brasil na década de 1970, até a submissão mais acentuada às leis de mercado. Sabe-se que é a partir da década de 1980 que vai se buscar uma melhor compreensão do Esporte como uma prática social no espaço multidisciplinar (CAVALCANTI, 1984).

Os eventos esportivos podem reforçar identidades culturais, segregar e servir de mercadoria. Mas, de forma consciente e crítica, eles podem contribuir para a emancipação do

sujeito, para a valorização das identidades culturais, para a cooperação e transcender para uma prática que traga mais humanidade, seja ele praticante “ativo” ou “espectador”.

Sergio Teixeira (2015) aponta que, no período da década de 1970, ocorreu um forte apelo ao exercício físico, campanhas de conscientização e massificação da prática física aconteceram em vários países e, no Brasil, tal movimento recebeu o nome de “esporte para todos”. Ao esporte foi atribuído um forte apelo de responsabilidade social e o tecnicismo se fez presente. Aconteceu, nessa época, a formação de equipes esportivas por todo o país, patrocinadas por instituições públicas e privadas que receberam incentivo do Estado. Nesse momento, também, foram recrutados profissionais de diferentes áreas envolvidos na promoção da saúde pública. Para aumentar o rendimento físico das pessoas, foram fomentadas pesquisas na área da fisiologia, com objetivo de melhorar o desempenho motor dos indivíduos.

O período citado por Teixeira (2015) de forte apelo ao exercício físico e ao esporte foi o mesmo período em que ocorreu a construção de Itaipu. Portanto, observa-se que a empresa Itaipu, de certa forma, acompanhou essas transformações, em razão dos clubes esportivos e de lazer que a empresa construiu, e de outros espaços para a prática esportiva. Com isso, o entrevistado de número 10 relata: “foram contratados diversos profissionais do esporte para trabalhar com as modalidades esportivas, tinha professor para tudo quanto é coisa”. Na fala do ex-funcionário, foi possível observar a atenção que a Itaipu ofereceu ao esporte quando contratou diferentes profissionais para trabalhar com as diversas modalidades esportivas.

Sendo assim, o esporte é considerado uma das práticas de lazer mais frequentes entre os indivíduos e esteve atrelado aos discursos médicos. Segundo Oliveira (2013), por meio do esporte acontecem variados discursos de intervenções irreais atrelados aos discursos de ideologia neoliberal. Que aponta para o esporte além da educação, da saúde e demais atribuições, um caminho para desenvolver a cidadania. Com esse propósito, utilizam-se jargões colocando o esporte como salvação dos problemas sociais. Esses discursos são embasados na ciência positivista que se entrelaça com o dinamismo do discurso do senso comum. Os apontamentos são solidificados em políticas públicas que interferem diretamente na vida dos indivíduos, bem como produzem uma sensação de acomodação e a percepção de que o esporte é autossuficiente em termos de solucionar problemas sociais.

Germano (2005) explica que os governos militares, Médici (1969-1974) e Geisel (1974-1979), direcionaram seus esforços no crescimento e consolidação do capitalismo industrial no

Brasil, canalizando seus investimentos não apenas nas obras grandiosas, mas em “grandes projetos econômicos” que iriam ao encontro do projeto ideológico de “desenvolvimento” capitalista, atrelados aos interesses do capital internacional. Portanto, a aceleração da industrialização no Brasil tendia ao fortalecimento de indústrias nacionais dependentes de tecnologia externa e instalação de multinacionais e associadas.

O esporte esteve atrelado de maneira muito forte com a disciplina, porque o sistema capitalista daquele momento possibilitou uma vivência mais técnica das práticas esportivas, com ênfase no autorrendimento e no movimento especializado. Foucault (2008) argumenta sobre a disciplina, ele entende que o primeiro procedimento da disciplina é a distribuição dos indivíduos no espaço. Cada indivíduo tem o seu lugar e, em cada lugar, um indivíduo. A ideia central consiste em evitar as distribuições por grupos e aglomerações.

Na tentativa de enaltecer a importância de Itaipu, foram realizados alguns eventos esportivos, como o que aconteceu no dia 1º de maio de 1979, no dia do trabalhador, no Centro Comunitário de obras, quando se comemorou o encerramento das competições da Olimpíada Itaipu-79, organizada pela UNICON (União das Construtoras Nacionais). Esse evento contou com a presença de figuras famosas como a cantora Fafá de Belém, João Havelange, então presidente da FIFA. Na solenidade ocorreu a entrega de medalhas e troféus aos vencedores das competições (RIBEIRO, 2002, p. 71).

Na percepção do 1º entrevistado, quando ele comenta sobre as atividades esportivas e de sociabilidade que a Itaipu ofereceu para os seus funcionários, ele usa a seguinte frase: “A Itaipu promoveu a integração do povo brasileiro”. Sendo assim, o forte nacionalismo, atrelado à ascensão do esporte e à objetivação de elevar a imagem de Itaipu, favoreceu alguns slogans utilizados na época. Dessa forma, era possível reforçar a imagem idealizada por Itaipu.

Os discursos para tentar construir uma imagem de Itaipu, de preservação da natureza, união dos povos paraguaios e brasileiros e outras tentativas relacionadas, estiveram presentes. Foram verificados eventos, com concursos e gincanas nos colégios dos conjuntos habitacionais e Olimpíadas Desportivas. Assim, a IX Olimpíada de Itaipu foi um exemplo dessa realidade (CATTA, 2002, p. 75).

Por isso, é possível compreender algumas relações:

Foram muitas as estratégias utilizadas na divulgação do projeto da Hidrelétrica, tais como festivais, olimpíadas e palestras. Nas páginas do *Informativo Unicon* era

reproduzida a imagem do trabalhador ideal, o melhor companheiro, aquele que ultrapassava seus limites, em nome de uma causa nobre, pois eram responsáveis pela construção da obra do século. Mais que comemorar o dia do funcionário, as atividades serviam para deixar marcas na memória, como sinal desta “Nova Era” (RIBEIRO, 2002, p. 71).

O Informativo da UNICON foi um jornal disponibilizado pela Itaipu e nele contém o retrato de histórias de parte da vida diária dos funcionários da Usina. Nas Fotos, os espaços no canteiro de obras e em outros ambientes providos por Itaipu estavam sempre ocupados, com atividades esportivas e de lazer desenvolvidas pelos funcionários.

O período da ditadura militar no Brasil (1964-1985), que coincide com a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, foi o período de forte nacionalismo e de ascensão sobre as questões de saúde e rendimento, que refletiu na produção do trabalhador. Contudo, também permitiu mudanças na ordem social como um todo (TEIXEIRA, 2015).

A Itaipu, na qualidade de empresa geradora de energia, é uma obra de importância mundial, porém a sua relevância, muitas vezes, é mais significativa para aqueles que viveram naquele espaço e naquele momento histórico. Foi negativa para aqueles que entenderam que, de alguma forma, foram prejudicados pela construção da Usina e foi positiva, principalmente para os “barrageiros” e seus agregados, aqueles que de alguma forma entenderam que foram beneficiados com a construção da Usina e tiveram a oportunidade de conhecer de perto a imagem positiva, que a empresa se desdobrava em passar.

A construção de Itaipu aconteceu durante o governo militar e nos moldes do exército. O entrevistado de número 11 comenta: “Toda sexta-feira, nós, da segurança física de Itaipu, tínhamos que hastear a bandeira do Brasil e do Paraguai e cantar os dois hinos, o hino nacional brasileiro e o hino nacional paraguaio, momento muito bonito, era sagrado!”

A Foto 3, a seguir, foi tirada dentro de Itaipu. A forma com que os argumentos foram discorridos pelo entrevistado, demonstraram que a empresa era organizada nos moldes militares e que tentava inculcar nos seus funcionários o orgulho de ser patriota e de certa forma ficou no imaginário a demonstração da integração entre os dois países. A importância e significado que eram dados para esse momento, integrado com a reunião dos colegas, acabava por ser uma obrigação, mas também um momento lúdico, dentro do próprio ambiente de trabalho.

Foto 3 – Hasteamento das bandeiras do Brasil e do Paraguai em 1977



Fonte: Acervo pessoal do 11º entrevistado.

Da mesma forma que a gestão de Itaipu, nos seus pronunciamentos, procurava demonstrar a preocupação com a integração do “povo brasileiro” com o “povo paraguaio”, em uma das falas do primeiro diretor-geral de Itaipu, Costa Cavalcanti demonstra a divisão social do trabalho na Usina, em que o “povo paraguaio” aparece no discurso dele como “não-qualificado” para a demanda do trabalho em Itaipu (RIBEIRO, 2002, p. 77).

O discurso do diretor foi mais uma forma de segregação, demonstrou a tentativa de reforçar uma identidade cultural marginalizada, embasada em um discurso fundamentalista e discriminatório.

De acordo com Catta (2002), o poder que a empresa exercia transcendia a atuação nas Vilas, no canteiro de obras e em toda a área de controle e atuação da Itaipu, sendo perceptível a sua presença na cidade de Foz do Iguaçu. Fato marcante neste sentido foi o fato de um ginásio de esportes do município ter recebido o nome do primeiro diretor geral de Itaipu, o General Costa Cavalcanti, enquanto ainda estava vivo.

Dentre os poderes citados por Foucault (2008), o poder disciplinar tem como foco controlar as atividades dos corpos, com uma relação altamente particular entre utilidade e docilidade, pela qual o acréscimo na utilidade corresponda no acréscimo da docilidade e vice-versa.

A Itaipu, de certa forma, exerceu um poder disciplinar. Convivia-se diariamente com muitas horas de trabalho e um monitoramento constante nos ambientes organizados pela empresa e, nesse aspecto, foi inevitável tentar moldar um comportamento padronizado entre os seus empregados e agregados. Mesmo assim, os indivíduos que viveram naquele momento histórico, em muitas ocasiões, utilizaram do poder que lhes era cabível e acabavam transgredindo em várias situações.

A identificação dos trabalhadores se estendia para outros locais. Os “barrageiros” eram identificados por número, muitos nunca mais ouviam pronunciar o seu nome de registro. Diante de tal homogeneização que os identificava dessa forma, eram batizados com outros nomes, utilizando inclusive nome de animais e plantas, associados às características físicas (RIBEIRO, 2002, p. 63).

Depois de um dia pesado de trabalho, nos quartos, os peões dividiam com os colegas a saudade da família, contavam os “causos”, cantavam suas mágoas na viola. Num dos quartos há, até, o registro de um artista anônimo, formado por grafites que revelam os sonhos e as lembranças do peão, sua religiosidade, seus ídolos, as mulheres (Cf. *Informativo Unicon*, 20/04/1978) ou seria uma forma de “poluir” com muita criatividade espaços higienizados. À noite, muitos peões “davam um pulo” no “pé inchado”, como eram chamadas as boates. Muitos faziam parte do percurso a pé. Devido à enorme distância, no dia seguinte, o resultado era o inchaço nos pés, e daí a denominação. As “zonas” eram um dos únicos locais frequentados pelos “barrageiros”, uma vez que dificilmente circulavam pela cidade. No depoimento de Amaro Gaspar, pode-se perceber que a circulação nos espaços urbanos era bem demarcada: “Nossa relação com a cidade era só a zona, nas trocas de turno. Dentro do canteiro nós tínhamos tudo, até cinema. Nós só saímos pra aprontar: ir na zona” (Entrevista, 1998). (RIBEIRO, 2002, p. 60).

Ribeiro (2002) coloca que poucos brasileiros sabem que os homens que construíram Itaipu viveram longos períodos de solidão, pois deixaram suas origens para viver uma vida comum e totalmente nova, com longas horas de trabalho. E pela história daqueles homens que não imaginavam a dimensão da obra que estava por ser erguida, então, a reação relatada no jornal da época é perfeitamente compreensível: “O dia em que a obra parou” (Jornal de Itaipu, maio de 1996, p. 6).

Sobre conto “O dia em que a terra parou”, Ribeiro (2002, p. 78) faz a seguinte narrativa:

Parece que o conto fala por si mesmo de uma situação de privações, mas que não deve ser somente entendida no sentido sexista. Pode ser entendido também na relação com a disciplina, pois, como diz Foucault, a sexualidade é uma das áreas onde mais se evidenciam as relações de poder. Aqui se pode lembrar um dos depoimentos de “barrageiro”, que compara a Itaipu a um quartel, lugar onde o corpo é domesticado, onde

ele deve tornar-se dócil e produtivo. O “causo” é apresentado na forma de comédia, que também é significativa. Além disso, é narrado por mulheres. Assim, pode representar mais a memória da forma como era sentido o cotidiano das mulheres trabalhadoras na Itaipu: pessoas deslocadas (“ET’s”) em um ambiente de trabalho pensado a partir do masculino, do “peão de ferro”.

No que tange à memória das representações ligadas ao trabalho e ao lazer, a Itaipu Binacional permite o estudo de várias representações. A própria organização da empresa ofereceu suporte para a criação de distintas formas de fruição do lazer e ocupação do tempo livre, com a criação de três conjuntos habitacionais distintos para os seus funcionários, e ambientes de socialização, na própria empresa e nos demais espaços organizados por ela (CATTA, 2002).

Ribeiro (2002, p. 62) aponta:

Os espaços da Usina e do alojamento se confundiam. O refeitório, o cinema, a sala de jogos e o campo de futebol eram também estratégias de organização e controle, já que, ao investir no corpo humano, pretendia-se aperfeiçoar as suas capacidades, ampliar a sua eficácia no trabalho, reduzindo as possibilidades de desperdício de energia. No entanto, provavelmente essas atividades eram indicadas aos trabalhadores como benefícios.

A Foto 4 mostra, dentro da Itaipu, os espaços em que existiam os refeitórios, o estacionamento, o cinema, as quadras esportivas, as salas de jogos e os alojamentos. Em tais ambientes, alguns espaços eram segregados, existiam diferentes padrões de alojamento e refeitório. A seguir, a descrição parafraseada desses espaços pelo entrevistado de número 11.

Nesta primeira quadra são quatro blocos. O primeiro bloco é o maior de todos. Na parte esquerda, ficam a entrada dos produtos alimentícios e a cozinha industrial. O da direita estreito e comprido, na parte da frente era o refeitório “A”, para os engenheiros, e na entrada na ponta de cima, à direita, era o acesso do refeitório “B”, nível médio. O bloco detrás, entre mais dois, era o refeitório “C”, destinado aos Peões. O bloco da esquerda um pouco acima, isolado, era de apoio da manutenção e lavanderia.

Na segunda quadra, pela esquerda, nos três blocos simétricos, era a administração do serviço social. Um outro maior era o Cinema, seguindo uma quadra de futsal, apoio (banheiros e vestiário), seguindo um campo de areia e ao lado direito deste, o campo gramado (bem “verdão”). Na parte frontal, estão três blocos, sendo o do meio bem menor. No primeiro da frente, funcionava o Banco Unibanco, que fazia os pagamentos da empreiteira UNICON (União das Construtoras Nacionais). No bloco menor, do meio, tinha uma área para reflexão (capela), no terceiro bloco era a área de apoio do serviço social. Seguindo um pequeno Bosque (árvores),

“Campo Santo”, pois neste local era um cemitério antes da desapropriação para a construção da Itaipu.

Nos três primeiros blocos simétricos da Administração Social havia 2 lanchonetes, salão de barbearia, salas de cursos de datilografia, entre outros incentivos aos empregados, loja do fotógrafo, loja de souvenir, farmácia, agência do correio, banheiros e vestiários.

O cinema também era um lugar onde se realizavam os eventos alusivos ao dia do trabalhador e outras comemorações durante o ano.

Depois do bosque, o bloco maior, mais ou menos igual ao do cinema, era a parte mais recreativa; jogos (damas, xadrez, sinuca, trilha, pebolim, outros); academias de incentivo às práticas esportivas (judô, box, karatê).

No próximo bloco adiante e bem à direita, era a cancha de bocha. Seguindo duas quadras de futsal. Na sequência, o campo de futebol (Canteirão), que registrou uma partida de uma Equipe formada por funcionários e empregados da Itaipu e UNICON (União das Construtoras Nacionais) contra Os Milionários FC (jogadores veteranos da seleção brasileira dos anos 60 e 70), desfile de abertura e encerramento das Olimpíadas Internas dos Trabalhadores e os grandes embates entre as partidas de Futebol e as corridas de Atletismo ao redor do campo, pois tinha uma arquibancada de estrutura móvel.

Ao fundo, depois do campo de futebol, eram os Alojamentos, tipo “B”, dos trabalhadores da empreiteira UNICON (União das Construtoras Nacionais). As acomodações eram separadas conforme as atividades que desenvolviam. Os espaços existem até hoje, porém com algumas adaptações.

Foto 4 – Refeitórios, estacionamento, complexo de lazer e esportivo, alojamentos em 1979



Fonte: Acervo pessoal do 11º entrevistado.

Quadro 1: Legenda dos espaços descritos na Foto 4

Letra:	Descrição:
A	Refeitório dos engenheiros.
B	Refeitório dos técnicos (nível médio).
C	Refeitório dos "peões".
D	Cozinha industrial e entrada de produtos.
E	Manutenção e lavanderia.
F	Cinema.
G	Quadra de Futsal.
H	Banheiros e vestiários.
I	Campo de areia.
J	Campo gramado.
K	Unibanco, onde a UNICON efetuava os pagamentos.
L	Área de reflexão – capela.
M	Serviço social.
N	Bosque - antigo cemitério.
O	Adm. Social - Lanchonetes, barbearia, sala de cursos, loja do fotógrafo, souvenirs, farmácia, correios etc.
P	Parte Recreativa - Damas, bilhar, xadrez, trilha, pebolim, e academias de artes marciais e práticas esportivas em geral.
Q	Cancha de bocha.
R	2 quadras de futsal.
S	Alojamentos dos trabalhadores da UNICON.

Fonte: Elaboração própria da autora.

A Foto 4, com o Quadro 1, serviu para elucidar a descrição do ex-funcionário e apropriar no imaginário os espaços descritos.

Ao anunciar a potencialidade de alguns espaços para a sociabilidade, com o propósito de enaltecer o projeto de Itaipu, a empresa, de alguma forma, reforçava as políticas públicas para o lazer. A matéria seguinte não foi direcionada aos seus trabalhadores, mas certamente com a intenção de mostrar para a população que esta foi mais uma preocupação de Itaipu: o lazer das pessoas. Além da possibilidade de apresentar a influência positiva de Itaipu para Foz do Iguaçu e região. Sendo assim, é possível analisar por meio do informativo da UNICON de junho/79, página 9, na matéria “Uso Múltiplo das Águas do Reservatório”, parte do texto que dizia:

Sendo o lazer uma atividade perfeitamente compatível com a geração de energia, julga-se viável sua promoção, desde que isto não venha afetar a qualidade da água. No caso de concessão, esta deverá ser feita, preferencialmente, a clubes de campo, associações, colônias de férias e entidades similares ou, ainda a particulares que desejarem utilizá-la por fins comerciais coletivos – hotéis, restaurantes, balneários.

No que diz respeito às oportunidades de lazer, o entrevistado de número 10, ex-morador da Vila “A”, responsável pela recreação, pela prestadora de serviço UNICON (União das Construtoras Nacionais), apontou as atividades de lazer que desenvolvia com os funcionários de Itaipu. Ele fala, com muito orgulho, da importância do seu trabalho na época:

A Itaipu tinha a UNICON que prestava serviço, desde lazer, desde trabalho. Tudo foi 100%. Eu só tenho que agradecer a Deus e a esse pessoal que eu trabalhei. Tudo foi bom. Tudo foi positivo. A Itaipu apoiou tudo [...] Tinha uma quadra do Luar de Agosto que a gente ia, era alugado para a UNICON. Tinha campeonatos direto, com os engenheiros, técnicos, pessoal da segurança, era sempre uma festa, ficava embaixo do viaduto, do lado de lá da Tancredo Neves, dava cada festa, tinha jogos segunda, quarta, sexta, domingo...

O 4º entrevistado fala sobre algumas de suas lembranças de lazer:

Nós jogava bola, jogava xadrez, nós jogava, tinha aquele copinho de... nós jogava muito aquilo lá, tinha uns dadinhos, são 5 dados que virava e ia de 1 até 6, daí jogava caxeta, jogava dominó, tudo no trabalho, na hora de folga, se encontrava lá depois que almoçava ia pra sala de lazer, de jogos. Daí sábado tinha os bailes dentro da área da Usina, que todos os moradores que moravam ali participavam, daí tinha o clube igual, tinha aqui em Foz, o Floresta, e como tem lá na Vila “B”, o “IPÊ”. Então, nós tínhamos tudo lá dentro.

O entrevistado de número 10 comenta: “Lá dentro da obra era uma verdadeira alegria. Tenho muita saudade daquilo ali, tinha amizade com todo mundo!”.

No canteiro de obras, nos espaços dos alojamentos, dos refeitórios, da área esportiva, dentre outros, a diversidade cultural se manifesta de diversas formas nos relacionamentos entre os funcionários. Nesta direção, Ribeiro (2002, p. 74) discorre:

São elementos importantes para analisar o universo cultural destes homens. Os “causos”, assim como os apelidos, fazem parte da cultura dos “barrageiros”, evidenciando o humor e a astúcia, os relacionamentos, as relações com o lugar, no cotidiano, para além do convencional. Esses “causos” têm uma historicidade, pois eles foram elaborados na prática do cotidiano, dentro de uma diversidade não apenas regional, mas binacional. Presentes estão os modos de viver dos “barrageiros”, seus valores, sua cultura, as dificuldades enfrentadas, o barulho constante, o calor insuportável, quase sempre acima de 40 graus, os idiomas que se recriam, dando origem ao “portunhol”, às relações de gênero, num espaço essencialmente masculino, onde o aparecimento de mulheres era extremamente raro. Ainda hoje os “causos” são contados nas horas de folga pelos trabalhadores da Usina, publicados no *Jornal de Itaipu*, numa seção especial.

Catta (2002, p. 34), faz uma reflexão no que se refere às mudanças na vida dos barrageiros. “Certamente nenhuma localidade e nenhuma população estaria isenta de sofrer transformações de toda ordem em seu modo de ser, de agir, de pensar, ao longo do tempo, inseridas que estão na chamada “aldeia global”, nos planos do capitalismo transnacional”.

Nos aspectos das mudanças sociais, das novas formas de se relacionar no dia a dia das pessoas, carregada pela memória dos trabalhadores de Itaipu, Ribeiro (2002, p. 73) discorre:

Enquanto a obra ia sendo erguida no leito do rio, a memória de sua construção constituía-se em muitos “causos”, criados, narrados e ouvidos nas horas de folga. Estes muitos “causos” salientavam os acontecimentos ocorridos na Usina, os quais quase sempre eram para colocar colegas do trabalho em “enrascadas”. Eles eram uma simples forma de aliviar a dura e perigosa rotina do canteiro de obra, principalmente durante as fases de construção e montagem da Usina.

Os funcionários deram conta, em meio ao trabalho “duro” da construção de Itaipu, de trazer a ludicidade para esses momentos comuns vividos na empresa. A grande maioria dos trabalhadores era do sexo masculino e isso proporcionava o convívio usual maior entre homens, o que propicia interações típicas do universo masculino, como brincadeiras, pegadinhas e armadilhas.

O Informativo da UNICON de 1º de junho/78, página 8, na matéria “Frenéticas” ganha torneio do DA-AS, mostrou mais um lugar em que eram realizadas as atividades de lazer na cidade de Foz do Iguaçu:

Realizou-se, no último dia 14, na quadra do motel Luar de Agosto, o torneio de futebol de salão do DA-AS – Superintendência de Saúde como parte das comemorações alusivas à semana da enfermagem. A equipe do “Frenéticas” sagrou-se campeã ao derrotar o “Cobras” pela contagem de sete tentos a três, depois de uma partida em que se mostrou nitidamente superior.

Com base no que contou o 10º entrevistado, o consórcio da construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, a UNICON (União das Construtoras Nacionais), arrendou o antigo motel Luar de Agosto. Com esse arrendamento, o motel foi transformado em hotel e somente para as mulheres que trabalhavam em Itaipu. Nesse lugar, foram construídas quadras esportivas. Durante as atividades esportivas, os homens podiam frequentar o local, mas não podiam morar ali. Algumas regras eram postas também. Os apartamentos femininos podiam ser frequentados somente por mulheres. Mas o 10º entrevistado aponta para algumas transgressões às regras: “Ali acontecia muita coisa, não podia entrar homem, mas a gente ficava sabendo de cada coisa, que era de arrepiar!”.

O 7º entrevistado fala de sua estada inicial em Foz do Iguaçu: “Como não tinha casa ainda, a Itaipu me colocou no hotel Carimã, eu fiquei lá seis meses, uma putaria (risos)”.

Naquela época, devido ao número de pessoas na construção, as Vilas e os próprios espaços destinados ao lazer dentro de Itaipu, não eram suficientes para alojar e proporcionar o entretenimento dos seus funcionários. Isso mostra que a cidade de Foz do Iguaçu voltou-se para o evento singular da época, que foi a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu. Para o entrevistado de número 10, existiam várias atividades esportivas e recreativas organizadas pela Itaipu. Ele destaca que:

As Olimpíadas era geral, só dividida por setores. No mirante, tem um homem de ferro que foi feito na Olimpíada, foi bonito o desfile, não me lembro qual artista que veio... mas muito bacana. No mirante, lá dentro de Itaipu, tem um homem de ferro que foi feito numa Olimpíada. Maguila, Golias, Trio Los Angeles, João do Pulo, todos vieram pra cá, eu que buscava os artistas, levava, alojava, sou agradecido a Deus por ter me dado essa oportunidade.

Na fala do funcionário é mostrado que, além da divisão que ocorria nos alojamentos, nos refeitórios, nos conjuntos habitacionais, no esporte essa regra não se modificava, pois, as Olimpíadas eram divididas por setores de trabalho, um setor competia contra o outro.

A Foto 5 mostra a equipe da segurança física antes das Olimpíadas internas de Itaipu em 1977, em um dos treinamentos da equipe do atletismo.

Foto 5 – Equipe de atletismo da segurança física de Itaipu



Fonte: Acervo pessoal do 11º entrevistado.

A Foto 6 mostra o medalhista olímpico João do Pulo entregando uma medalha para o atleta de uma das modalidades do atletismo, ex-funcionário de Itaipu. Naquele momento, a presença de um medalhista olímpico reconhecido foi um episódio marcante para os que tiveram a oportunidade de vivenciar aquele acontecimento, permitindo aos trabalhadores da Usina Hidrelétrica relacionar suas Olimpíadas locais com os Jogos Olímpicos Mundiais.

Foto 6 – Visita do atleta João do Pulo ao Cinema 2 de Itaipu em 1979



Fonte: Acervo pessoal do 11º entrevistado.

De maneira geral, algumas atividades e comemorações que foram oferecidas por Itaipu, acabaram causando um saudosismo e boas lembranças para os participantes que estiveram envolvidos com a pesquisa:

O Maguila veio lutar aqui, lembro até do calção amarelo dele, o Coxa também veio jogar aqui com o time dos empregados de Itaipu. Veio a Gretchen, pensa na loucura que foi, aquela mulher seminua com aquele tanto de homem (...) No dia do trabalhador, os funcionários tinham tudo que tinham direito e, no final do ano, todos os filhos ganhavam presentes (1º entrevistado).

Os espaços dentro do canteiro de obras de Itaipu foram descritos por Ribeiro (2002, p. 61) da seguinte forma:

Eram dois os cinemas em Itaipu. Cada um com capacidade para 690 lugares, onde eram feitas diariamente duas projeções, com entrada franca. Além disso, os cinemas eram utilizados para a apresentação de festivais. Além dos aparelhos de televisão em cores, os alojados podiam fazer uso dos salões onde se jogava tênis de mesa, *snooker*, pebolim, xadrez, entre outras atividades de lazer.

A tecnologia influenciou no lazer das pessoas, disponibilizou informações que antes não eram conhecidas e no menor tempo. Assim, outras formas de lazer foram possíveis de se conhecer. As imagens disponibilizadas por esse meio de comunicação, que é o cinema, conseguem, muitas vezes, trabalhar com a imaginação e colocar o indivíduo em contato com uma

outra realidade. No Informativo da UNICON de 17 de dez/78, página 5, na matéria “Roller chega ao canteiro por conta de patinador solitário”, é relatado:

O esporte de patinação roller chegou agora ao canteiro de obras por meio do operador de central de concreto, Sebastião Carlos da Silva que patinava tranquilamente numa das quadras do Centro Comunitário na manhã do dia 24 de novembro [...] Sebastião interessou-se pela onda dos rollers por influência da televisão e de um show de patinação a que assistiu no Ginásio de Esportes de Cascavel. Do entusiasmo à compra, foram suficientes 6 mil cruzeiros para propiciar-lhe o prazer e os primeiros tombos sobre as rodinhas dos patins.

A Foto 7 mostra três funcionários jogando sinuca na sala de jogos de Itaipu e o rapaz de camiseta branca é um dos entrevistados da pesquisa.

Foto 7 – Sala de jogos de Itaipu em 1978



Fonte: Acervo pessoal do 11º entrevistado

Itaipu inovou ao mesclar os espaços de lazer ao longo das três vilas. Mesmo partindo da premissa de haver um tempo de lazer separado da atividade laboral, a Usina oferecia inúmeras alternativas e espaços de lazer aos funcionários, inclusive, no próprio canteiro de obras, com centro comunitário, cinema, quadras esportivas, salas de jogos e outros equipamentos de entretenimento, dando aos trabalhadores um sentimento de pertencimento, identidade com as práticas e, ao mesmo tempo, um certo conforto. Nas olimpíadas promovidas pela Usina, os trabalhadores se revezavam no horário de trabalho. Enquanto um competia, o parceiro dava cobertura na atividade de trabalho. Esse pode ser um exemplo de interação trabalho x lazer.

Nesse aspecto, um dos comentários do 10º entrevistado faz com que seja preciso refletir:

Aquela peãozada acabava de almoçar e caía naquele campo, suava feito louco, você olhava pra aquilo, rapaz, pensava que ia dar um infarto neles, era uma loucura e depois continuava trabalhar. Às vezes, saía todo suado do trabalho e já ia direto jogar, aquilo era uma festa naquele canteiro!

O 6º entrevistado comentou: “Iam com o “bucha” cheio, às vezes 50, 60, tudo com uma bola só. Imagina aquilo pra dar um ataque cardíaco. Chamava desossa, porque o cara baixava o sarrafo”.

Outras histórias sobre o que a Itaipu promovia para os seus funcionários foram contadas pelo 11º entrevistado:

[...] Na Itaipu, se trabalhava 364 dias por ano, só não trabalhava no primeiro de maio, dia do trabalhador. Recebíamos cesta básica e nada se compara ao que a gente recebia. Tinha as Olimpíadas, cada ano se trazia artistas do momento, do Brasil, do Paraguai. Em 78, no encerramento das olimpíadas, veio a Perla, foi feito no cinema no Centro Comunitário, pra 500 pessoas, mas lá tinha mais de 3000, mas começou com um trio paraguaio tocando arpa e cantando, depois a Perla, em seguida entrou no palco Ronald Golias, de repente ele entra no palco com uma capa amarela e um pinico na cabeça, entrou no palco vestido de peão e contou tanta piada e isso me marcou muito, todos os anos vinham artistas diferentes, veio as Frenéticas, Jane e Erondi, Gal Costa, Beth Carvalho; na parte do futebol, os Milionários que eram os tricampeões na década de 70, que foram campeões mundiais, era um festa, Rui chapéu, jogador de snooker.

A empresa Binacional proporcionou vivências artísticas culturais dos dois países. O ex-funcionário ficou emocionado ao falar de Ronald Golias, que interpretou o papel do peão de Itaipu, pois ele se projetou naquela identidade que era importante para ele.

O Informativo da UNICON de 28 de abril/78, página 4, na matéria “Em 1º de maio, a festa é sua”, são anunciadas as atividades que serão oferecidas no evento: “Perla, Golias e mais: Provas de Atletismo, Torneio de Futebol Suíço, Torneio de Voleibol, Torneio de Damas, Torneio de Dominó, Entrega de medalhas, Missa”.

Na manchete, do informativo da UNICON que diz, Padres Carlistas atendem alojados, de 26 de julho/78, página 5, parte do texto informa:

A congregação dos Padres Carlistas está prestando atendimento religioso para alojados e residentes dos conjuntos residenciais da Margem Esquerda, através dos padres Alcides Angonese – vigário da paróquia São José Operário – Ângelo Ravello, seu auxiliar, e do diácono Sérgio Dall’Agnese. Além das missas no canteiro e conjuntos habitacionais,

dedicam-se a outras atividades religiosas, como cursos de batismo, de noivos, de formação de grupos de casais, de crianças, de jovens e contato com as famílias.

A Margem Direita (MD) faz referência ao canteiro de obras do lado paraguaio e a Margem Esquerda (ME) ao canteiro de obras do lado brasileiro. Entende-se que, nesses e em outros espaços, além da parte esportiva, que era muito presente, havia outras atividades de socialização ligadas à religiosidade que Itaipu certamente reconhecia como importante, pois esse tipo de atividade faz parte da memória cultural e social das pessoas e, com isso, pode trazer bem-estar, atrelado a um tipo de comportamento “dócil” entre as pessoas.

“O Centro Comunitário em Itaipu foi feito com a implantação do canteiro de obras, em janeiro de 1977. Quando eu entrei, ele já estava. Foi construído com uns blocos de concreto para ser mais rápido” (11º entrevistado).

Tudo o que nós tivemos do lado brasileiro, tinha no Paraguai. As Vilas no Paraguai eram melhores devido a maior área. Lá a área 1 correspondia a Vila “B”; a área 2 correspondia a saída sul, as casas do aquário; a área 3, a saída sul da COBAL; a área 6 semelhante à Vila “C”; depois área 7 e 8, de 1 até a 8 [...] Até o desenho da construção era o mesmo, a mesma edificação, até nisso existia harmonia. Era possível identificar os espaços dos setores de Itaipu, do hospital, etc., em ambos os lados.

Itaipu tentou padronizar os ambientes no Brasil e no Paraguai. O 11º depoente fala também de como aconteceu essa integração dos funcionários brasileiros e paraguaios. E demonstra o quanto o lazer e a sociabilidade foram importantes para a concretização do projeto que foi o empreendimento Itaipu, com um rigor de obediência bem marcado:

“Era muito trabalhada essa integração para os trabalhadores terem harmonia, concordância, disciplina. Vinha devido ao serviço social que era praticado, os torneios de integração das Vilas, dos setores e entre as Vilas do Brasil e do Paraguai”.

O setor de serviço social da Itaipu trabalhava tentando proporcionar a interação dos trabalhadores e seus dependentes por meio das atividades de lazer: “A Itaipu e UNICON (União de Construtoras Nacionais) trabalhavam mais que a ITAMON nas atividades recreativas”.

Outro tipo de atividade é possível verificar no Informativo da UNICON de 1º de junho/78, página 6, na matéria “Concurso de artesanato, pintura e desenho, na escola do canteiro”:

Já estão em plena atividade os funcionários artesãos que participam do concurso de artesanato organizado pela escola do canteiro de obras. Diariamente no período noturno,

cada um se empenha em executar sua criatividade, servindo-se do material escolhido para fazerem lindos objetos artísticos.

Na manchete do informativo da UNICON “Semana da Amizade no Canteiro de Obras – MD”, de 26 de julho/78, página 7, parte do texto explica que:

O bem-estar social da UNICON e o Setor de Recreação da CONEMPA, aderindo aos festejos da Semana Mundial da Amizade, cuja celebração se dá entre os dias 24 e 30 de julho, elaboraram um extenso programa de atividades culturais e esportivas que acontecerão no canteiro de obras da margem direita.

A UNICON (União das Construtoras Nacionais) obedecia, rigorosamente, ao calendário de datas comemorativas. Essa atividade proposta na semana da amizade foi realizada na Margem Direita. O estudo se propôs focar nas atividades de lazer e sociabilidade, a partir de Itaipu, do lado brasileiro. Esta é a única atividade do lado paraguaio referente aos informativos da UNICON, mostrada nessa pesquisa.

O informativo da UNICON de 20 de setembro/78, página 6, mostra a matéria que trata da “Recreação e Cultura para Comemorar o Desvio do Rio”. Para isso, o departamento de bem-estar social preparou algumas atividades como: torneio de futebol de salão “integração”, torneio de futebol suíço, torneio de damas.

As atividades contaram com missa, palestra sobre o tema “A Amizade”, apresentação de números artísticos, torneio com jogos de mesa e de salão, provas de atletismo, cabo de guerra, fechamento do evento com concursos de poesia, slogan e desenhos sobre o tema: a amizade, conclusão da contagem de votos do concurso para eleição do melhor amigo paraguaio e brasileiro, entrega dos prêmios.

A Itaipu patrocinava atividades culturais variadas. O informativo da UNICON de 15 de abril/81, página 6, na matéria “Surge um “LP” com Música de “Barrageiros”, fala sobre o lançamento de um LP:

Acaba de ser lançado em todo o Brasil, pela edição Paulinas Discos de São Paulo, o elepê “Histórias da Gente”, do cantor Antônio Cardoso, contendo em uma de suas faixas a marcha rancho “Mãe Mão de Obra”, com letras de José Melquíades Ursi, redator deste informativo, e Música de Alceu Silva Filho, empregado da oficina TEVICO. Outras faixas do *long play* trazem composições de Peninha, Pe. Zezinho, Luís Serpa e Toninho de Barros. Ao todo, doze músicas, essencialmente baladas, sambas-canção e marchas.

Na busca por apoiar atividades culturais, eram utilizadas as alternativas tecnológicas disponíveis naquele momento, como shows com sonorização e iluminação, programas de rádio e TV, lançamentos de LP's e fitas cassete, cinema e tudo o mais que estivesse disponível.

Na Foto 8 do Informativo UNICON, de 26 de julho/79, página 5, é mostrado o exemplo de uma das programações de cinema.

Foto 8 – Programação do cinema em Itaipu em 1979

DIA	HORÁRIO	TÍTULO	GÊNERO
De 23 a 26 de julho	Às 14 e 20 h	No Rancho Fundo	Comédia
De 27 a 29 de julho	Às 14 e 20h	Caça aos Violentos	Farwest
De 30 de julho a 02 de agosto	Às 14 e 20h	Encontro de Casais	Aventura
De 03 a 05 de agosto	Às 14 e 20h	Hércules Conquista Atlântida	Aventura
De 06 a 09 de agosto	Às 14 e 20 h	Jecão, um Fotoqueiro no Céu	Comédia, com Mazaropi
De 10 a 12 de agosto	As 14 e 20h	João de Barro	Aventura

Fonte: Informativo UNICON.

Eram disponibilizadas atividades culturais variadas e os filmes que eram passados na época pertenciam à cultura popular, que permitia muitas vezes trazer a identidade para a plateia por meio de personagens, pois interpretavam papéis relacionados com a história do “sertanejo”, do “caboclo”, do “caipira”, e do “gaúcho”. Tinha coro, provavelmente, porque muitos se identificavam com as histórias interpretadas. Vários dos trabalhadores de Itaipu, nascidos nas décadas de 1940 e 1950, que vieram de estados diferentes, tiveram raízes no campo, na zona rural e, assim, podem ter recebido uma forte influência da cultura agrícola.

O 10º entrevistado, responsável pela recreação na Itaipu, explica outras atividades que ele ajudava desenvolver na empresa:

Na obra, eu passava filmes para os alojados, passava nos refeitórios. Tem um teatro no Centro Comunitário, eu fui o primeiro a passar filme 35 milímetros, nós fazíamos a programação, às vezes, trocava o nome da programação, porque não podia passar filme pornô, meio pornô, não era totalmente, eu separava os filmes para os engenheiros e “barrageiros”. A gente trocava o nome dos filmes, pra colocar os filmes pornôs (risos). Chegava na sexta-feira, eu que fazia acontecer, buscava, levava. Os engenheiros, eles usavam um código: “careca tem aí?”, era a pinga, porque não podia entrar dentro da obra, mas a gente dava um jeitinho. Meu chefe chegava, “careca você passou filme pornô ontem?”, não foi só uma ceninha (risos). Todo mundo era feliz, não via ninguém aborrecido.

A teoria Foucaultiana esclarece as diferentes formas de poder e controle social, verticais e horizontais, relacionados à medicina e à psiquiatria. Nesse aspecto, verifica-se a necessidade da disciplina para tentar suplantar, num sistema de vigilância e punição o comportamento dos indivíduos. Nessas relações, segundo a teoria de Foucault, é possível perceber, nos dispositivos de poder, quanto de resistência a ele (FOUCAULT, 2008).

No informativo da UNICON, de 31 de janeiro/80, página 8, na matéria intitulada “Torneio de Pebolim” (Foto 9), é relatado:

O campeoníssimo José Eudes de Almeida, pela quinta vez, repetiu sua façanha, vencendo o torneio de pebolim realizado no último domingo, 25 de janeiro, pela tarde, no Centro Comunitário ME. José Eudes, que tem 20 anos de idade e um ano e quatro meses de firma, declarou: “Sempre participei ativamente de todas as atividades e torneios organizados pelo setor recreativo”. Para Roberto Neves dos Santos, paranaense de 22 anos, esta foi a primeira vitória na modalidade, e confessa: “Desde o começo da competição, sabia que ganharia, pois, formando dupla com José Eudes, a vitória é certa”.

Foto 9 – Torneio de Pebolim em 1980



Fonte: Informativo UNICON.

A modalidade esportiva “Pebolim” é inspirada no futebol, mas transferido para uma mesa, com bonecos presos a manetes que são manipulados pelos jogadores. O jogo acontece entre dois times, cada time recebe uma cor diferentes entre os bonecos e o objetivo do jogo é fazer o gol. O gol acontece quando a bola de uma equipe consegue entrar na área de gol do adversário.

A matéria “Pebolim, no horário de almoço” demonstra que o tempo dos “barrageiros” em Itaipu foi preenchido em diferentes momentos. Assim, a matéria do Informativo UNICON explica:

Assim que as rodadas do pebolim começavam, o bloco 9 ficava apinhado de gente [...] Terminou no dia 28 de outubro o I campeonato de pebolim “hora do almoço”, assim chamado porque os jogos foram programados para o período das 12 às 13h10. Iniciado no dia 12 de outubro [...] A nova experiência, com competições no horário de almoço, parece ter trazido bons resultados, já que a sala de recreação do bloco 9 recebia cerca de 300 pessoas em cada rodada, algo que não se via há certo tempo (Informativo UNICON, nov/83, p. 11).

As disciplinas que analisam o espaço, que decompõem e recompõem as atividades, devem ser compreendidas como aparelhos para adicionar e capitalizar o tempo. O procedimento consiste em decompor o tempo em sequências, separadas e ajustadas, com a finalidade de produzir

comportamentos úteis e efetuar um treinamento geral da força, da habilidade e da docilidade (FOUCAULT, 2008).

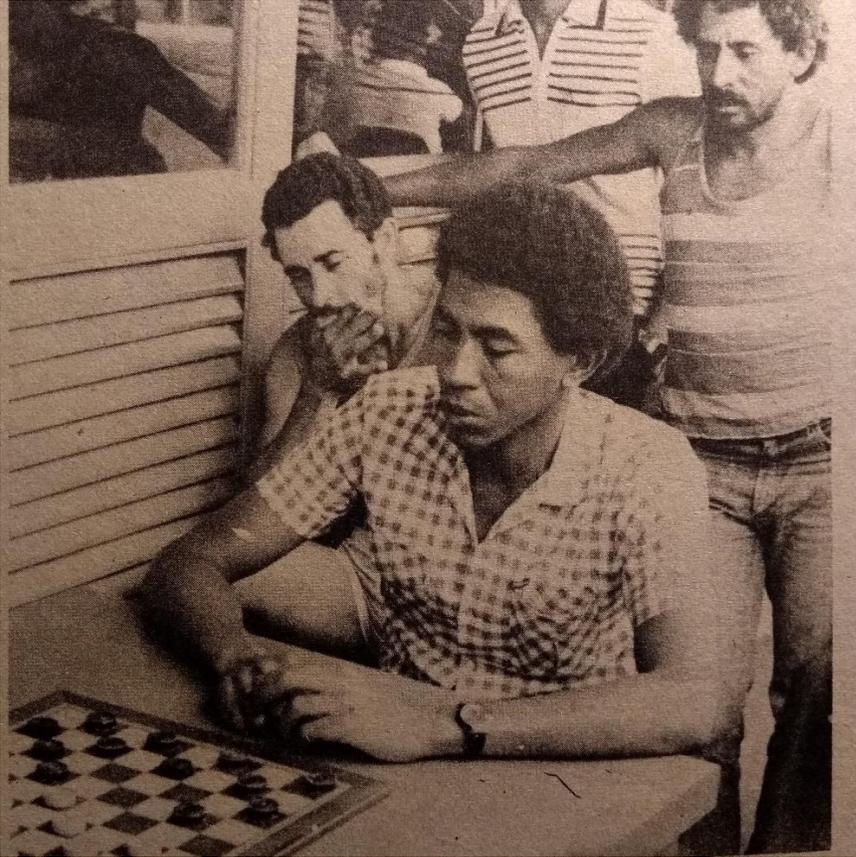
Com isso, é possível fazer uma reflexão com Foucault (1997) de que o poder disciplinar faz o papel de produzir a individualidade orgânica ao exercer um controle sobre as atividades corporais. Nesse caso, o controle de atividades corporais realiza essa atividade orgânica por meio do envolvimento temporal proporcionado pelo uso de cronogramas, os quais previnem a ociosidade ao dividirem as atividades em minutos e segundos. Essa individualidade é articulada com outros corpos para produzir um nível de eficiência maior.

A Itaipu tinha como foco, por meio dos torneios e campeonatos, a socialização e o entretenimento dos seus funcionários. O esporte pode trazer tanto a socialização quanto a exclusão, dependendo da sua aplicação e apropriação. Ele pode credibilizar o indivíduo por meio de suas potencialidades ou descredibilizá-lo pela falta dessas mesmas potencialidades. Ele pode trazer afinidades por meio das modalidades esportivas, como pode distanciar pelo mesmo motivo. Por outro lado, o esporte pode trazer para o indivíduo um “status” que talvez de outra forma não pudesse conquistar. Assim, o esporte deve ter possibilitado outros olhares entre as pessoas dentro da empresa, propiciando outras compreensões sobre a figura do indivíduo trabalhador de Itaipu.

O esporte de equipe pode, possivelmente, propiciar a essas pessoas um melhor entrosamento, o conhecimento sobre o outro, o espírito de equipe. Pela via competitiva o interesse normalmente é o mesmo, “vencer a competição”, ou “vencer o adversário”. Nesse sentido, em outro prisma, puderam formar “castas” e reforçar também as diferenças. De maneira geral, compreende-se que o esporte e as competições que foram desenvolvidas a partir de Itaipu, propiciaram práticas de lazer e de socialização para os seus trabalhadores.

A partir dessas experiências, sabe-se que existe a necessidade de se estabelecer uma compreensão sobre o Esporte e o lazer de interesse popular na perspectiva da sociedade.

Foto 10 – Torneio de Damas em 1981



Fonte: Informativo UNICON.

No Informativo UNICON, de 28 de novembro/81, página 6, na matéria “Damas: Anivaldo é o primeiro, porém, depois de Nilton Ivo” (Foto 10), é mostrada a figura do campeão na modalidade de Damas. Os funcionários de Itaipu, José Eudes e Anivaldo, ambos são colocados em uma posição de destaque perante os seus companheiros. O esporte pode ser uma outra forma de conquistar prestígio e poder.

Para Foucault (1997), o poder surge em todos os tipos de relacionamentos em qualquer estrutura. Foucault não se prendeu no reconhecimento da teoria do poder, mas sim em analisar o poder. O poder deve ser pensado no nível micro das relações e na esfera das relações de força é que se deve tentar analisar os mecanismos de poder. O poder não é uma estrutura, mas um arranjo complexo na sociedade.

Para Foucault (1997, p. 12): “Não pode haver relações de poder a menos que os sujeitos sejam livres. Se há relações de poder ao longo de todo campo social é porque há liberdade em toda parte”. As políticas de lazer criadas pelos administradores da obra de Itaipu geraram várias

possibilidades para a fruição do lazer. A partir disso, os funcionários passam a exercer o poder de escolha e criar novas relações entre eles, distintas da estrutura formal do trabalho. Em momentos de atividades esportivas, o chefe pode virar subordinado, um subordinado pode exercer uma liderança, que não exerce no momento de trabalho. Todo o arranjo de poder se reestrutura com novas regras, novos papéis, novas permissividades, outros focos.

Bramante (1999) salienta que as políticas públicas de lazer, por meio de ações articuladas que envolvam espaço apropriado, orientação, tempo para a prática e experiência na fruição do lazer, são fundamentais para a qualidade de vida da pessoa, contribuindo para o sentimento de prazer e liberdade para o indivíduo. Mesmo que Itaipu e as políticas públicas da cidade não tenham favorecido a fruição do lazer integralmente, ainda assim, diante das reflexões feitas por Foucault, é possível analisar um outro aspecto relacionado à liberdade do trabalhador de Itaipu, e o poder que ele, de certa forma, exerceu na administração do seu tempo livre, ou tempo liberado.

Mesmo que o trabalho exaustivo na construção de Itaipu e o pouco tempo para a fruição das práticas de lazer possam ter oferecido menos liberdade àqueles indivíduos, por outro lado eles criaram estratégias de sociabilidade e práticas de lazer nos intervalos entre o trabalho, à noite e na madrugada, que permitiram melhorar a performance em determinadas modalidades esportivas, formar um conjunto musical, dentre outras atividades pelas quais estes sujeitos forjaram uma nova identidade além daquela do “trabalhador”, como a do músico, do esportista, do artista plástico etc.

O “Casa de Força” foi um conjunto musical integrado por empregados de Itaipu e, na abertura da Olimpíada de 1980, eles proporcionaram o show para a plateia. Iniciaram com a música “Aquarela do Brasil” e “Polca” e terminaram o show com música sertaneja. Foi um sucesso com o público (Informático UNICON, 5 de junho/80, p. 2).

A Itaipu abrigava pessoas de diversos lugares, de diversas culturas e inclinações artísticas. Pelas observações realizadas, nas horas de folga, os funcionários de Itaipu se debruçavam nas suas aptidões. Assim, socializaram e usufruíram do lazer, bem como foram descobertos diversos talentos nos esportes, na música e demais formas de expressão artística.

No informativo da UNICON de 28 de novembro/81, página 6, na matéria “O Chileno Valenzuela ganhou no tênis de mesa”: “Jorge Valenzuela, soldador de equipamentos e referência 62.557-4, ganhou o torneio de tênis de mesa do último dia 22, realizado no bloco 9 no Centro

Comunitário do canteiro de obras. Em segundo, ficou Antônio Claudino da Silva, ref. 71.622-7” (ver Foto 11).

Foto 11 – Torneio de Tênis de Mesa em 1981



Partida final entre Antônio Claudino (à esquerda) e Valenzuela (campeão)...

Fonte: Informativo UNICON.

A matéria demonstra, por meio do torneio de tênis de mesa e outros fatos, a mescla que existia em Itaipu com relação ao número de pessoas que vieram de outros países, outros estados e outras culturas. A Foto 11 é de uma partida final que foi disputada com um brasileiro e um chileno.

O esporte pode ser considerado como um rico conteúdo cultural. Assim como no esporte outras vivências culturais são importantes, é possível analisar que a regulamentação das modalidades esportivas facilita o reconhecimento das regras e o hábito da prática em diferentes países. Sendo assim, é coerente pensar que as atividades esportivas que são mais democráticas possam facilitar a aproximação entre as pessoas e a fruição do lazer relacionado aos interesses esportivos. Ainda pensando nos esportistas brasileiro e chileno, fica a dúvida: Quais foram os sentimentos gerados nessa disputa, a vontade de vencer o adversário, ou de vencer o “chileno”, ou mesmo, o de vencer o “brasileiro”?

Dentro de Itaipu, muitas pessoas surgiram e marcaram a história daquela época. A obra a seguir, retratada na Foto 12, na parede de um quarto de alojamento, é de um artista anônimo, “ex-barrageiro” paraguaio, que trabalhou e morou no alojamento dos peões em Itaipu. No seu tempo

livre, como forma de lazer, ele expressava nos desenhos com grafite, o seu lado artístico, que revelam os sonhos e as lembranças do peão, sua religiosidade, seus ídolos, as mulheres (Cf. Informativo UNICON, 20/04/1978).

Foto 12 – Arte em grafite em 1978

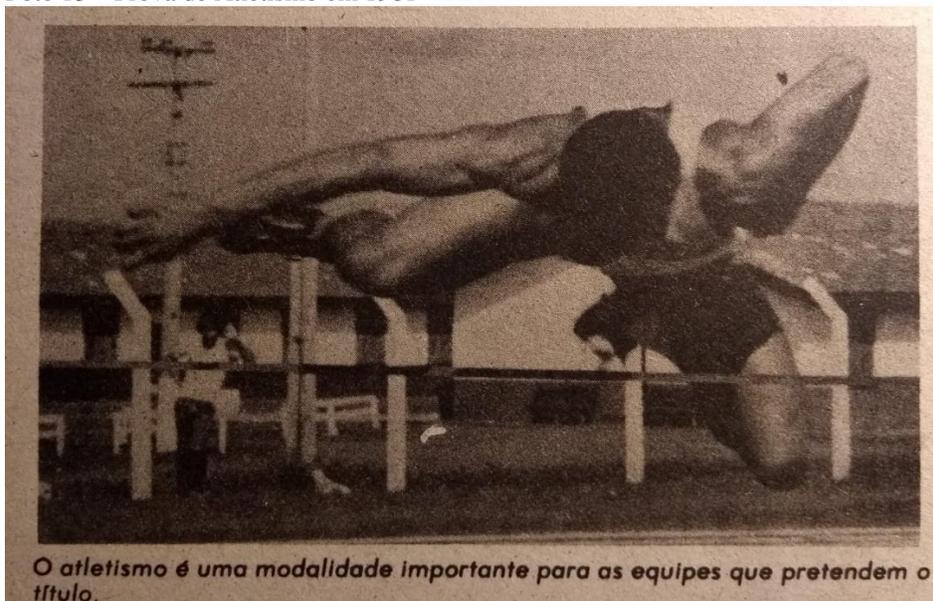


Fonte: Acervo pessoal do 11º entrevistado.

O informativo da UNICON, de 28 de fevereiro/81, página 7, parte da matéria intitulada “Quem vai competir tem que conhecer as Regras do Jogo”, informa (Foto 13):

A III Grande Olimpíada Itaipu começará este ano em 1º de maio, dia do trabalho, e o regulamento que regerá as competições já está pronto. Portanto, aqueles que forem competir devem tomar conhecimento das regras do jogo. Para isto, este informativo apresenta um resumo dos critérios que orientarão os Jogos Olímpicos deste ano. A sessão recreativa do setor de bem-estar social está organizando e dirigirá a III Olimpíada Itaipu. Serão disputadas 13 modalidades, a saber: futebol de campo, futebol de salão, basquete, voleibol, tênis de mesa, atletismo, pedestrianismo, bocha, dominó, pebolim, snooker, damas e xadrez.

Foto 13 – Prova de Atletismo em 1981



Fonte: Informativo UNICON.

A Foto 13 é de um esportista de Itaipu, na modalidade de salto em altura no atletismo. A performance mostrada na imagem assemelha-se a performance de um atleta profissional. Conclui-se que os treinamentos para alcançar essas destrezas eram levados a sério.

As várias atividades esportivas propiciadas, principalmente, nos eventos das Olimpíadas de Itaipu puderam acender alguns “personagens” que tinham pouca visibilidade. No entanto, além da influência dos militares em Itaipu e, conseqüentemente, na cidade de Foz do Iguaçu, a própria empresa geradora de energia acabou por auxiliar na inserção de esportistas que até então não eram conhecidos. Nesse sentido, o 10º entrevistado apontou:

[...] O Maguila surgiu daqui, Maguila era um feirante, coitado, lá de São Paulo. O falecido tio Luiz trabalhava numa academia de box em São Paulo, e conhecia ele, foi convidado para trabalhar em Itaipu, aí ele com aquele jeitinho, disse: eu tenho um cara lá, pra lutar com Zanella, que foi guarda de segurança, o Silva [...] foram tudo gente feita aqui, Maguila surgiu de Itaipu.

O “barrageiro” Rogério Zanella, peso-pesado da academia de boxe da UNICON ficou conhecido nos meios pugilísticos nacionais (UNICON, 15 de abril/81, p. 7).

Foto 14 – Boxe da UNICON

**O Nome da Empresa Sobe aos
Tablados do Boxe Paulista**

"A GAZETA ESPORTIVA" de São Paulo tem dado grande destaque à participação dos pugilistas da UNICON na "39ª Forja de Campeões" que, agora, alcança rodadas decisivas.

Diniz, meio pesado do Volkswagen Clube "bem treinado, melhor motivado", conforme diz o diário paulista, "está aguardando com ansiedade o momento de enfrentar Adivante Grup que representará a firma UNICON Construtora da Usina ITAIPU".

Além de Adivante, Rufino, Silva e Zanella levam o boxe da UNICON

ao tablado do Baby Barioni, em pleno coração da grande metrópole.



Fonte: Informativo UNICON.

No informativo da UNICON de 31 de março/78, página 7, na matéria "Malhação de Judas": "Domingo de Páscoa: aí está a malhação de Judas que os peões fizeram no Canteiro de Obras. Amarrado a um poste, o traidor aguardava imóvel a sua tradicional surra, diante da zombaria de seus "algozes" (Foto 15).

Foto 15 – Malhação de Judas em 1978



Fonte: Informativo UNICON.

No canteiro de obras foram vivenciadas festas folclóricas como a “malhação de judas”, o “pau de sebo”, dentre outras festas. Em outra matéria do Informativo UNICON, o “pau de sebo” foi adaptado para motivar os “barrageiros”. Aquele que conseguisse subir e pegar o embrulho que estava colocado na extremidade do mastro, levaria uma quantia em dinheiro.

No Informativo da UNICON, de abril/78, página 3, de acordo com a matéria “Centro Comunitário: Resposta Social ao Alojado”: “O Centro Comunitário é uma resposta à necessidade de vivência social dos alojados. É uma necessidade onde se tem alojados. Onde se dá condições de trabalho e alojamento, deve-se dar também condições de bem-estar social”, Foto 16 e 17.

Foto 16 – Centro Comunitário – Bloco destinado aos jogos recreativos de salão, centro comercial, gramado destinado ao futebol de campo em 1978



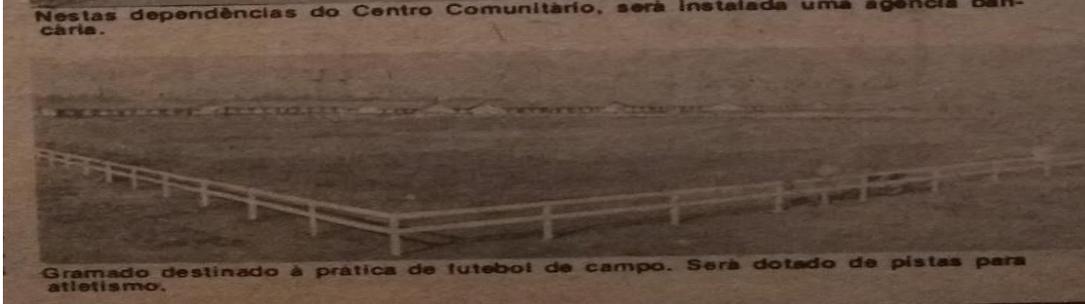
Bloco destinado a jogos recreativos de salão: xadrez, damas, dominó, tênis de mesa, snooker, pebolim, etc.



O Centro Comercial será instalado neste bloco com rouparia, bazar, lavanderia, livreria, sapataria, etc.



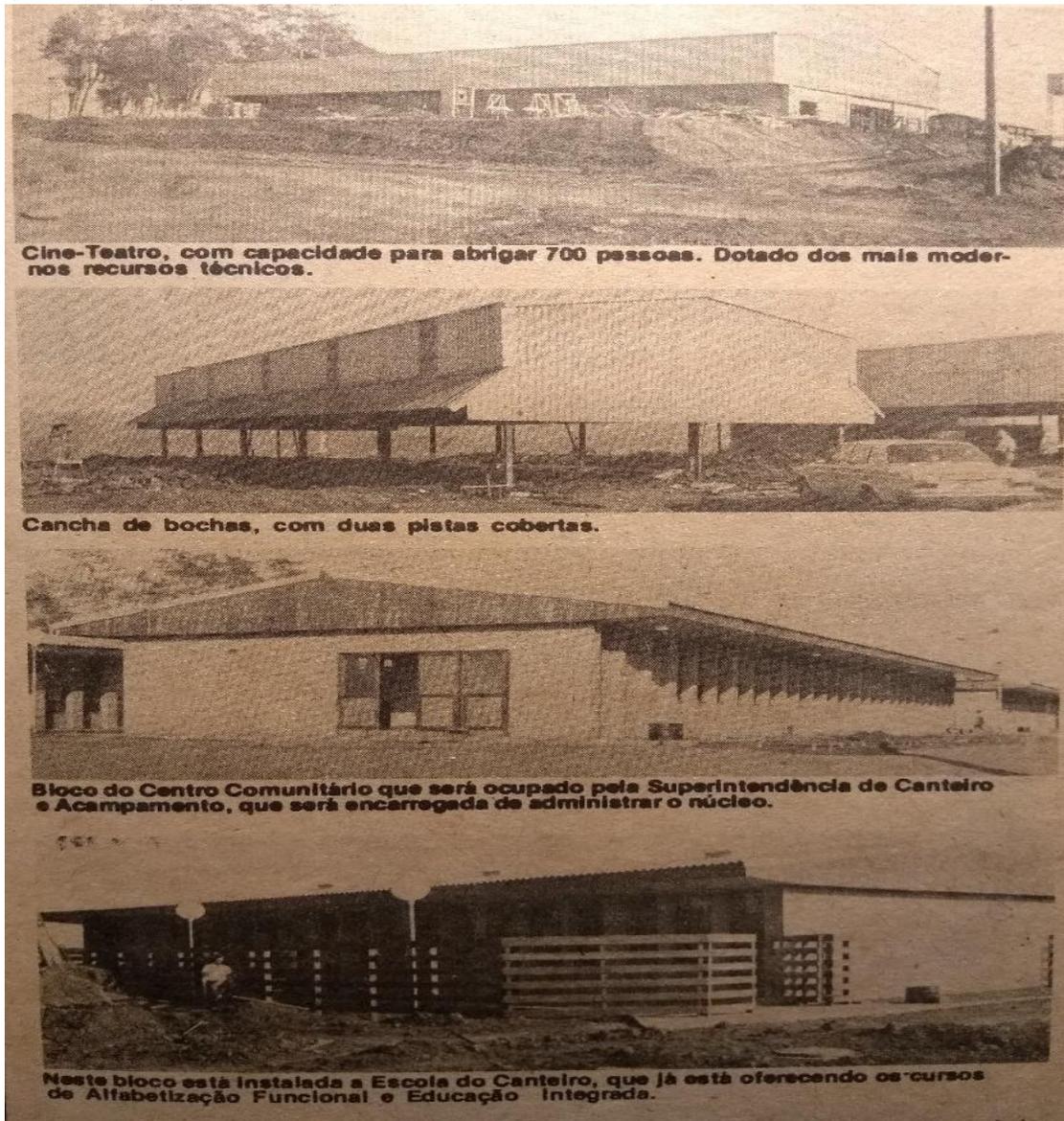
Nestas dependências do Centro Comunitário, será instalada uma agência bancária.



Gramado destinado à prática de futebol de campo. Será dotado de pistas para atletismo.

Fonte: Informativo UNICON.

Foto 17 – Centro Comunitário – Cine teatro, cancha de bochas, Bloco do Centro Comunitário, Bloco Escola do Canteiro em 1978



Fonte: Informativo UNICON.

Em um panorama geral, as Fotos 16 e 17, permitem visualizar os espaços existentes no Centro Comunitário de Itaipu no ano de 1978.

O Informativo da UNICON de 13 de maio/78, página 7, na matéria “UNICON contrata TV Globo para mostrar Copa do Mundo”:

A UNICON firmou contrato com a Rede Globo de Televisão, através de uma sua subsidiária, a TVC – TV por cabos, para instalar, no Canteiro de Obras, um canal

próprio de televisão, com cinquenta e quatro televisores a cores, garantindo a transmissão, em vídeo-tape, à noite e à tarde, dos jogos da Copa do Mundo.

Esses aparelhos e recursos tecnológicos eram novidades avançadas para a época. Por isso, Itaipu não deixou de anunciar essas aquisições. Essa foi uma forma de mostrar que Itaipu se preocupava com o entretenimento de seus funcionários. Ao longo da história da humanidade, o próprio consumo quase sempre gerou status.

Dessa maneira, é possível analisar alguns relatos do que acontecia nos espaços de sociabilidade masculina:

Era comum a roda de “Chimarrão” (mate quente, de origem gaúcha) e do “tererê” (mate frio, de origem paraguaia), como era comum também o preparo do “puchero” ou da feijoada, o que implicava muita diversidade na culinária, assim como nos trajes típicos, ou na língua, para convidar o “chei ru” guarani e o “vem cá, meu xará”, que se entrecruzavam naquele espaço de sociabilidade masculina. Neste sentido, pode-se afirmar que nos alojamentos, em meio à diversidade cultural, acontecia uma certa integração entre os dois povos (RIBEIRO, 2002, p. 59-60).

O 6º entrevistado comenta o que aconteceu com os hábitos de tomar o chimarrão e o tererê no Brasil e no Paraguai. Parece que existia uma maior “homogeneização” de pessoas com os mesmos hábitos culturais no Paraguai e no Brasil. Então, a identidade em relação ao costume de tomar o tererê se fortaleceu:

Eu senti muito o Chimarrão, aqui era muito quente, fui perdendo o hábito, mas o tererê eu não me acostumei não (risos). Uma época aconteceu umas coisas e o nosso chefe proibiu o Chimarrão, a gente tinha que se esconder (...) No Paraguai, quiseram proibir o tererê. Aí eles disseram aqui não (risos), porque lá tinha mais paraguaios e mais gente que tomava o tererê.

As análises, até o momento, possibilitam entender que essa diversidade cultural, trazida para Foz do Iguaçu por pessoas de diferentes estados e de outros países, oferece uma ampla possibilidade de estudos dos efeitos deste evento peculiar na história de Foz do Iguaçu e permite reconstruir a trajetória de sociabilidades interculturais provocadas pelo impacto contemporâneo vinculadas às práticas de lazer inseridas por pessoas de diferentes culturas, agregadas em um ambiente de trabalho e espaço de habitação comum.

No próximo capítulo, serão discutidas as estruturas de lazer nos espaços da Vila “A”.

2 ESTRUTURAS DE LAZER DA VILA “A”

2.1 O PROJETO DA VILA “A” E SUAS CASAS

O empreendimento de Itaipu demandou a construção de estruturas para alocar os funcionários que afluíram em grande número para a obra, tanto em relação à moradia quanto logística, transporte, alimentação, saúde, educação e lazer. O 13º entrevistado que participou do planejamento das Vilas de Itaipu explica como foi o processo para a construção das áreas que pertenciam à Itaipu naquela época:

[...] Essa diretoria, de coordenação de obras e infraestrutura, então é que montava todo o processo, todos os projetos para a licitação da execução das obras que teriam que ser feitas, tanto arruamento, quanto a parte toda de residências, de clubes, de serviços, enfim, toda infraestrutura era licitada por essa diretoria através de projetos, em termos de valores também, e aí então as empresas ganhadoras eram fiscalizadas por quem fez os projetos e eram pagas mediante um programa físico e financeiro em datas preestabelecidas uma vez cumprindo aquelas etapas.

O 13º entrevistado conta como foi pensada a Vila “A” e o seu entorno na década de 1970:

Naquela época, não tinha nada (...) Tem duas etapas da Vila “A”. A primeira etapa que pega da avenida Tancredo Neves no sentido oeste que vai então até a Avenida Paraná, essa primeira etapa, ela foi contratada por uma empresa chamada CEREST, que era uma empresa que era um consórcio paraguaio. Ela então apresentava um projeto de ruas que tinha um sinal e uma área de retorno e tinham duas avenidas principais, uma que era a Avenida 2, outra que era a Avenida Silvio Américo Sasdeli, ao norte do bairro, e ao sul tinha a Avenida Araucária, muito bem. Visto que essa implantação não condizia muito com a ideia básica de uma cidade que é mais um traçado racional, mais um traçado é... como se fosse um tabuleiro de dama no xadrez, isso causaria grandes problemas depois até em termo de fluxo, de ambulância, de bombeiro né e isso começou a não funcionar no momento que começou ser implantadas as casas, porque todos eram “barrageiros” que estavam vindo pra cá e “barrageiro” tinha uma cultura própria né, geralmente o “barrageiro” naquela época tinha um carro da moda que era o Galaxy ou era o Landau e a geladeira muitas vezes estava vazia, mas era a cultura deles, né, então preferia mostrar alguns bens de consumo que iludia até os outros, que estavam muito bem, mas que na verdade não dizia muito, e até a própria configuração de uma Vila. Assim, você começa a ficar com áreas vazias que não servem pra nada, nem pra ter uma área verde, nem pra ter uma recreação, nem pra ter um Centro Comunitário, enfim...

Esse foi o plano da Vila “A”, no início da sua implantação quando começou a ser habitada e a circular veículos. Na fala do 13º, foi demonstrado que o “barrageiro” tinha uma “cultura própria” e que a valorização por bens materiais, como carros, estava em primeiro plano e o

planejamento inicial da Vila não favorecia o fluxo de carros e de pessoas. Sendo assim, o 13º explica como foram os próximos passos quanto ao planejamento da Vila “A” que, segundo ele, havia um problema e que geraria transtornos se não fosse corrigido:

Como se viu o erro nesse momento, é, então se partiu da Avenida Paraná até a Avenida Garibaldi que são duas avenidas no sentido norte/sul, pretendia fazer então um sistema mais coordenado, e aí surge então um tabuleiro de dama, que na verdade é um tabuleiro até um pouco mais confortável, porque tem, áreas centrais que são de reservas técnicas, bem grandes, e depois áreas centrais que também são reservas de áreas verdes [...] Reservas técnicas é para colocar equipamentos curtos da prefeitura, postos de saúde, escolas e tal, e as áreas verdes de preservação da questão ambiental.

As áreas verdes representaram um projeto da Itaipu que permitiu a arborização dos espaços da Vila “A”. Hoje em dia, no caso, ainda é um dos bairros mais arborizados da cidade. Ele fala também como era a Vila “A” e o que foi configurado nela, a posse das terras e o perfil das casas:

Eu me lembro muito bem que, naquela época, a gente não tinha como ainda manter semente para poder fazer um paisagismo na região, que aquilo lá era uma área de posseiros, as pessoas tomavam posse da terra, não tinha título de propriedade nenhuma. Era uma área cheia de colônias, de mato, em que aquilo depois de ter sido indenizada essas pessoas, foi então que o plano base teria acontecido. E, nesse plano base teria configurado um clube social, um hospital e, logicamente, definido a ocupação em termos de comércio e residência e de que tipo, de que tipo por quê? Porque qualquer usina Hidrelétrica, qualquer obra confinada naquela época, é, os graus em que a pessoa tinha na empresa era correspondente a um tipo casa, casa de dois quartos, casa de três quartos, áreas construídas maiores, áreas construídas menores e assim se configurou o traçado urbano da Vila “A”.

O planejamento da Itaipu e das suas Vilas, aconteceu em uma época que não havia muitos recursos tecnológicos e isso se configurou em uma realidade de trabalho muito peculiar. Por outro lado, também a legislação para o planejamento urbano estava sendo definida e muito diferente do que é hoje, em vários aspectos:

Naquela época, a gente tinha um plano diretor no município que tinha que obedecer, que era praticamente um código de obras que não falava muito sobre essa questão de ocupação de espaço urbano, mas que o básico seria o quê? Que eu tivesse uma área grande, um percentual x em relação a todos os hectares da Vila “A”, em que eu tivesse essas áreas verdes com um percentual de tantos por cento. Como nós acrescentamos, então, um percentual muito maior, nós tínhamos, então, área verde em que metade era área verde, outra metade dessa área era de recreação. Por isso, foram implantados vários parques infantis com brinquedos prontos, pré-fabricados na época, para atividades nesses corredores. É como se você tivesse um corredor central de mais ou menos dois

quilômetros e meio, que era em termos de, logicamente por ruas e avenidas, mas que formava todo um corredor de recreação e de entretenimento de pais, de responsáveis pelas crianças. Margeando esses corredores você tinha então as casas e ao mesmo tempo você tinha que locar escolas. Onde é que vai ficar?

A avenida Paraná está no prolongamento da Vila “A”, que liga o centro da cidade de Foz do Iguaçu. O 13º entrevistado explica como já se imaginava essa avenida:

[...] Já se tinha ideia de que a avenida ia ser um corredor de serviços públicos, porque ela já tinha, lá na cabeceira dela, ao sul, ela já tinha um prédio do INSS, que é um projeto de história e arquitetura do Rio de Janeiro, e já se sabia que todo aquele corredor ia ficar para prédios públicos. Então, foi implantada naquele corredor uma sede do banco do Banestado na época, que não existe mais. Foi implantado duas unidades do Colégio Anglo Americano, uma unidade pré-escolar e uma unidade do ensino médio, segundo grau e logo depois vinha o escritório da Itaipu que é o Centro Executivo que lá está até hoje.

A Paraná é uma avenida importante que dá acesso aos diversos pontos da cidade. O traçado da Vila “A”, de acordo com a organização e participação do 13º entrevistado, naquele projeto previa o seguinte:

Esses corredores, essas avenidas que estão no sentido norte/sul e leste/oeste, elas carregam até hoje grande fluxo do pessoal que passa pela Vila “A” em direção aos outros bairros, como as pessoas também que usam a Vila “A” e que moram na Vila “A”, mas também tinha-se que se pensar num clube de serviço, no caso um clube social, que acabou nascendo o floresta e depois o hospital aonde que ia ficar quando nasceu o Madeirinha, tinha o hospital “Madeirinha” na Vila “A” e o hospital “Madeirão” na Vila “C”.

O projeto da Vila “A” foi pensado de forma a atender à logística, à mobilidade e ao bem-estar das pessoas que ali iriam circular, para o trabalho, para a escola, para o hospital e para a vida social. A seguir, o 13º entrevistado descreve alguns dos espaços existentes.

[...] O “Madeirão” era uma unidade hospitalar que atendia a todo tipo de emergência e de urgência, com maternidade. Ele era todo em madeira, e a unidade de UTI e a unidade pré-natal e também de maternidade, era um prédio de alvenaria, pelas condições próprias de higiene e contaminação de quem fosse ter um filho naquele momento. E o Floresta foi colocado numa cabeceira da Avenida Paraná muito próximo da BR 277, porque, além de ser um clube e com uma quantidade enorme de pessoas que seriam associadas, ele também ficaria muito próximo ao acesso de cargas de material que viria para shows, pra eventos, pra feiras e tal, e a topografia do próprio terreno favorecia você ter a sede social, um parque aquático e depois um parque com as quadras poliesportivas e mais infraestrutura.

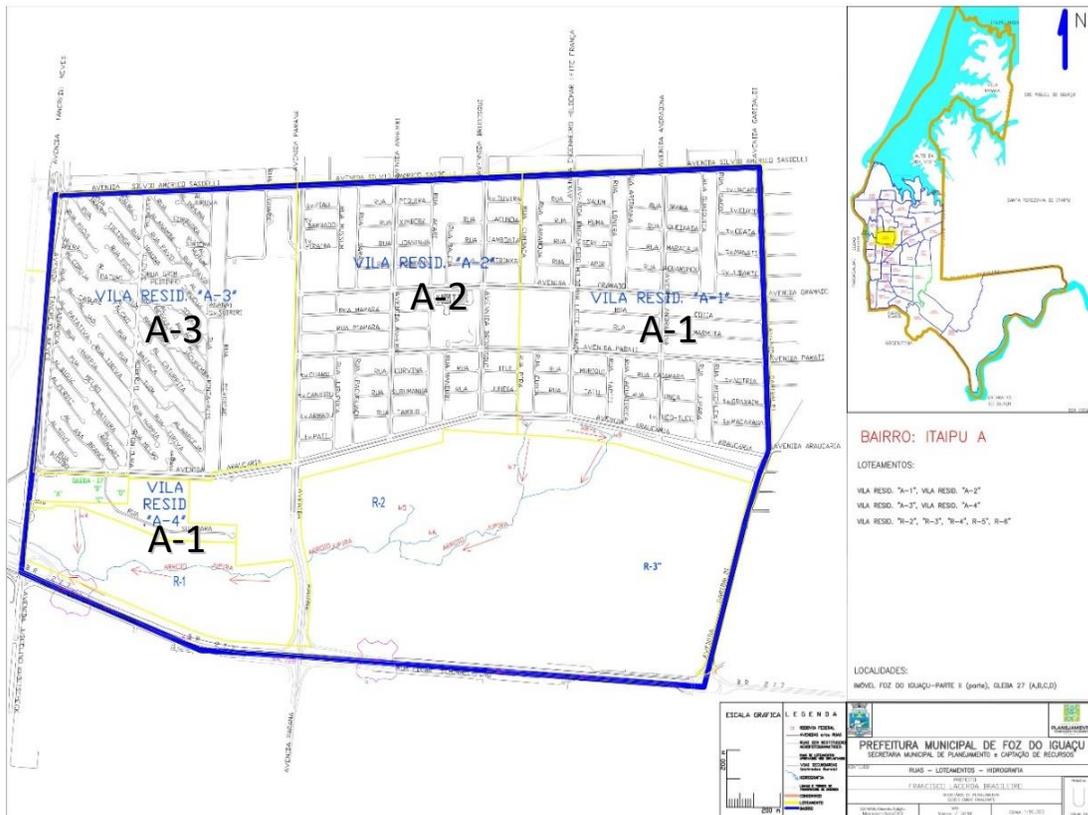
O entrevistado complementa e faz um relato do imaginário referente ao panorama geográfico da Vila “A”, com suas avenidas e casas:

Ao norte, a Avenida Sílvio Américo Sasdelli, muito bem, quando você vem, a oeste tem a Tancredo Neves, paralelo à Avenida Sílvio Américo Sasdelli, você tem a Araucária, que é a avenida do antigo Floresta, e depois você tem paralelo à Tancredo Neves, ao leste, a Avenida Garibaldi, esse é o quadrilátero da Vila “A”. Nesse meio desse quadrilátero, você tem paralelo à Tancredo a Avenida Paraná, que é paralelo a Avenida 4, 5, 6 e 7, avenida 8, e a avenida 9 é a atual chamada Avenida Garibaldi. Era um trabalho altamente técnico, desgastante e prazeroso, tínhamos que ser uma equipe de muita integração, senão não teria saído nada. Nós tínhamos 2105 casas na Vila “A”, 2750 na Vila “C” e 221 casas na Vila “B”. Na Vila “A” um total de 8500 pessoas por aí.

O 13º explica a organização da Vila “A” depois que foi regularizada junto à prefeitura:

Depois quando foi regularizar a Vila “A” na prefeitura, aí tinha que se constituir os loteamentos, como era um loteamento inteiro, aí acabou ficando loteamento A1, A2 e A3. Cada loteamento desses teria que ter uma quantidade mínima ou máxima de tantos hectares por lei, não poderia ter a mais, então se fosse colocado o loteamento inteiro não passaria, teria que ser fracionado. Uma vez fracionado em A1, A2 e A3 teria que colocar o nome das ruas. Esse A1 ficou como aves, em homenagem a semana ambiental, as ruas do loteamento A2, seriam peixes que seria dado às ruas, o loteamento A3 ficou com o nome de mamíferos, as ruas. Então as ruas ficaram com nome de peixes, aves e mamíferos. O A4 é uma saída sul, seria atrás da COBAL, a A4 é um cantinho, uma rua, um apêndice, com nome de peixes também. O A4 sobrou sozinho, com uma área bem menor que os outros, é uma ruazinha sem saída, bem junto a antiga COBAL que hoje está sendo revitalizado para um mercado (...) Cada loteamento não poderia ter mais que 900 mil metros quadrados.

Mapa 1 - Bairro Itaipu “A”



Fonte: Acervo da secretaria de planejamento e captação de recursos da Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu.

O Mapa 1 ilustra o quadrilátero comentado pelo entrevistado e as posições de acordo com as divisões da Vila nesse quadrilátero (Vila “A” - 1, “A” - 2, “A” - 3, “A” - 4).

Os aparelhos disciplinares, ao fixarem o indivíduo em um espaço quadriculado, bem delimitado, criam também um espaço útil. Assim, há toda uma série de corpos singulares e uma força de trabalho que pode ser analisada em unidades individuais. As disciplinas, ao se organizarem em “celas”, “lugares” e “fileiras”, criam espaços complexos que fixam e permitem a circulação (FOUCAULT, 2008).

Nesse sentido, de forma prática, essa situação é corroborada na fala do 13º entrevistado. Ele descreve a possibilidade de crescimento de Foz de Iguaçu como sendo restrita por alguns limitantes a partir da implantação de Itaipu. Ao norte, pela Usina de Itaipu, a oeste pelo Rio Paraná com a Ponte da Amizade, ao sul pelo Rio Iguaçu, e dentro deste espaço, se insere a Vila “A” como alternativa evidente de expansão da cidade. Essa Vila é projetada como um quadrilátero perfeito, na sequência da Vila “C”, vizinha da Usina, e antes da rodovia BR 277.

O 13º relata como foi o trabalho dos responsáveis pelas obras ligadas à Itaipu, naquele período:

Nessa época, é [pausa] existia uma diretoria responsável, que era a diretoria de coordenação de obras e infraestruturas. Então, havia um corpo de desenhistas, projetistas e [pausa] de dois arquitetos. E aí, então, vinha uma demanda daquilo que a gente tinha que fazer, com um trabalho de topografia muito forte. Naquela época, a equipe trabalhava praticamente 24 horas por dia, trocando a cada 8 horas. Eu me lembro muito bem que a gente fazia todos os desenhos em papel sulfurizê, papel manteiga, famoso, né? A lápis, não se tinha tempo de passar a tinta, tirava cópia estereográfica daquilo, naquela época, era um cheiro de amônia danado, porque estereográfica só revela através da amônia, no próprio papel para ser revelado, né? E aí, então, é [pausa] aquilo ia para o campo no outro dia na mão, então depois de muitos anos começou a fazer umas “biotes” disso e passando isso para o vegetal com caneta, a nanquim. Porque também não tinha nenhum programa ainda na forma digital. Nós começamos a conhecer o computador quando nós começamos a fazer uma conferência do Rio 92, que foi julho de 91, para apresentar no Rio Centro, uma Conferência Mundial que houve, e até então, a gente trabalhava dessa forma. E conhecemos o primeiro programa de computador nessa época da Rio 92, que foi a base do WINDOWS até hoje, que é o MS-DOS dois, fazer planilha naquilo era uma loucura, mas era o primeiro contato que a gente teve na área digital.

A fala do entrevistado proporcionou uma viagem no tempo, bem como certa inquietação e admiração. Nessa viagem, nos anos de 1970 para 1992, pensar que sem alguns recursos que são utilizados hoje desenvolveram projetos importantes, que modificaram a arquitetura dos ambientes, organizaram a logística de apropriação dos espaços públicos e particulares, realmente, não foi tarefa simples, mas que trouxe bastante orgulho para o envolvido nos projetos das Vilas de Itaipu. A escassez de recursos tecnológicos para a época, de certa maneira, deve ter refletido no suporte para a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu.

Em relação à prioridade das casas na Vila “A”, as etapas de construção e a localização de cada uma delas, o 13º entrevistado explica:

Primeira coisa era dar suporte para os chefes de equipe que estavam trabalhando dentro da Usina, iam trabalhar futuramente dentro da Usina, ou que estavam trabalhando naquele momento nas obras de infraestrutura do canteiro de obras, então eram casas de dois quartos e três quartos de alvenaria, menores, mais próximas na Tancredo Neves, Avenida 2 e até a Avenida Paraná. Quando se chegou na Avenida Paraná, então, aí já se começaram aquela ideia, porque fazer casas de madeira de pré-moldadas, pré-fabricadas, na época era mais barato e a montagem era muito rápida, você montava uma casa de 150 metros quadrados em três meses, pronta para você morar, então, existia aquela questão, custo benefício e a questão de tempo de ocupação da casa, dentro de um cronograma pra poder trazer a pessoa pra cá. A última etapa elas foram casas de madeira que chegava até 150, 200 metros quadrados.

Em relação à envergadura da obra de Itaipu havia a necessidade de fidelizar esses trabalhadores e, para isso, foi necessário dar condições de moradia e outras necessidades básicas para que estes pudessem somar ao trabalho e o objetivo do empreendimento fosse alcançado.

A ideia das casas era outra, mas, com a mudança política das usinas no Brasil, esse projeto sofreu alterações.

Essas casas, a ideia naquela época, era depois, por que de madeira? Para ser desmontadas, desmobilizadas e entregue para outra usina. Mas, nesse momento, o país passou por uma outra fase que era a desmobilização de usinas de grande porte, ou seja, era Itaipu, Tucuruí, uma outra ao sul que estava sendo construída, mas aí a tecnologia começou a movimentar usinas de curso de rio, ou seja, usinas pequenas com área alagada muito pequena, com um impacto ambiental muito pequeno, e que Itaipu e Tucuruí geraram um impacto ambiental muito forte. Mas naquele momento era isso, era dar condições dentro de um cronograma de pessoas que chegavam no canteiro de obras, a ocupar essas casas. Então, existiam casas pequenas, de 80 metros quadrados, depois casas de 120, 130 metros quadrados, e casas maiores de 180 metros quadrados a 200 metros.

O funcionário de Itaipu que esteve no planejamento das Vilas de Itaipu explanou, detalhadamente, o perfil das casas e o motivo pelos quais elas não foram desmobilizadas. O país estava passando por uma mudança política estrutural e a construção de Itaipu trouxe muitos questionamentos em termos ambientais e, até mesmo, sociais. A partir daí as usinas construídas no Brasil vieram com um outro perfil. O entrevistado explica também sobre a organização dos espaços de lazer na Vila “A”:

As áreas de lazer quando elas foram cadastradas na prefeitura, elas aparecem como reservas de área verde e reserva de área técnica. Nessa reserva de área verde, parte dessa área, por lei, ela está consolidada como mata e a outra parte, por lei, está consolidada como atividade social e aí vem toda a parte de parques infantis e aí de clubes de serviços. A prefeitura quer colocar um clube de serviço, vai colocar numa reserva técnica, não numa área verde, que a reserva técnica é pra isso, para implementação de equipamentos ligados ao governo municipal, ou governo estadual, ou federal.

As explicações a respeito da legalidade das reservas de áreas verdes e reserva técnica demonstram que no projeto havia o espaço reservado para o entretenimento das pessoas, mas o projeto da Vila “A”, em si, só demarcava os espaços. As praças, os parques e os clubes de lazer e sociabilidade, os equipamentos de recreação foram inseridos depois, mas já na sequência das obras que iam sendo finalizadas de acordo com as etapas.

Muitas vezes você olha uma reserva de área verde, e ela tem grama, tá mas ela tem que ser implementada com elementos arbóreos. Pra quê? Pra melhorar a condição de PH daquela região, a hora que você começa a ter mata, você começa a criar essa paisagem natural, você começa também ter um porcentual de umidade melhor. Antigamente, quando você olhava a Vila “A”, da avenida Paraná em direção ao norte, você via só telhado, hoje você vê só copa de árvores, isso se formou ao longo de 40 anos, isso foi plantado pelo paisagismo da Usina e com árvores da região, que foi estudado tudo isso, e visto que espécie arbórea tinha aqui, essa, essa e essa, então criou um banco de sementes que foi o antigo horto e esse banco de sementes deu origem ao que nós temos hoje, lá formado. Foi um projeto que envolveu muita coisa, envolveu muita gente com capacidade, que tinha experiência de outros lugares, que envolveu pessoa que viram alguns erros que foram retocados, consertados aqui (13º entrevistado).

O 7º entrevistado comentou: “Tinha muita área verde com brinquedos para as crianças brincar”. Conforme o memorial descritivo, percebe-se que 56% da área do loteamento era destinada aos lotes propriamente ditos, mas havia 8,5% de área verde, correspondentes a quase 80 mil metros quadrados, o que é bastante significativo para um loteamento. Foi ainda pensado em área de reserva técnica, equivalente a pouco mais da metade da área verde, destinada aos equipamentos públicos, de uso coletivo. Nota-se, assim, mesmo na década de 1970, uma preocupação com a otimização da ocupação do espaço. Com o passar dos anos, grande parte dessa área verde foi destinada às instalações de lazer.

Foto 18 – Trecho 1 do Memorial Descritivo da implantação da Vila “A”

Logo: ITAIPIU BINACIONAL

MEMORIAL DESCRITIVO

PROPRIEDADE: 06-05-48-001-5289 (Pref. Mun. de Foz do Iguaçu)

PROPRIETÁRIO: ITAIPIU BINACIONAL

DENOMINAÇÃO DO IMÓVEL: VILA RESIDENCIAL "A-1"

SITUAÇÃO: Região: Rodovia BR-277 - Km 729,9
 Distrito: IIQ
 Município: Foz do Iguaçu
 Comarca: Foz do Iguaçu
 ESTADO DO PARANÁ

Fonte: Acervo da Secretaria de Planejamento e Captação de Recursos da Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu.

Foto 19 – Trecho 2 do Memorial Descritivo da implantação da Vila “A”

26.

ITAIPU
BINACIONAL

ÁREA VERDE

<u>Quadra</u>	<u>Nº de Lotes</u>	<u>Área (m²)</u>
06-05-48-001	01	12.448,30
06-05-48-030	01	11.274,30
06-05-48-023	01	29.284,19
06-05-48-029	01	753,09
06-05-55-002	01	128,40
06-05-48-031	01	11.088,30
06-05-40-018	01	14.452,09
TOTAL DE 07 QUADRAS E 07 LOTES:.....		79.428,67

RESERVA TÉCNICA

<u>Quadra</u>	<u>Nº de Lotes</u>	<u>Área (m²)</u>
06-05-48-027	01	15.504,85
06-05-39-025	01	6.709,68
06-05-48-028	01	12.778,82
06-05-40-030	01	9.051,69
TOTAL DE 04 QUADRAS E 04 LOTES:....		44.045,04

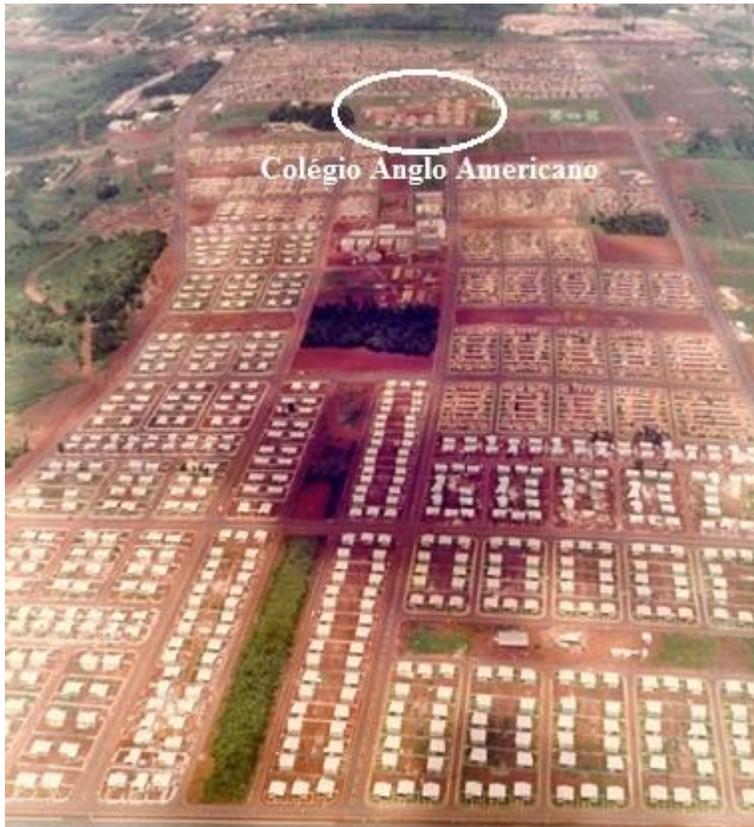
RESUMO GERAL

Área de Arruamento	294.316,94m ²
Área de Lotes	525.139,35m ²
Área Verde	79.428,67m ²
Reserva Técnica	44.045,04m ²
=====	
ÁREA TOTAL	942.930,00m ²


 Fernando Gómez Gomes
 Eng.º Civil - RBA nº 307-D
 T.º Exp.º

Fonte: Acervo da Secretaria de Planejamento e Captação de Recursos da Prefeitura Municipal de Foz do Iguçu.

Foto 20 – Casas da Vila “A” em 1980



Fonte: Acervo Itaipu Binacional.

A Foto 20 mostra a diferença dos terrenos, das casas no conjunto da Vila “A” e a homogeneidade dos padrões de cada uma delas em um desses espaços. No alto da imagem, ao fundo está o Colégio Anglo Americano.

A referida imagem é de 1980 e as casas ainda não estavam totalmente prontas, mas é possível perceber que a Vila “A” foi projetada com um traçado de linhas retas. A parte leste da Vila “A”, a partir do Colégio Anglo Americano (já existia), identificado pelo retângulo na Foto 20, possui terrenos e casas que se distinguem dos demais, sendo casas com dois dormitórios e garagem, ou com dois dormitórios e sem garagem, para os funcionários menos especializados, com um “cargo menor” na empresa. Existiam casas de madeira, com dois ou três dormitórios, com terrenos que chegavam até 900m². É possível verificar a existência de diversas praças na imagem.

O sétimo entrevistado diz que “na Vila “A”, dependendo da posição hierárquica que você tinha na empresa, era o tipo de casa”. Dessa forma, o entrevistado de número 11 demonstra de

uma forma “lúdica”, “engraçada”, uma nomenclatura que foi criada pelos moradores para identificar as residências na Vila “A”, nesse aspecto ele diz:

Nós tínhamos na Vila “A”, cinco padrões de casas, o favelão, a favela, o vermelhão, o cupim e o aquário, era muito engraçado (risos). O favelão eram as casas mais simples e menores, a favela melhorava um pouquinho, o vermelhão porque tinha aquele piso vermelho, bem comum na época, o cupim porque eram as casas de madeira, mas com um quintal maior, a casa era maior também, já o aquário eram as casas dos “peixes” que a gente falava, aqueles influentes (risos), eram casas de alvenaria maiores, as únicas que tinham laje.

Na Foto 21, a seguir, é mostrado um tipo de casa apenas. As ruas não tinham asfalto ainda, as casas eram semelhantes (padronizadas), o que diferenciava cada uma delas eram os carros que estavam nas garagens. Mesmo nas casas mais simples, é possível verificar que existia um carro. Com isso, percebe-se um pouco da cultura dos indivíduos no que se refere à grande valorização do automóvel como bem material de consumo, viabilizada pelos novos salários pagos por Itaipu. O 2º entrevistado relatou: “Aqui, pra comprar as coisas a gente tinha uma carta, pra comprar o carro, uma casa... teve poucas pessoas que vieram aqui que saíram sem comprar um carro. Pra família, foi uma facilidade, inclusive, o carro auxiliava no lazer da gente”.

Foto 21 – Vila “A”, saída sul. Década de 1970



Fonte: Acervo Itaipu Binacional.

O informativo da UNICON de março/78, página 7, na matéria “Banco do Estado Inaugura Agência na Vila “A”, demonstrou algumas facilidades que as pessoas tinham para adquirir alguns bens materiais:

A nova agência foi instalada para atender todo o pessoal que trabalha na obra, sem distinção de empresas. O gerente Maurício Pereira de Azevedo colocou-se à disposição dos clientes para prestar-lhes uma série de serviços como: financiamento de veículos, financiamento de casas, cheques especiais, empréstimos, investimentos em geral.

Existia uma divisão hierárquica que segregava as pessoas para habitar as Vilas de Itaipu, e uma outra que segregava dentro das próprias Vilas, a partir do perfil de habitação das casas, etc. Mesmo existindo regras que definiam a ocupação das casas na Vila “A”, nem sempre elas eram seguidas. Conforme relatos dos antigos moradores, as transgressões eram corriqueiras. Existia sempre aquela pessoa melhor relacionada, que tinha um amigo influente, ou que se impunha e, quase sempre, “burlava” a lei. O 5º entrevistado conta a sua história de como conseguiu a casa na Vila “A”:

As casas que estavam dando para nós eram na Vila “C”, que naquela época era guarda, então era na “Vila C”, aí eu vim aqui na distribuição das casas, conversei com uma pessoa: “não a gente tem casa”, digo não, quero só saber uma coisa, o que eu preciso para pegar uma casa, “o senhor precisa ter filho”, digo então pera aí, tem alguma coisa errada, eu disse para ela... “Fulano de tal vai casar e já tem a chave da casa, como é que é isso?” Aí ela não teve como se escapar, “não mas precisa de uma carta, solicitando e com a assinatura do seu chefe”, digo, moça, eu sou meio analfabeto (risos) me dá uma cópia dessa carta que eu vou fazer uma carta igual, só mudar o nome, ela me deu uma cópia, saí dali e fui em outra sala. Eu lembro até hoje, o “Binotto” trabalhava de segurança, depois ele trabalhou no escritório, digo “Binotto” faz essa carta para mim, eu ligeiro peguei a carta, peguei uma caneta e fui lá dentro da Itaipu, até briguei com o capitão Cirilo, cheguei para ele, Capitão Cirilo, falei, o senhor estava junto quando o capitão estava em reunião que ele me deu uma carta branca, para eu ver o negócio das casas e agora eu preciso da assinatura, e agora que o senhor começou a comandar pode ser a sua, aí ele virou assim, ele tinha o sobrinho dele né, que trabalhava com ele, o Jaime, “Jaime, será que assino ou não assino, que que tu acha?” eu já “tava”, nunca fui de “papa na língua”, digo, “não, vamos fazer o seguinte, o Jaime, capitão Cirilo “bota” o pijama e fica no teu lugar, em primeiro lugar oh, está aí quer assinar assina, eu tô indo embora, eu tenho que entregar esse documento, já são 10 horas e eu tenho que entregar até as 11, e eu tenho que arrumar carona para voltar aqui na “Vila “A” para entregar esse documento, o senhor está me amarrando por quê? Então dá o lugar para o Jaime que o Jaime assina então” e virei as costas e saí, ele veio atrás de mim “Ô [...] tá nervoso?” falei: “claro que eu tô, tô querendo arrumar a minha casa e o senhor tá empatando, o senhor estava junto, quando o capitão Roberto me deu a carta branca, é só o senhor assinar aqui que eu estou com a minha casa” eu disse para ele, aí ele: “Tá, desculpe [...] eu estava nervoso” aí ele assinou e me arrumou até uma viatura pra “mim” levar o documento (risos), me arrumou uma viatura “pá”, entreguei. Cinco dias depois, passaram no rádio “[...] passa lá na distribuição de casas, pegar a chave da casa”. Deu um problema... Porque eles fizeram na nossa área, uma “escalinha” para os primeiros

pegar, e eu nem na lista bem dizer estava, aí os cara queriam briga comigo “Como é que tu conseguiu? “Não interessa, eu consegui, me ofereceram pra mim e eu fui atrás”.

Foram vários os mecanismos usados para se conseguir uma casa na Vila “A”, obedecendo as regras de prioridade, utilizando as influências necessárias, ou usando a “força” de coerção para isso. O 2º entrevistado conta como era a Vila “A” no início da década de 1970:

Quando cheguei aqui a Vila “A” era um bairro que era a “coqueluche” de Foz do Iguaçu, primeiro era uma Vila que tinha asfalto de ponta a ponta, tinha sistema de água encanada e esgoto, tinha totalmente tudo limpo, tudo conservado, e justamente existia manutenção de todas as casas, e outro fator a vila era de segurança total, ela tinha 24 horas por dia vigilância, a segurança era pela guarda de Itaipu, primeiro uma Vila que dentro dela você tinha quase tudo de primeira necessidade, você tinha uma feirinha da COBAL, que vendia frutas e verduras, você tinha um armazém da COBAL que vendia no tocante aos gêneros alimentícios e os mercados que tinham fora era os que era de dentro da cidade. A Vila tinha um dos primeiros hospitais do Paraná, só perdia pra Londrina e Curitiba, era melhor que o de Cascavel, e tinha o clube que esse clube era um local para o lazer de metade dos trabalhadores que trabalhavam na Usina. Tinha correio, tinha banco. Para os moradores ofereciam tudo, meio de transporte coletivo, com vários e vários pontos, naquele tempo 50% do pessoal andava de coletivo. A Vila o padrão de casa, desde o padrão mais simples até o de nível médio, com bom acabamento e excelente qualidade para se morar.

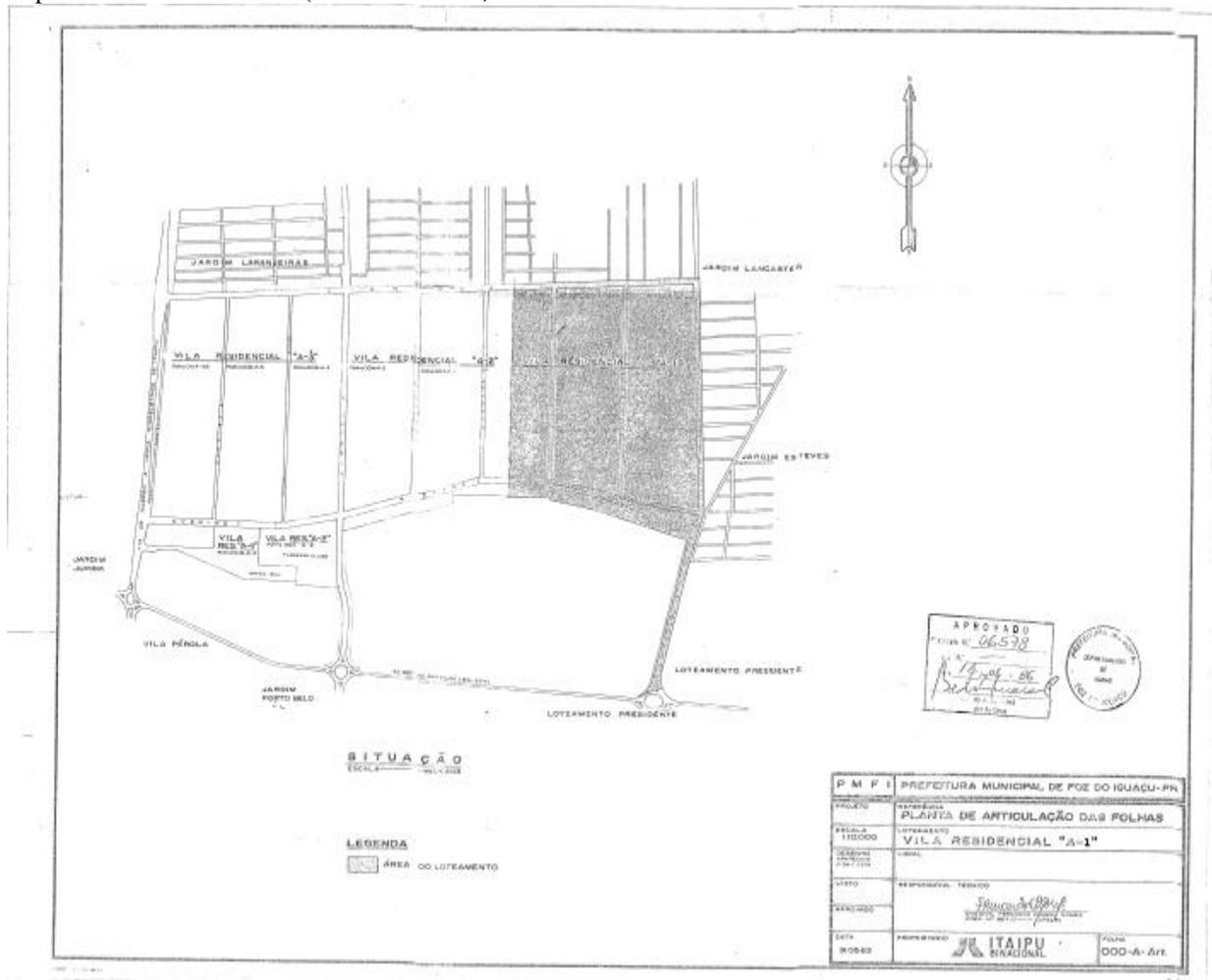
As edificações na Vila “A” iniciaram todas ao mesmo tempo, paralelo como uma rede, simultaneamente com a construção das casas” (11º entrevistado).

O 13º explica a relação que a Itaipu teve com a criação dos bairros e seu entorno: “toda a região lindeira a Vila “A” foi especulação imobiliária. A Itaipu teve uma participação muito expressiva nesse “boom” imobiliário. Esses bairros não foram providos por Itaipu”.

O Mapa 2 auxilia na localização espacial da Vila “A” na atualidade, com suas avenidas, algumas ruas, o parque de preservação de Itaipu, o Rio Paraná e a BR-277 que conecta o Brasil com o Paraguai. O Mapa 2 ajuda a pensar os espaços da Vila “A” nas décadas de 1970 e 1980.

Para a secretaria de planejamento e captação de recursos da Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu, o Mapa 3 retrata a Vila “A”, em 1977. Vale frisar também que foram aprovados os decretos de constituição da Vila em 1985. Vila “A”1 (Decreto nº 4621), Vila “A”2 (Decreto nº 5107), Vila “A”3 (Decreto nº 5110) Vila “A” 4 (Decreto nº 9841 e 9842). A ocupação da Vila “A” foi da A1 para A4 e a aprovação ocorreu de forma contrária.

Mapa 3 – Vila “A” em 1977 (A-3 A-2 A-1 A-4 A-2)



Fonte: Acervo da Secretaria de Planejamento e Captação de Recursos da Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu.

Na sequência, a Foto 22 mostra mais a parte da Vila “A” onde se iniciou a ocupação, o Rio Paraná e a Ponte da Amizade que liga Foz do Iguaçu, no Brasil com *Ciudad Del Este*, no Paraguai.

Foto 22 – Vila “A” em 1977



Fonte: Acervo da Secretaria de Planejamento e Captação de Recursos da Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu.

A modernidade materializou a separação do tempo de trabalho e de lazer em separação de espaços, como descreve De Masi (2000). Em sua obra, ele comenta sobre a especialização do lazer:

Por sua vez, também se especializa: desenvolve-se a zona industrial, local onde se produz; os bairros residenciais, onde se descansa; os bairros comerciais, onde se fazem as compras; as zonas de lazer, lugar de diversão etc. Trata-se da cidade funcional, tão cara a Corbusier (...) A fábrica sincronizada requer uma cidade sincronizada (...) todo mundo tem que sair e voltar para casa no mesmo horário (...) a cidade congestionava-se bairro após bairro, devido ao deslocamento de todos os seus habitantes num só horário, e esse é um dos grandes desperdícios da sociedade industrial (DE MASI, 2000, p. 57).

De Masi (2000) contextualiza sobre a cidade funcional de Corbusier, e o 13º que projetou a Vila “A” explica:

Um traçado ortogonal de uma cidade como outra qualquer, brasileira, né? Aí surge aquela história lá atrás, que os alunos hoje na faculdade brincam muito: “O senhor gosta mais do *Frank Lloyd* ou do *Le Corbusier*?” Eu sou simpático aos dois, mas acho que o *Frank Lloyd* ele vem com a poesia do traçado ortogonal do *Le Corbusier* da cidade moderna, e que não me agrada muito, porque eu acho que você olha, tem um traçado muito ortogonal, você tem que colocar uma série de anteparos para ter uma certa

segurança para pedestres e veículos e o traçado orgânico que é do *Frank Lloyd*, ele é mais observador da paisagem existente, ao mesmo tempo do projeto que você fez, então você observa a obra de arte feita pelo homem e a obra de arte que ali está feita por Deus, então eu acho que uma coisa casa com a outra. Se bem que isso é muito usado hoje em dia nos condomínios fechados né, as ruas sinuosas que você não precisa diminuir velocidade, não precisa de ter uma série de anteparos como lombadas, né? Ele é mais agradável, mas, pra você fazer o trânsito fluir de forma mais rápida, todo mundo hoje em dia corre, né? Chegar o mais rápido possível de um ponto ao outro, o traçado ortogonal favorece.

Com isso, compreende-se que a Vila “A” foi uma mistura do traçado ortogonal do arquiteto Franco-Suíço Le Corbusier e do traçado orgânico do arquiteto Americano *Frank Lloyd Wright*.

Os projetos voltados às ideias de Le Corbusier são marcados pela funcionalidade, se preocupam com uma unidade arquitetônica que incorpora o verde da natureza com uma atenção social e estética. Existe uma integração dos espaços privados com os espaços públicos. É uma arquitetura que favorece as funções essenciais das cidades modernas (LE CORBUSIER, 2000).

A arquitetura pensada segundo o arquiteto americano Frank Lloyd Wright, é uma arquitetura moderna que integra a construção com a natureza. Os projetos têm características individuais de acordo com sua localização e finalidade. As casas são integradas com a natureza. Foi um arquiteto que se debruçou em estudar a questão do espaço, principalmente o espaço doméstico (FAZIO; MOFFETT; WODEHOUSE, 2011).

A seguir, serão apresentados alguns espaços que se destacam na formação da Vila “A”.

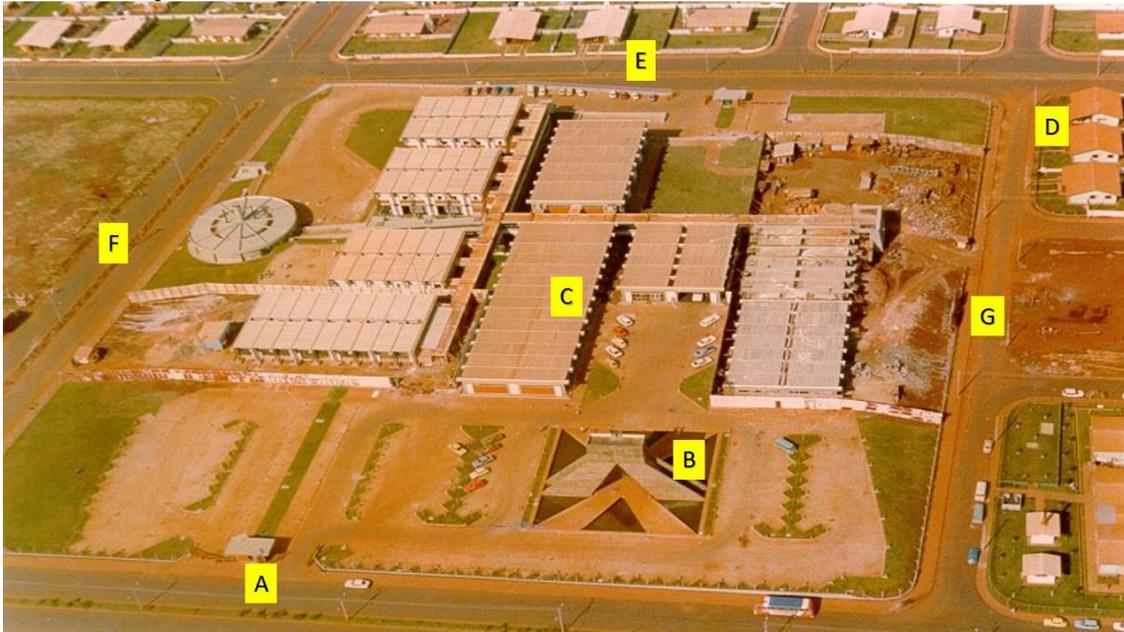
2.1.1 Hospital Costa Cavalcanti

No primeiro momento, no decurso de mudanças estruturais das usinas, a ideia foi o reaproveitamento das casas em outros locais, porém a ideia não foi absorvida e foram alterados os planos. Sendo assim, o 13º relata o que ocorreu naquela época:

As casas de madeira seriam desmobilizadas, depois não foram, e, ainda bem que não foram, porque aí o Hospital Costa Cavalcante começou ser construído, uma vez que o hospital madeirinha foi demolido, e entrou o hospital de alvenaria, com central de UTI, com outros postos, diferentes médicos e aí então as pessoas que foram trabalhar no hospital, a grande maioria o pessoal que já estava cadastrado no hospital antigo e logicamente um corpo médico muito maior para poder suprir as deficiências que existiam naquele momento com o hospital novo, e essas casas de madeira como ficavam muito próximas do hospital, foram cedidas para funcionários do próprio hospital.

O 10º entrevistado relembra que havia, inicialmente, o hospital chamado de “Madeirinha” pelos moradores em virtude do material com que foi construído. Este era o hospital que dava o atendimento à comunidade antes da construção do hospital Costa Cavalcanti, em 1979, mais moderno e bem estruturado. “Tinha o Madeirinha, que foi construído onde tá ali hoje o hemonúcleo, ali era uma maternidade aí depois de muitos anos começou a construção do Hospital Costa Cavalcante, mas tudo começou, no Barracão Azul”.

Foto 23 – Hospital Ministro Costa Cavalcante na Vila “A” em 1979



Fonte: Acervo pessoal do 11º entrevistado.

Quadro 3: Legenda dos espaços descritos na Foto 23

Letra:	Descrição:
A	Avenida Gramado
B	Monumento Itaipu
C	Prédio principal do Hospital Costa Cavalcanti
D	Quadra onde ficava o "Madeirinha"
E	Avenida Parati
F	Avenida Brodoski
G	Rua Acari

Fonte: Elaboração própria da autora.

2.1.2 O “Barracão Azul”

A Itaipu implantou um Centro Comunitário na Vila “C”, voltado para o lazer e a vida social dos seus moradores. Na Vila “A” e na Vila “B”, existiam clubes esportivos, voltados para o lazer e a sociabilidade dos funcionários de Itaipu, com estrutura superior ao Centro Comunitário da Vila “C”. Esse Centro Comunitário na Vila “C” foi demolido em 1980, devido à passagem das torres de energia que ligavam a barragem à subestação de Furnas. Percebe-se que a empresa tentava oferecer convivência “adequada” nos clubes e centros comunitários (JESUS, 2009).

“Primeiro foi implantado um Centro Comunitário na Vila “A”, na Avenida 2, no ano de 76 pra 77. Em 77 pra 78 foi feito o Centro Comunitário da Vila “C” (13º entrevistado).

O “Barracão Azul” era o nome inicial do Centro Comunitário, espaço provido por Itaipu. O 10º entrevistado faz uma observação sobre o início do conjunto da Vila “A”, e o que havia de entretenimento para as pessoas:

Tudo funcionava no “Barracão Azul”, ali estava o serviço social de Itaipu. Proporcionava atividades para os filhos, esposas dos funcionários, para todos que não estavam trabalhando, para ter uma atividade. Tinha oficina de teatro, bingo, além do pebolim, jogo de xadrez, cursos, aulas de violão, corte costura...O serviço social que era responsável por essas atividades (...) era uma recreação completa.

Sobre o que a Itaipu proveu e a sua influência em relação às Vilas, o entrevistado de número 10 comenta sobre o que foi oferecido na Vila “A”:

Tudo começou no “Barracão Azul”, que acontecia cursos, a parte esportiva e as salas administrativas. Lá funcionava a enfermagem, a recreação, serviço social, bem-estar-social, a manutenção da Vila. A primeira subida ali era a enfermagem, depois o setor de educação, depois o setor da recreação, onde eu ficava, aí tinha o serviço social, aí tinha um salão grande que era a parte da recreação, tinha o China que fazia mágica, tinha o pebolim, o cinema que eu passava filme direto, era tudo feito ali, até que depois de anos que foi construído as sedes. Depois que fizeram a COBAL que é lá na Quadra 2, que ficou esse Centro Comunitário, que as crianças iam ali fazer um desenho, uma pintura...

O “Barracão Azul” durante muito tempo foi um espaço bem importante que atendeu às demandas sociais das pessoas na Vila “A”, o próprio Centro Comunitário funcionava nele. Depois que foram criando e adaptando outros espaços de sociabilidade e de atendimento à comunidade. Em conformidade com o entrevistado de número 11, o “Barracão Azul” foi

edificado de forma rápida para satisfazer o primeiro convívio social, de madeira (compensado). Aconteciam nele reuniões das famílias, em um pequeno espaço. Após a construção e inauguração do Floresta Clube, o “Barracão Azul” seria desmanchado, porém permaneceu e o Serviço Social passou a ocupá-lo, para atender aos familiares dos operários com atividades de oficinas de artesanato, música e recreação. O Serviço Social da Itaipu também estava neste “Barracão Azul”. Tinha uma localização estratégica, pois ficava no início da Vila “A”, próximo à COBAL (supermercado), Floresta Clube e Centro Esportivo (Xororó).

O 13º entrevistado fala sobre a sua percepção quanto aos espaços de socialização nos bairros:

É um Centro Comunitário a Céu aberto. Tinha muita atividade que unia a comunidade nos centros comunitários, atividades de artes plásticas, pintura, escultura, de costura, de ginástica. A mulherada que não trabalhava durante o dia, prestava serviços a entidades filantrópicas, elas traziam os ofícios que elas traziam do lugar de origem em benefício da comunidade. Que gerava o trabalho social que Itaipu fazia.

De acordo com Jesus (2009), a Itaipu oferecia cursos para as esposas dos “barrageiros” no Centro Comunitário e há relatos da importância desses espaços, como forma de recreação e lazer para os moradores que não tinham muitas opções para sair de casa e se distrair.

Essas atividades de lazer mencionadas pelas mulheres dos “barrageiros”, perpassam pelo interesse da empresa em oferecer atividades para a formação de um indivíduo produtivo, bem como a possibilidade de ajustar as pessoas aos padrões de convivência e higiene, almejados pela empresa (JESUS, 2009).

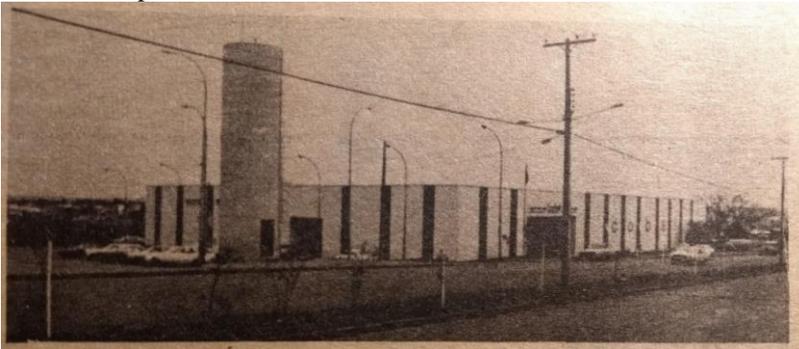
2.1.3 O supermercado da COBAL (Companhia Brasileira de Alimentos)

O 13º entrevistado comenta: “O primeiro contrato de Itaipu foi com a COBAL, um mercado para atender as pessoas na Vila “A””. Segundo ele, a Vila residencial “A4” é a saída sul, aquela que desce por trás do Floresta Clube que ficava ao lado da antiga COBAL. Como a Vila estava separada da cidade, na qual existiam os mercados já estabelecidos, o supermercado COBAL acabou por se tornar ponto de frequência obrigatória dos moradores, um ponto de encontro e um atrativo considerado como lazer, pois lá as pessoas se entretinham com as compras, encontravam pessoas, conversavam, dentre outros motivos.

Para o 11º entrevistado, a COBAL era um Supermercado do Governo, visto que agregado em seu interior existiam algumas pequenas lojas para satisfazer os moradores da Vila “A”, Loja de vestuário, instrumentos musicais, lanchonete, peixaria, Casa Bahia (produtos do nordeste) etc.

“Na COBAL, tinha a lanchonete que era um barzinho que a gente ia lá para ouvir música, porque em casa não tinha aparelho de som, naquela época ninguém tinha!” (11º entrevistado).

Foto 24 – Supermercado da COBAL em 1981



Fonte: Informativo UNICON.

2.1.4 O “Xororó”

A região das proximidades do Xororó estava na Vila residencial “A3”, que levava o mesmo nome e abrangia um conjunto de quadras em que não havia acesso para automóveis e as pessoas cruzavam a pé, de bicicleta ou até de moto (13º entrevistado).

“No “Xororó”, tinha o futebol de salão, futebol de areia. O centro comercial era no “Xororó”” (10º entrevistado).

O “Xororó”, codinome de um funcionário que veio de outras barragens para trabalhar na Itaipu. “Eu o conheci como metre do refeitório “A” da Usina”. Foi o segundo a tocar a lanchonete e, como era bem conhecido e popular, usou o seu codinome “Xororó”” (11º entrevistado).

Aquele espaço era um pequeno centro comercial projetado para auxiliar os moradores da Vila “A”. Tinha: lanchonete (destaque Xororó), casa lotérica, loja de souvenirs, correios, farmácia, açougue, minimercaria, salão de cabeleireiros, banco (Real), livraria e papelaria, abaixo tinha uma área aberta sendo revitalizada e reflorestada, onde também tinham alguns equipamentos de diversão. Constituía-se, então, em centro esportivo e pequeno centro comercial, lado a lado. Na parte de cima, também estavam as áreas de lazer. “Talvez por ser o “Xororó” um

dos primeiros espaços de entretenimento na Vila “A”, nota-se que ficou marcado entre os moradores” (11º entrevistado).

“A gente tinha o Floresta e aquelas quadras em frente o “Xororó”. A gente brincava de bola lá, levava as crianças, tinha o futebol de areia, o futebol de salão [pausa] era muito bom” (3º entrevistado).

O Centro esportivo, localizado na Avenida 2 (hoje tem o nome de Clovis Renato Fontoura), área estratégica na concepção e construção da Vila “A”, pois, ao lado leste, tinha uma quadra de futebol de areia (alguns embates nesta, pois era uma novidade a areia), duas quadras poliesportivas abertas, área de apoio (banheiros e vestiários) e parquinho (equipamentos destinados para as crianças). Todas as atividades eram organizadas e acompanhadas pelo Serviço Social da Itaipu (11º entrevistado).

Na matéria do informativo da UNICON, de 31 de janeiro/81, página 7, intitulada, “Xororó” tem Choperia e Pizzaria:

A matriz das lanchonetes “Xororó”, situada na Av. 2 do Centro Comercial da Vila “A”, acaba de ampliar o estabelecimento para atender melhor a seus clientes. No dia 6 de dezembro p.p., foi inaugurada uma espaçosa área coberta, especialmente destinada aos servidores de pizzaria, choperia e sorveteria, além do tradicional atendimento da lanchonete. Outra novidade é o atendimento mediante encomenda pelo telefone 73-1738, em que o cliente reserva e marca horário para retirar pizzas e frangos assados, bem como serviços à la carte.

Foto 25 – Lanchonete “Xororó” em 1981



Fonte: Informativo UNICON.

Outro relato sobre a história do “Xororó” foi do entrevistado de número 10:

Quase ali, na primeira parte da ocupação da Vila “A”, que era um centro comercial, onde tinha também um bar, com o nome de “Xororó”, na frente umas quadras esportivas, lá no fim da tarde lotava de gente. E sabe, esse mesmo bar do “Xororó”, a Itaipu levou para o canteiro de obras, o irmão do dono do “Xororó” que foi tocar o bar lá.

Tal como fora especificado, o bar tinha um papel importante para o lazer dos funcionários de Itaipu e seus agregados. Assim, acabou sendo levado para dentro do canteiro de obras de Itaipu. O local de entretenimento teve um papel importante ao inovar o atendimento mediante encomenda. O “Xororó” funcionava como um ponto de encontro para a sociabilidade dos moradores da Vila “A”. A Foto 26 mostra uma aula de ginástica na quadra esportiva do “Xororó”. Apesar do exercício demonstrado na imagem ser mais técnico, ainda preserva um perfil recreativo, o público é heterogêneo, com diversas faixas etárias.

Foto 26 – Recreação na quadra esportiva do “Xororó”, em 1980.



Fonte: Acervo pessoal do 11º entrevistado.

2.1.5 O Floresta clube na Vila “A”

Na configuração atual da Vila “A”, não existe mais o Floresta Clube, propriamente dito. Hoje funciona naquele espaço o Instituto Federal do Paraná (ITFPR), mas foi possível perceber que, na memória das pessoas que conviveram naquele ambiente, nas décadas de 1970 e 1980, estão presentes muitas experiências vivenciadas nele. Esse foi um espaço de sociabilidade que por muitos anos teve um significado relevante na vida dos funcionários de Itaipu e, principalmente, dos moradores da Vila “A”.

A 8ª entrevistada fala do Floresta Clube com muito carinho e coloca esse espaço como significativo no decurso da sua vida e na vida das filhas:

A gente entrou um dia no Instituto Federal do Paraná, quando já não existia mais o Floresta, eles já estavam fechando as piscinas com areia, minhas filhas choraram, a infância delas foi toda ali. Minhas filhas tiveram uma infância maravilhosa e eu curti com elas.

O 3º entrevistado reclama: “O nosso lazer era lá no Clube Floresta, foi uma pena ter fechado, foi muito mal administrado, porque a equipe administrativa era sempre indicada pela Itaipu, sempre a mesma “panelinha””.

Para anunciar a construção do Floresta Clube, o jornal da UNICON de 31 de março de 1978, página 5, informou:

Dia oito próximo passado [SIC] em reunião conjunta com a diretoria do Ipê Clube, do Conj. Hab. “B”, foi instalada a comissão organizadora do clube que atenderá os moradores do conjunto “A” e “C”. O clube localizado no conjunto “A”, às margens da avenida – 1, ao lado do bosque, está em fase acelerada de construção. Em abril serão entregues o conjunto de piscinas – quatro no total – e as praças esportivas; posteriormente numa segunda fase, a sede social e outras benfeitorias.

O 13º entrevistado fala sobre a divisão social das pessoas nos clubes: “Tinha o clã da Vila “A”, o clã da Vila “B”, o clã da Vila “C”. Um não frequentava o clube do outro, só mais tarde que foram se misturando pela falta de pessoas para frequentar os espaços”.

No Informativo UNICON, de 31 de março de 1978, página 5, é anunciado que o clube atenderia aos moradores do conjunto “A” e “C”, mas, na verdade, ficou restrito mais aos

moradores do conjunto “A”. Sobre essas questões administrativas do Floresta Clube o entrevistado de número 1 explica:

Motorista, área braçal não tinham o direito de associar e somente quando faltou pessoas eles puderam. Auxiliar de pedreiro, auxiliar de carpinteiro também não podiam associar. Até 1995 o clube era só para os funcionários de Itaipu, e devido abrir outras associações, diminuiu o número de funcionários para frequentar, aí foi aberto para outras pessoas também.

O 2º entrevistado fala sobre a interação com as pessoas da Vila “A” e a participação delas no clube: “Nós sempre tínhamos um convidado para vir no bairro, no clube se fosse um convidado especial que a gente se responsabilizasse, poderia levar. Eu interagia bem com as pessoas, outras já eram mais fechadas”.

Além das segregações já vistas no texto organizadas pela administração de Itaipu, o lazer, de certa forma, segue o mesmo método, a divisão social nos clubes demonstra isso.

Além do Floresta Clube na Vila “A”, Sotuyo (1998) comenta do Ipê Clube na Vila “B”, afirma que, além do Ipê Clube, tem uma capela e um clube de pesca, chamado a “Toca do Pescador”, criado pelos moradores do próprio bairro.

O Floresta Clube, na Vila “A”, durante um longo período de tempo atendeu às demandas de sociabilidade de Itaipu, foi uma das tentativas de integrar os funcionários da empresa. Surgiu quando Itaipu estava em construção, em março de 1978. No início, foi mantido pelos seus empregados e pela própria empresa. A partir de 1993, desvinculou-se da Itaipu Binacional e passou a aceitar a associação de pessoas de fora da empresa, que pagariam uma taxa para frequentar o clube (SOTUYO, 1998).

O 13º entrevistado, responsável pelo planejamento das Vilas de Itaipu e do Floresta Clube, propriamente dito, conta sobre a história do planejamento do Clube em relação ao Hospital:

O Floresta Clube foi inaugurado em 78 por Roberto Carlos [cantor], começou a ser construído em 76, primeiro a sede social, depois o parque aquático e depois as quadras esportivas. Muito engraçado que naquela época foi feita uma reunião entre engenheiros e arquitetos, eram dois arquitetos, eu e mais um, e aí o cara falou assim: “nós vamos para uma parada meio indigesta (risos), porque nós vamos para uma reunião com engenheiros que querem colocar o clube no lugar do hospital e o hospital no lugar do clube”, então tá bom e aí fomos, uma reunião que durou uma manhã inteira, e a ideia era o que, que o Floresta ficasse na cabeceira por causa de uma série de atrativos que teria e até pelo próprio terreno que favorecia a implantação do clube, e que o hospital ficasse no centro da Vila, porque era a Vila que iria servir e não o Clube, no centro da Vila. Eles vinham

com aquela ideia antiga de outras barragens que o clube sempre ficava no centro da cidade né, e nós, nós mostramos que o horizonte da Vila “A” era bem maior do que se pensava, que pegava uma gama de terra muito maior. Depois de uma grande discussão os arquitetos ganharam, porque quem tinha que servir a Vila era o hospital e não o clube. Então, o hospital ficou onde deveria ficar e o clube também.

Os clubes sociais, de maneira geral, e outros espaços de lazer podem representar uma forma de favorecer a melhora da qualidade de vida das pessoas, na medida em que socializa, em que coloca o indivíduo em contato com práticas esportivas, etc. Nesse aspecto, essas medidas seriam elementos preventivos para a saúde da pessoa em vários aspectos. Dessa forma, entende-se que os clubes têm uma importância social significativa, assim como o hospital, mas é compreensível entender que o hospital trabalha com emergências médicas e este no centro da Vila traria uma logística mais apropriada. Logo, o trabalho pensado previamente obteve bons resultados para o que estava sendo proposto.

Em relação ao que o Floresta Clube oferecia e outros espaços na Vila “A”, o 3º entrevistado aponta:

No Floresta Clube tinha vôlei, natação, até tênis eu joguei. Tinha professor pra natação, professor pra tudo. Tinha o “Xororó” que quem administrava era o Centro Comunitário, sempre que a gente pedia uma bola, uma coisa, eles já deixavam lá, tinha segurança. A Itaipu proporcionou muito lazer para os seus funcionários.

Foto 27 – Floresta Clube, vista sul com a Avenida Araucária em 1980



Fonte: Acervo Itaipu Binacional.

Quadro 4: Legenda dos espaços descritos na Foto 27

Letra:	Descrição:
A	Rua Suindara
B	Complexo de piscinas
C	Prédio principal onde se realizavam os bailes e eventos sociais
D	Avenida Araucária
E	Parte da Vila "A" com as ruas em diagonal
F	Rio Paraná e Paraguai ao fundo

Fonte: Elaboração própria da autora.

A Foto 27 oferece um mapeamento a respeito de como foi organizado o clube e a estrutura física que existia nele.

O Floresta Clube foi o segundo maior clube do estado do Paraná, com 7 mil associados. A festa junina e o carnaval reuniam muita gente, uma delícia de festa. Se comemorava lá o dia das crianças, carnaval, festa junina, baile do Havaí, tudo patrocinado pela Itaipu. A empresa Itaipu tinha até uma fábrica de gelo (1º entrevistado).

No Floresta Clube, era oferecida colônia de férias aos filhos dos funcionários de Itaipu. Então, no informativo da UNICON de 16 de janeiro/81, página 7, na matéria “Férias divertidas para Filhos de Associados”, foi anunciado:

A diretoria social do Floresta Clube está promovendo a III colônia de férias para crianças entre 6 e 12 anos, no período de 2 a 7 de fevereiro. Durante a temporada serão desenvolvidas atividades esportivas, culturais e recreativas, tudo sob a orientação de professores especializados. Aos pais interessados em inscrever seus filhos, o Clube avisa que dispõe de 100 vagas e já está efetuando as matrículas em sua Secretaria. Outros detalhes pelo telefone 733313.

Foto 28 – Colônia de Férias Floresta Clube em 1981



Fonte: Informativo UNICON.

O informativo da UNICON de 02 de abril/ 81, página 4, fala da figura do artista brasileiro Chacrinha e das Chacretes, que se apresentaram no Floresta Clube em 27 de março de 1981. “A melhor caloura da noite irá oportunamente a São Paulo, representar Foz do Iguaçu em um dos programas de calouros, comandado por Chacrinha, sempre aos sábados”.

Foto 29 – Show do Chacrinha e suas Chacretes em 1981



Fonte: Informativo UNICON.

No próprio Floresta Clube havia uma política diferente e direcionada por Itaipu. O entrevistado de número 11, explica: “O diretor administrativo da Itaipu nomeava alguém como

presidente para o Floresta Clube e esse, por sua vez, nomeava uma diretoria e apresentava. Aí tinha o diretor de esporte, esse sim trabalhava!”.

2.1.6 Colégio Anglo Americano

O Anglo Americano durante muito tempo atendeu os filhos dos funcionários de Itaipu e foi uma das primeiras escolas particulares a funcionar em Foz do Iguaçu na região da Vila “A”. Por conta do grande número de estudantes, a escola foi dividida em três unidades, duas na Vila “A” e uma na Vila “C”. “Um colégio que absorvia três turnos e, inicialmente, atendia somente os filhos de funcionários de Itaipu ou que tinha alguma ligação com Itaipu (13º entrevistado).

Foto 30 – Educação Infantil do Colégio Anglo Americano, em 1978, na Vila “A”



Fonte: Acervo Itaipu Binacional.

A 12ª entrevistada conta como foi o seu trabalho na área educacional de Itaipu e qual era a sua função, inclusive, no Colégio Anglo Americano.

Comecei a trabalhar em 1º de setembro de 81. Nessa época, a Itaipu dirigia, estava tudo nas mãos de Itaipu o ensino pedagógico. Éramos em 3, eu, a Elci e a Delsa. Nós três é que comandava aquilo ali. Eu fiquei com a parte pedagógica, a Elci com a parte de pagamento e a Delsa como secretária. Contávamos um por um dos alunos, nós tínhamos

15.000 alunos. De cada lado tinha um monte de exigência, a Itaipu queria saber tudo, queria ver tudo! Meu trabalho era lá dentro do colégio, observando tudo! tinha que observar tudo, até o jeito do professor dá aula, tinha que revisar os livros de chamada, vê se estavam dando de acordo com o programa, uma loucura! O currículo dos professores, eu tinha que analisar e passar para o meu chefe, se eles não aceitassem, não ia! Trabalhei na Itaipu na parte pedagógica, que Itaipu que comandava, a Itaipu comandava o pagamento dos alunos e comandava a qualidade do ensino e foi até 91 assim.

A parte educacional administrada por Itaipu, se estendia para as dependências da empresa, por meio de projetos diversos, aplicados com os funcionários e seus dependentes nos programas de alfabetização e outras estratégias pedagógicas. Hoje, a parte educativa ainda acontece, mas por meio de outros programas, com outras mantenedoras e o público não se limita aos filhos dos funcionários de Itaipu.

Nas décadas de 1970 e 1980, outros espaços de lazer e convivência se evidenciaram, alguns hoje nem existem mais, fisicamente, mas ainda vivem na memória das pessoas que participaram da história daqueles espaços. Os depoentes falaram de bancos existentes na frente da própria casa e de amigos que passavam horas e horas conversando, tomando Chimarrão, Tererê, das festas em família que fechavam a rua para divertirem etc. “Quando vim morar na Vila “A”, logo depois eu casei e até os doze anos meus filhos moraram aqui, morávamos na frente de uma área verde, brincávamos muito com as crianças, com os cachorros, brincávamos de pipa, peteca, era muito bom” (3º entrevistado).

O Gramadão, por exemplo, nas décadas de 1970 e 1980, não contava com a estrutura que tem hoje, então, a apropriação de alguns espaços de lazer e sociabilidade aconteciam de outras formas.

2.1.7 O Gramadão da Vila “A”

O Gramadão é um local de sociabilidade na Vila “A”, com área aberta de grama verde, ao lado do Centro Executivo de Itaipu. O Gramadão é um dos pontos frequentados pelos seus moradores e pela comunidade da cidade de Foz do Iguaçu. Esse espaço que hoje tem boa aceitação do público oferece algumas possibilidades de entretenimento, como quiosques da culinária local, pista para caminhada, uma concha acústica para a realização de shows e eventos ao ar livre. Muitos dos eventos que acontecem nesse espaço são patrocinados pela empresa Itaipu (SOUZA, 2014).

Em relação às memórias vividas no espaço do Gramadão, o 1º entrevistado relata:

Aquela concha do Gramadão, quando chovia, virava uma piscina e as crianças iam brincar lá dentro. Lembro bem de um menino, filho de um colega da área técnica, que hoje virou engenheiro de Itaipu. No início, quando estava formando o bairro, que passava aqueles tubos de uma rua à outra, ele e outros amigos brincavam de escorregar dentro daquela tubulação (risos).

O 2º entrevistado relata também:

Na época, tinha uns 5 parques, uma área verde, nessa área verde nem todas tinham parquinho. Na época, o pessoal preferia o clube. No Gramadão, não tinha nada, meu filho ia brincar de soltar pipa lá, os garotos tinham uma brincadeira de escorregar num papelão, e ir escorregando até embaixo.

Naquela época, os espaços de lazer e sociabilidade estavam configurados de uma forma distinta do que é hoje. Dessa forma, foi possível perceber outras maneiras de utilizar os mesmos espaços tendo em vista que o tempo, muitas vezes, se encarrega de modificar hábitos causados pelo desenvolvimento das cidades e as aspirações individuais e coletivas que constantemente se modificam, dentre outros fatores.

Percebe-se que a Itaipu foi a provedora de muito do que acontecia dentro das Vilas. O que é possível notar, mediante levantamento bibliográfico e relato dos antigos moradores da Vila “A”, é que a Itaipu foi provedora de habitação, saúde, educação, segurança e lazer para seus funcionários e familiares. Pelo relato do 11º entrevistado, Itaipu exerceu, de certa forma, um controle sobre a Vila “A”:

A Itaipu interferia diretamente, 100%, “a Vila era Itaipu”, era administrada pela Itaipu. Ela nomeava um prefeito e vice-prefeito para cuidar da Vila. A Itaipu cuidava da manutenção, fiscalização, não permitia ambulantes na Vila, por isso tinha o centro comercial, a padaria a barbearia e junto um mercado grande que era a COBAL [...] utilização e controle de quem entrava e saía da Vila.

Sobre os cuidados nos serviços prestados pela Itaipu, o 4º entrevistado coloca:

Muito melhor quando a Itaipu que cuidava da Vila “A”, por exemplo, se um brinquedo estragava, a Itaipu já vinha substituir na hora, praças sempre limpas, quando a Itaipu cuidava tu não via uma carteira de cigarro na rua, tinha o pessoal que todo dia varria a rua, limpava, quando a Itaipu cuidava, porque quando a Itaipu entregou pra prefeitura virou de ponta cabeça.

Funcionava na Vila “A” duas prefeituras, ou seja, a prefeitura da UNICON e a prefeitura de Itaipu. A prefeitura da UNICON, na Avenida Sílvio Américo Sasdeli (antiga Avenida 3) com a Avenida Anhembi (antiga Avenida 6), tratava dos assuntos que se relacionavam com os dependentes da construtora. A prefeitura de Itaipu funcionava no início da Avenida Araucária e cuidava das Vilas de Itaipu e da BR-600 (hoje Avenida Tancredo Neves). Nas Vilas, ficava por conta da Prefeitura de Itaipu a manutenção das casas e da segurança. Essa diretoria administrativa tinha a incumbência de salvaguardar e tomar conta das Vilas, eles próprios faziam a leitura da água e da luz e entregava para a Copel e Sanepar e estes devolviam para a Prefeitura de Itaipu e eles distribuía nas casas (11º entrevistado).

O serviço de segurança na Vila “A” foi até 1995. A Itaipu parou de fazer a manutenção da Vila, em 2002, mas já desde 1990, depois que Itaipu cedeu a sua concessão para os seus funcionários, moradores das casas começaram a receber menos serviços (11º entrevistado).

Além do esforço do presente capítulo em tentar mostrar um pouco dos espaços do conjunto habitacional da Vila “A”, nas décadas de 1970 e 1980, inseridos em uma realidade de fronteira em transformação, o próximo capítulo terá a preocupação de trazer a convivência nesses espaços, nas mesmas décadas, e mostrar as experiências daqueles que viveram naquela época e nos ambientes da Vila “A”, inseridos no entorno da Fronteira.

3 AS PRÁTICAS DE LAZER E A SOCIABILIDADE NA VILA “A”, NAS DÉCADAS DE 1970 E 1980

3.1 A FRONTEIRA E SUAS RELAÇÕES

As pessoas que vieram para a região da Tríplice Fronteira em função do trabalho na construção de Itaipu, nas décadas de 1970 e 1980, nunca haviam tido convívio com indivíduos de outras nacionalidades e, nessa nova proposta de vida cotidiana, a configuração foi alterada. Esses relacionamentos aconteceram no setor de trabalho, nos alojamentos, nos conjuntos habitacionais e em outros espaços.

Albuquerque (2011) considera que a fronteira é tanto um lugar de conflito quanto de convivência pacífica. O poder do Estado é suplantado pelas dinâmicas criadas pela sociedade. As pessoas negociam inúmeras nacionalidades. Essas identidades são acionadas em função das contingências. Não são essencialistas, pois são determinadas pelas condições nas quais as pessoas participam. A identidade também é nomeação e, às vezes, resultado de violência simbólica.

A Itaipu foi construída na fronteira binacional produzindo, além da migração e imigração causada pela sua construção, reflexos nas características da fronteira política, social e simbólica. Os diálogos anteriores demonstram algumas características dessas fronteiras na interação dos relacionamentos produzidos a partir de Itaipu.

Dependendo da demanda, hora os trabalhadores de Itaipu moravam no Brasil, hora moravam no Paraguai, o que ocorria em razão de vários aspectos, principalmente pela necessidade de moradia e demandas do próprio setor de trabalho. Esses funcionários imigrantes do próprio país, viravam imigrantes do país vizinho também. Os deslocamentos trouxeram outras experiências de sociabilidade e de interpretação da fronteira.

As fronteiras simbólicas são marcos mentais que orientam a percepção da realidade, a partir de referências pré-concebidas que definem a figura do “nós” em relação à figura do “eles”. As definições se apresentam a partir de diferenças culturais que, em muitos casos, geram conflitos. A fronteira social busca atribuir um significado para a demarcação da fronteira física, que tem uma linha territorial limítrofe que define países, estados, municípios e territórios.

Nos relatos dos trabalhadores de Itaipu, observa-se que eles tiveram, além das experiências no setor de trabalho, outras experiências de lazer e de sociabilidade com os demais

trabalhadores de Itaipu, os paraguaios, que viviam e trabalhavam na margem direita do rio Paraná. Como não era o objetivo da pesquisa, não focamos em compreender o perfil dessas experiências, entre os indivíduos. Nos relatos de convivência que foram possíveis, mesmo em geral positivas, verificaram-se algumas fronteiras no imaginário desses trabalhadores, que estão relacionadas à identidade cultural, ou seja, na maneira de “enxergar” os demais trabalhadores de acordo com cada cultura, em que se percebe a fronteira que separa o “nós” e o “eles”.

A organização social das diferentes fronteiras no Brasil não se apresenta de maneira homogênea e isso se dá pela existência de diferenças políticas e econômicas entre os países vizinhos. O entendimento das práticas sociais e experiências vivenciadas nas regiões de fronteira perpassa pela análise da relação do processo de expansão do capital, do papel desempenhado pelo Estado e, por fim, dos movimentos de resistência da população, que nem sempre são praticados com consciência crítica (CARDIN, 2016).

Em relação ao poder voltado aos seus funcionários e agregados, a Itaipu exerceu de certa maneira o papel do Estado, na maneira de gerir a empresa e o seu entorno. Na época, tentou-se construir a imagem de harmonia e solidariedade entre os seus trabalhadores, nos dois países (Brasil e Paraguai). De maneira geral, na observação das relações vivenciadas, a forma de administrar a vida no cotidiano perpassa o poder do Estado, ou de Itaipu. No que se refere a essas experiências, de certa forma foram reinventadas ou até mesmo reproduzidas na fronteira entre Brasil e Paraguai. Assim, é possível levar em consideração os mecanismos que foram disponibilizados para se relacionar e até mesmo as transgressões vivenciadas.

No governo militar, é reforçada a segurança das fronteiras pela lei Nº 6634/1979. A personificação desta ideologia que mescla segurança e desenvolvimento é visualizada na construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu Binacional. A proposta de urbanização da região oeste do Brasil trouxe o aumento populacional, crescimento da malha rodoviária e produção agrícola (CARDIN, 2016).

O projeto de Itaipu culminou com projetos de desenvolvimento das regiões de Fronteira que foram potencializados com a construção de Itaipu. A forte influência dos militares fazia com que os programas destinados à faixa de fronteira possuissem um perfil mais direcionado à militarização dessas regiões, deixando em segundo plano a dimensão social (CARDIN, 2016).

Por mais contraditório que pareça, políticas pensadas para o desenvolvimento de comunidades dominantes acabam dificultando a permanência daqueles indivíduos mais pobres,

por conta do alto valor do solo e custo de vida. Esses programas neoliberais de projetos de urbanização e reorganização territorial, normalmente são acompanhados de desterritorialização e reterritorialização de comunidades mais pobres (CARDIN, 2016). A implantação de Itaipu foi um exemplo, na medida em que o processo de urbanização capitaneado pela gestão da obra reorganizou toda a ocupação do território no seu entorno, demonstrando, inclusive, o poder de Itaipu em paralelo ao poder público local, pois determinava políticas de uso do solo naquela região.

Na perspectiva da organização política gerada pelo poder público e também de Itaipu, ocorreu um reflexo nos aspectos demográficos que provavelmente se refletiu na viabilidade de alguns interesses de lazer e na maneira de socializar nessas regiões.

A aproximação entre os dois países (Brasil e Paraguai) gera intensos fluxos e produz diversas barreiras e travessias que se cruzam e redefinem a compreensão dos limites nacionais. A presença dos brasileiros no Paraguai se intensifica nas décadas de 1960 e 1970, no contexto da construção da Itaipu e continua em novos fluxos (ALBUQUERQUE, 2011).

Os deslocamentos da Marcha para Oeste⁷, no Brasil, se encontraram com a “Marcha *al Este*”, no Paraguai, a partir da década de 1960. A construção da Usina contribuiu para aumentar o ciclo migratório em direção ao Paraguai nas décadas de 1960 e 1980. Em razão da construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu muitos brasileiros migraram para o Paraguai (ALBUQUERQUE, 2011).

A fronteira é um marco de diferenças sociais. Os contrastes entre “grupos étnicos” acentuam as identidades coletivas, os preconceitos e formas negativas de classificação do “outro”. Foz do Iguaçu funcionava como lugar privilegiado de acesso aos direitos sociais, civis e políticos, para brasileiros que viviam do outro lado da fronteira política. A vida política dos brasileiros no Paraguai começou no período militar, com o slogan de modernizar a política. Em outros momentos, brasileiros e paraguaios se deparam em situações de conflitos por conta da disputa de terras etc. (ALBUQUERQUE, 2011).

A demanda por energia elétrica inserida no contexto desenvolvimentista daquele momento histórico, realizada em parceria por dois países, se enquadra no entendimento de Thompson (2009), quando diz que o que define a nossa cultura como “moderna” é o fato de que a

⁷ No Brasil a política governamental que visava ocupar vazios demográficos na região Oeste, é chamada de “Marcha para Oeste” e no Paraguai a política governamental que visava ocupar vazios demográficos na região leste, é chamada “Marcha para *al Este*”.

produção e a circulação das formas simbólicas se tornaram, desde o fim do século XV, cada vez mais, parte de um processo de mercantilização e transmissão de caráter global.

Por conta da demanda por energia elétrica, os governos brasileiro e paraguaio tomaram a decisão de empreender a construção de uma usina binacional aproveitando o potencial do rio Paraná naquela localidade. A posição escolhida para a barragem acabou por definir também o local viável para a alocação dos milhares de trabalhadores que iriam realizar a obra, em ambas as margens do rio, o que viria a impactar a forma de convívio, relacionamento e opções de lazer e sociabilidade destes trabalhadores.

3.2 O LAZER E A SOCIABILIDADE NA VILA “A”

No contexto do fenômeno migratório do período de construção de Itaipu, a criação de três bairros que foram alocados e distribuídos em espaços próprios produziu um convívio social que recebeu influências da memória e identidade trazidas pelos novos habitantes, com heranças culturais das mais variadas.

Exceto a Vila “C”, as demais vilas possuíam infraestrutura para manter uma qualidade de vida considerável. Na vila “C”, as casas eram geminadas e às vezes moravam até 16 pessoas em uma casa com 55 metros quadrados. O próprio meio de transporte para levar os peões ao trabalho era inferior aos demais funcionários, pois eram levados de caminhão. Esses trabalhadores mantinham uma relação com os seus vizinhos menos próxima, por conta da carga horária de trabalho que era excessiva, pois a maioria deles trabalhavam mais de 12 horas por dia. Assim, é possível corroborar a assertiva de que: “Nesse ritmo de trabalho, os funcionários menos graduados mantinham uma relação social com seus vizinhos pouco estreita” (CATTA, 2002, p. 105).

O 6º entrevistado, morador da Vila “A”, que trabalhava na segurança física de Itaipu comenta: “A gente trocava turno direto, então, eu não tinha aniversário em casa, reunião de colégio eu não participava, Natal, Ano Novo, era direto trabalhando. Não tinha férias em dezembro, nada! ”.

Sobre as mudanças geradas com a vinda dessas pessoas e o trabalho em Itaipu, o 2º entrevistado conta:

Foi o movimento escoteiro, eu fui escoteiro durante muitos anos, os ensinamentos, os conhecimentos, o aprendizado que você recebe e as palavras de incentivo de honestidade e dignidade que você carrega para o resto da vida. Em Foz, eu fiquei mais afastado do escoteiro, fiquei mais em prol do trabalho. Quando cheguei aqui minha responsabilidade aumentou, eu não tinha mais sábado, domingo, tinha semana que trabalhava noturno, no escoteiro participei mais no tempo da infância e juventude.

Nota-se que, tanto em Itaipu quanto nos seus conjuntos habitacionais, a empresa acabou estabelecendo algumas regras de convivência que são peculiares. Além da empresa criar espaços de lazer, habitação, saúde e educação, também proveu segurança e manutenção das casas para os seus funcionários, principalmente na Vila “A” e na Vila “C”. Os eventos organizados por Itaipu têm, até hoje, significado importante para esses indivíduos.

A forma de se comportar estava relacionada à ideologia do período militar. A ideologia do período da construção de Itaipu pode ter sido mais intensa porque a gestão da empresa estava nas mãos dos militares. Percebeu-se que essa autoridade era temida pelos funcionários, pois eles tinham uma certa dependência com Itaipu, quanto ao que era oferecido para eles, que a diferenciava das demais empresas na cidade de Foz do Iguaçu.

Com a vinda dos funcionários de Itaipu para morar em Foz do Iguaçu, a cidade aumentou consideravelmente em número de habitantes, sendo que os moradores nesses conjuntos, principalmente da Vila “A”, se tornaram mais numerosos que em muitas cidades vizinhas de menor porte. No início da construção dos conjuntos, a região da Vila “A” era o único local que possuía um número de moradores permanentes. A zona de meretrício funcionava nessa região e depois foi transferida para outras áreas da cidade, para que o comportamento nesses ambientes não interferisse no projeto de convivência de Itaipu que já estava em andamento (CATTA, 2002).

Sendo assim, é possível conjecturar que seus moradores, vindos de diversas partes do Brasil, trouxeram experiências diferentes, no que diz respeito às suas histórias, costumes, lazer e sociabilidade. Em uma época em que a tecnologia não exercia tanto impacto na vida das pessoas, os espaços de convivência provavelmente faziam mais sentido para aqueles indivíduos (JESUS, 2009).

A vinda desses trabalhadores promoveu, em muitos casos, a ruptura com vínculos familiares e de amizade no local de origem, além de ter tido que conviver com hábitos, costumes, vivenciados e socializados anteriormente que trouxeram lembranças do passado vivido. A adaptação a uma nova realidade, ainda que possa ser “promissora”, em alguns casos não foi o

bastante para fixar algumas pessoas em Itaipu. Sobre essas dificuldades, o 1º entrevistado faz uma demonstração na sua fala:

Na época, a rodoviária era atrás da Avenida Brasil, uma loucura, pensa no “favelão”, muita gente amontoadada naquele lugar, rolava de tudo. Lembro que quando cheguei estava ouvindo Bee Gees no alojamento com um colega, aí começamos a chorar com aquela música e esse colega não ficou, foi embora, era cada coisa que acontecia!

Foram criados novos hábitos, no sentido de que cada pessoa ou cada família veio com costumes diferentes e que se somaram aos outros. É possível conjecturar que essas pessoas não tenham deixado de exercer os mesmos costumes de antes, dentro dos limites propostos no novo contexto social, mas agregaram novos hábitos, em que se produziram outras formas de convivência e de práticas de lazer. O entrevistado de número 11 faz a seguinte observação sobre as mudanças ocorridas a partir de Itaipu:

A situação era sempre bem interessante, pois dentro da Vila e mesmo da empresa, tinha pessoas do Brasil inteiro, cada um trazia o seu hábito para Foz do Iguaçu e a gente tinha uma política de conhecer novos hábitos, novas culturas e interagir com essas pessoas. Por exemplo, um nordestino com um gaúcho tem muita diferença, um catarino com um mineiro, tem muita diferença e a gente convivia com essas pessoas diariamente. Eu sempre fui muito curioso em saber como era a vida deles. Saber dos hábitos de cada família, você tendo esse conhecimento desses hábitos você fica mais tranquilo, né? Tem muitos linguajar, que de um lado é pejorativo e, por outro lado, corriqueiro, ele é do seu dia a dia, alguns não conseguem entender e assim acontece o primeiro atrito. Eu sempre procurei me familiarizar com as pessoas [...]. Nem todas as famílias tentaram se socializar.

“Muitas pessoas por falar, ter um jeito um pouco diferente, era motivo de chacota, mas a gente levava na esportiva, não existia essa coisa de bullying que nem hoje. Eu mesmo tinha apelido, todo mundo tinha” (11º entrevistado). Ele aponta que foi vítima de Bullying, mas, ao mesmo tempo, não tem consciência de que aquela atitude com ele e os demais era Bullying. Na época, essas discussões não pareciam fazer parte do contexto social. Talvez por isso, a dificuldade de percepção do fato como se esse tipo de tratamento fizesse parte somente de um contexto da atualidade. Percebeu-se que as discussões sobre Bullying não fazem muito sentido para ele.

Em relação à linguagem, Ribeiro (2002, p. 76) faz alguns apontamentos:

O engenheiro chamou o chefe, que chamou o superintendente, que falou ao diretor não ser possível controlar a concretagem sem entender o guarani. Os paraguaios reclamaram que a língua era oficial de seu país e não tinham o direito de mudar o hábito. Crise.

Questão diplomática. Reuniões onde brasileiros falavam rápido num português recheado de gírias, evitando que os paraguaios entendessem. E esses, no mesmo ritmo, só conversavam em guarani. Um caos. Os brasileiros imaginaram um curso intensivo de guarani. Intensivo de guarani? Só quando a obra estivesse pronta. Solução: engenheiro paraguaio com peão paraguaio? Isto enlouqueceria o pessoal que determinava os turnos. A solução foi conciliar gregos e troianos, optando-se pela soma do português com o espanhol, o nosso conhecido “portunhol”. Uma solução binacional (RIBEIRO, 2002, p. 76).

Na convivência, as várias linguagens são importantes e muitas vezes elas causam estranhamento. Entre os seres humanos, a comunicação é fundamental. O entrevistado de número 01 demonstra que saber um idioma a mais o colocou em uma posição de prestígio na empresa e, por isso, foi promovido: “Sou de origem indígena e, como falava guarani e espanhol, recepcionei as pessoas que vieram de fora para trabalhar em Itaipu. Em um curso, em Minas Gerais, dos funcionários de Itaipu, eu que recepcionei e, por isso, fui promovido para a área técnica”. Sendo da área técnica, ficou mais fácil para conseguir uma casa na Vila “A” e, segundo ele, permanece morando no mesmo lugar até hoje.

O 11º entrevistado comenta sobre a vinda de pessoas de diferentes regiões que se relacionaram dentro da Vila “A” e na empresa. De acordo com os argumentos de interação discorridos pelo aposentado, de sua parte houve uma certa curiosidade em conhecer outras pessoas, com outros hábitos, já na experiência de outros moradores da Vila “A”, isso não aconteceu. Ele cita, inclusive, certos “linguajares” que soam como pejorativos e que, por sua vez, certamente causaram dificuldades de entendimento e aceitação entre as pessoas.

Eu pensava assim, se teu hábito é uma coisa, se tu gosta de comer tal coisa, você vai comer tal coisa, eu gosto da minha, eu não posso dizer que a tua não presta porque eu não sei o que tu pensa da minha também, então como eu não posso falar da tua! Por exemplo, os paraguaios, tu vê que o modo deles, eles têm uma sistemática sabe? Mas tu sabe que é deles, tem que se habituar. Mesmo o pessoal de fora, aqui do Brasil mesmo, de todo canto do Brasil, então, tu tem que se habituar aquilo que... Por exemplo, eu também não era daqui e eles também não eram daqui então o que eu pensava comigo? Tenho que me habituar com eles pra ter uma convivência aqui (4º entrevistado).

Percebe-se, na fala do entrevistado, que ele se reconhece com uma identidade diferente dos demais que vieram de outros lugares, no que se refere aos hábitos inerentes à cultura e que essas diferenças teriam que ser respeitadas para se manter uma boa convivência. Aconteceu uma espécie de “política da boa vizinhança”, a maioria das pessoas deixou seus amigos e familiares

nas cidades das quais vieram e aqui acabaram precisando de outras pessoas, inclusive, para suprir a necessidade de sociabilidade e assim criando novos vínculos.

Como a maioria das pessoas vieram de fora acabamos nos unindo bastante, pra suprir a falta do lugar que viemos. Eu jogava futsal, formamos um time, íamos jogar até no Paraguai. Nossos encontros aconteciam muito no Floresta Clube, tenho muitas lembranças boas de lá (1º entrevistado).

Da mesma forma que existiam conflitos entre os trabalhadores, também era perceptível a solidariedade, que acabava por aumentar essa proximidade em virtude dos problemas coletivos que eram enfrentados (CATTA, 2002, p. 107).

A Itaipu tentou construir uma imagem do funcionário, como alguém solidário e com outros atributos dentro dos padrões éticos daquele momento e isso contribuiu para reforçar a identidade coletiva dos trabalhadores. No informativo da UNICON de 17 de outubro/81, página 3, na matéria “O vendaval e o sopro de solidariedade na Vila “A”, parte do texto diz:

O vendaval que se abateu sobre a região nas primeiras horas do dia 4, e castigou com maior rigor a Vila “A”, provocou danos materiais em aproximadamente 450 casas, mas, por outro lado, contribuiu para aproximar as pessoas pela solidariedade. Nenhuma das 22 famílias que tiveram suas casas descobertas, quase que inteiramente, sentiram-se isoladas em momento algum. Tanto é verdade que, quando os serviços de manutenção da Vila foram acionados por volta de 1h40, apenas 30 minutos depois da tormenta, todos os desabrigados já haviam sido socorridos com presteza pelos vizinhos e puderam então descansar acomodados até o dia clarear.

A dialética da memória e identidade interagem simultaneamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. Memória e identidade estão indissoluvelmente ligadas. Nessa lógica, a memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada (CANDAUI, 2012).

A identidade cultural, como qualquer identidade, é construída na interação das práticas sociais e culturais. Por isso, a identidade é sempre uma construção e manifestada em função das contingências apresentadas (HALL, 2006; SILVA, 2000). Neste sentido, Hall (2006, p. 13) diz que “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”.

A identidade e a memória se correlacionam e constituem a pessoa, influenciando nas suas escolhas, no pertencimento e nas representações, conscientes ou inconscientes. A identidade e a memória trazem sentido aos momentos vividos, resgatam sentimentos, valores e têm o poder de se apropriar daquilo que é importante para o momento vivido (HALL; WOODWARD, 2000).

Sobre as representações de Itaipu e os aspectos culturais, o 13º entrevistado relata o que vivenciou em Foz do Iguaçu:

Naquela época, era muito difícil porque todos nós éramos de fora, do Paraná quase ninguém, mais do Rio, São Paulo, muita gente mineira, né!? E não se tinha vivido nessa área de infraestrutura, você trabalhar em obra confinada, porque você quando trabalha numa obra confinada, parece como ela é uma obra dentro de uma cidade, e barragem dentro de cidade, é uma coisa ímpar no Brasil, como Itaipu e você trazia costumes de cidades diferentes da que a gente estava, em que nos parecia que a gente era invasor, invasor daquele grupo que aqui morava, né? E, até certo momento, havia restrições para convidar para festas, reuniões: “não o pessoal de Itaipu é um grupo de invasores que veio para tomar a nossa terra”, enfim, era um desconhecimento muito grande. Eu era solteiro e não convidavam solteiros para ir à festa, porque se era solteiro e carioca então! Aí de repente ia ser uma pessoa não bem quista pela sociedade, mas uma bobagem de cidade pequena e depois nossos filhos foram se mesclando e hoje tem uma quantidade de etnia muito forte aqui e isso é bom.

O estado civil da pessoa era importante, considerando a valorização do matrimônio. O solteiro, no ambiente do casado, causava estranhamento e rejeição. A forma da linguagem, muitas vezes, pode ser um limitante também, no sentido do entendimento entre as pessoas e a aceitação. Na Itaipu, como havia pessoas de vários lugares do país, e de outros também, a comunicação foi algo de suma importância, que pode levantar várias análises.

Essa mescla, o entrevistado atribui também aos filhos. Imagina-se que crianças nascidas em determinados ambientes e iniciando as suas relações sociais sem muitos registros anteriores, tiveram maior facilidade em naturalizar determinados hábitos, mesmo que recebessem influência dos adultos e que, no dia a dia com seus familiares, alguns costumes tenham sido vivenciados.

Nos relacionamentos, os funcionários de Itaipu precisavam também saber lidar com o status gerado por ser funcionário de Itaipu. Dessa forma, o 4º entrevistado relata:

A gente ia nos bairros, a gente se conhecia, se apresentava e você que trabalhava na Itaipu, no Paraguai então, meu Deus do céu! Era como um príncipe pra eles, porque o brasileiro sempre ganhou mais que o paraguaio, é, agora que deu uma nivelada... mas antes não, “tu trabalha na Itaipu?” “Meeeu Deus”!!.

Os mesmos fatos traziam muitas vezes a aproximação ou rejeição entre as pessoas. Por isso, o 13º conta: “Se a gente saía da empresa e ia almoçar na cidade e esquecia o crachá no pescoço, pronto, as pessoas pensavam que a gente era metido, queria aparecer, outros vinham bajular, oferecer crédito e por aí foi”.

A 8ª entrevistada disse:

O pessoal da cidade tinha um pouco de dor de cotovelo, eles achavam que a gente era metido que estava tirando o trabalho deles, tanto que eu não tinha muita amizade com o pessoal da cidade, era mais com o pessoal da Itaipu. Não que era excluído, mas não havia oportunidade de relacionamento, lá eles tinham um tipo de atividade de lazer e aqui não podiam participar, só nas festas juninas, carnaval [...] Minhas filhas depois que ficaram adolescentes começaram a fazer amizades com o pessoal da cidade.

Ela destaca que havia tranquilidade na Vila “A”, demonstrou que não existia preocupação com a segurança: “Aqui todos eram empregados da Itaipu, então, ninguém era carente, então porque você ia achar que alguém ia invadir sua casa?! Então, aqui era bem tranquilo”.

Ribeiro (2002, p. 55) observa que os trabalhadores de Itaipu, durante a sua construção, e mesmo depois, mantiveram um certo distanciamento com a cidade de Foz do Iguaçu e de seus habitantes. A sociabilidade desses trabalhadores com os habitantes da cidade era baixa, pois os habitantes também não reconheciam as vilas de Itaipu como parte integrante da cidade. Assim, o 11º entrevistado faz a seguinte colocação: “Se a pessoa não era moradora, a segurança caía em cima, já dizia: Pra onde você tá indo? Tinha que se identificar e, às vezes, levava até a porta da casa do camarada!”

A esse respeito o 4º entrevistado também aponta:

Todo mundo que circulava dentro da vila e que trabalhava em casa de funcionário, tinha um crachazinho. Quem não morava na vila e vinha trabalhar, então a gente já sabia, já conhecia, eu olhava e dizia “Esse cara não mora na vila”, chegava nele “Que que tá fazendo aqui?” “Ah não” “Fora, vou bota na viatura e te levar pra fora”, então tinha o respeito, que, desde a Vila “A”, Vila “C”, Vila “B”, nunca ouvia dizer que tinha um furto, um roubo, nada, nada, você olhava ali “a esse cara não mora na vila” já pedia auxílio da viatura, vinha, pegava o cara e levava fora, e uma que a segurança da Itaipu, tinha respaldo e tinha poder pra fazer. Nós tinha poder de prender e levar preso o cara, nós tinha poder “disso aí”, então pra você ter uma ideia, do trevo pra cá, do viaduto pra lá, aqui era só segurança da Itaipu, polícia nenhuma vinha, a não ser se nós pedíamos reforço “pra” polícia vir ou, às vezes, a polícia que pedia reforço “pra” segurança, a gente ia nas favelas com eles.

O 2º entrevistado também comenta sobre a Vila “A”: “A gente gostava que os filhos brincassem com o pessoal do bairro, porque no bairro a gente sabia quem era quem. O pessoal da cidade olhava pra gente de olho torto, falava que a gente era metido”.

Na analogia com a obra de Elias e Scotson (2000), o morador da cidade de Foz do Iguaçu, era o *outsider* e o morador da Vila, o estabelecido. Como as Vilas pertenciam à Itaipu e só quem era autorizado a morar nela eram pessoas que tinham algum vínculo com a empresa, os indivíduos sentiam pertencer efetivamente àquele espaço, e mais, o próprio *modus operandi* da

empresa, que transformara a Vila “A” em uma minicidade e as regras de sinalização dos limites entre as pessoas dentro do bairro, acabava por reforçar esse comportamento.

As formas hierarquizadas com que foram organizados os três conjuntos podem ter propiciado a criação de uma suposta identidade coletiva diferenciada dos demais habitantes da cidade. O poder não pode ser reduzido a um modelo, uma lei, a uma soberania somente do estado, mas funciona com uma variedade de formas e técnicas.

O 4º entrevistado fala sobre a mudança ocorrida na segurança das Vilas: “Daí que a Itaipu pegou e começou a tirar a segurança das vilas, foi tirando devagarinho, tirando devagarinho, aí misturou tudo”.

Pelo que pareceu, o entrevistado não ficou contente com esse “misturou tudo”, pois, segundo ele, gerou insegurança para o bairro e se perdeu a identidade das Vilas. Para ele, essa possível identidade dos moradores da Vila “A”, que se distinguiu das demais pessoas da cidade, tornava-se necessária e importante.

Mediante os fatos que foram discorridos, é possível entender que dentro da própria Vila “A”, entre as Vilas, na empresa e fora da Vila, na cidade de Foz do Iguaçu, as pessoas acabavam por assumir “papéis” diferentes e, de acordo com a obra de Elias e Scotson (2000), ora de estabelecidos, ora de *outsiders*.

Dentro da Vila “A” havia regras a serem cumpridas, que causavam aproximação de algumas pessoas e o distanciamento de outras, muitas vezes, elas se colocavam em “castas”, por afinidades de identidade cultural, pela aproximação no setor de trabalho, ou por outras razões. Tal segregação se estendia entre as Vilas de Itaipu também, colocando as pessoas ora como estabelecidos, ora como *outsiders*. Vários fatores favoreceram o senso de pertencimento ou distanciamento dos indivíduos.

As pessoas da cidade de Foz do Iguaçu, que não residiam na Vila “A”, acabavam sendo *outsiders*, a segurança era rígida com aqueles que não moravam naquele espaço, havia uma certa desconfiança com relação a essas pessoas e, muitas vezes, não havia nenhum interesse dos próprios moradores da Vila em manter vínculos com os demais moradores da cidade, porque não foram estimulados a isso e outros fatores também desfavoreceram a convivência. Em uma outra análise, quando os habitantes da Vila “A” chegavam na cidade, por uma série de razões, eles eram os “invasores” e acabavam assumindo o papel de *outsiders*.

A condição espacial que levou ao isolamento das vilas foi ocasionada pela distância do centro urbano da cidade. Além disso, foi possível reunir nas vilas equipamentos de lazer, alimentação, saúde, educação etc., fazendo com que as pessoas ficassem a maior parte do seu tempo nas próprias vilas (RIBEIRO, 2002, p. 57).

Pela comodidade e os aspectos inerentes à vida diária, os trabalhadores acabavam se relacionando com pessoas do mesmo setor de trabalho. O 5º entrevistado, que era da área da segurança de Itaipu, relata:

A gente era 4 grupos, então o grupo A, B, C e D, então como diz assim, a gente tinha as “folga” da gente e nas “folga” a gente se reunia nós mesmo e fazia um churrasco, churrascada. A gente não se misturava fora porque tu tinha primeiro lugar, tinha que fazer meia festa muitas vezes, porque tu trocava turno, tu tinha que ir no final da festa ou no início da festa, porque enquanto tu tinha que ir trabalhar o outro voltava, então era difícil como dizer assim, a nossa vida social, mas tinha oportunidade da gente se juntar e fazer as nossas festas.

Percebe-se que a convivência dentro da Itaipu se estendia para a Vila “A”. As pessoas do mesmo setor acabavam morando perto, se relacionando mais, dessa forma permitindo uma maior socialização. Sobre esse argumento, a entrevistada de número 08 faz a seguinte ressalva: “A adaptação na vila foi muito tranquila, na minha rua tinha só pessoas do sul, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul. Eu nasci no Rio Grande”.

Sobre a nova configuração na sociabilidade dos indivíduos que vieram para trabalhar em Itaipu, o 13º entrevistado conclui:

As pessoas começavam ficar afins ou pela dificuldade do trabalho que tinham, ou pelo Estado que vinham, pelas cidades que eram de origem, ao mesmo tempo pelos filhos que iam nascendo, porque a criança começa aproximar muito o adulto e haviam umas festas muito fortes, dia das mães, dia dos pais, que unia as famílias, festa junina de colégio eram sensacionais, e eu acho também pelo fato de estarem longe de pai e mãe, seus embriões ficaram lá e você se desligou de tudo isso, com uma família muito nova, todos estavam casando ainda. Então, era uma expectativa de uma nova vida e isso trazia uma certa insegurança e os grupos começavam a se formar para ter uma certa segurança e acho que isso propiciou o contato entre as pessoas, essa formação de grupo e essas atividades sociais fora daqueles ambientes que foram projetados por Itaipu.

“Na época, a gente tinha contato com o pessoal no trabalho, na Vila “A” as pessoas eram de outro setor, então, a gente não se relacionava, depois com os filhos que fomos nos conhecendo” (6º entrevistado).

O 3º entrevistado também faz a seguinte colocação:

A gente participava mais com as pessoas do setor, a gente fazia jantar um na casa do outro, fazia no clube, sempre os mais chegados e as pessoas mais próximas. Eu tive a sorte de todos os meus vizinhos serem daqui do Paraná, mas no trabalho foi diferente, mas também não tive dificuldade.

Cada trabalhador acabava se envolvendo com as atividades da sua vila, participando nas atividades comunitárias, no conselho da escola, na diretoria do clube, nas competições desportivas da empresa, nas festas cívicas (CATTA, 2002).

Nessa perspectiva, o 10º entrevistado comenta:

As casas quando foram distribuídas geralmente acompanhavam o setor de trabalho, morava todo mundo perto, uma condução ia e trazia todo mundo, aí ficava mais fácil, ficavam os mais chegados. A parte de nível era do tipo seis, era de dois quartos e tipo sete, era de três quartos, tinha também do tipo quatro, do tipo quatro e meio e do tipo cinco.

Na fala da 8ª informante, foi demonstrado o reflexo do bairrismo⁸, ou seja, as pessoas normalmente se socializam melhor em relacionamentos que proporcionam uma identidade mais ou menos comum. Os indivíduos tendem a preferir viver com as pessoas da mesma cultura, do mesmo bairro, da mesma cidade, do próprio país, do mesmo trabalho e assim sucessivamente.

Diante do contexto mencionado, Albuquerque (2010, p. 51) alerta que: “Os espaços de intercâmbio cultural não significam espaços de integração social. Hibridismo não é sinônimo de integração”. A integração ocorre mais facilmente onde há coincidência de cultura e mais familiaridade.

Quanto à interferência de Itaipu no lazer dos seus funcionários, o 5º entrevistado entende que:

O lazer é a tua responsabilidade, tu sabe que tu tem que trabalhar, tu tá em uma festa então tu tem horário pra cumprir ou tu troca de serviço pra ir naquela festa e dá continuidade com outra pessoa, por isso que eu digo que não depende da Itaipu, depende de você, se organizar, lógico [...] O que eu fazia antes eu faço hoje, como diz assim, se tu gosta de jogar futebol, lá tu vai arrumar uma turma pra jogar futebol aqui, se tu gosta de um lazer de jogar carta, no meu caso, peguei aquela equipe e jogava carta, é o que tu mais gosta de fazer.

⁸ Se refere à defesa de interesses do bairro ou de sua terra tanto por atitudes de defesa exacerbada de suas alegadas virtudes ou, por analogia, da terra natal de alguém

Os interesses de lazer têm relação com a identidade cultural, então, além da aproximação ou distanciamento das pessoas no setor de trabalho e da apropriação das práticas de lazer e sociabilidade por conta do trabalho, os próprios interesses de lazer, muitas vezes, são encarregados de fazer com que os indivíduos, para usufruir dessas experiências, se autossegreguem socialmente.

O 5º entrevistado percebe o lazer como uma responsabilidade individual e não como uma responsabilidade social. O lazer tem um papel social importante. De forma consciente e bem aplicada, com oportunidades de fruição das várias possibilidades de práticas de lazer, ele traz o desenvolvimento pessoal, o autoconhecimento e a saúde nos vários aspectos.

Os diálogos ao longo do texto demonstraram que essas atividades em datas comemorativas aconteciam principalmente dentro da empresa (no centro esportivo e demais dependências) e nas Vila de Itaipu. Na Vila “A”, aconteciam principalmente no “Xororó”, no Centro Comunitário e no Floresta Clube.

É possível perceber, nos estudos realizados por Ribeiro (2002, p. 97), que não são só os espaços físicos da cidade de Foz do Iguaçu que estavam direcionados aos interesses da Usina Hidrelétrica de Itaipu, mas também os próprios corpos de seus funcionários e, conseqüentemente, os corpos das mulheres que servem aos seus empregados.

Na Vila “A” o lazer ficou mais direcionado para os jovens e adultos homens, para as mulheres tinha o Centro Comunitário que tinham cursos para as mulheres, e por sinal iam muitas pessoas. Naquele tempo a esposa era justamente do lar, não é machismo, mas a mulher ficava mais na missão de cuidar do marido. As mulheres ficavam conhecidas pelos esposos, então era sempre apresentado para um e as mulheres também, então o universo ficou grande, e pelo número da rua a gente acabava conhecendo várias pessoas (2º entrevistado).

Tanto nas vilas quanto no trabalho, nos espaços de lazer e nas refeições, os ambientes eram compartilhados e separados, o que permitiu o relacionamento mais entre os pares. Homens e ruas eram identificados por número (RIBEIRO, 2002, p. 59).

Historicamente, o homem foi mais estimulado para o lazer voltado, principalmente, para os interesses sociais e esportivos. A mulher cuidou de várias tarefas e com o “estigma” de ser mulher, então, o tempo de trabalho e o tempo de lazer para o homem acabaram tendo uma definição diferente. A 8ª entrevistada conta: “Eu sou de origem Alemã, fui criada para o trabalho,

quando a gente começava a rir, o papai já dizia: “Por que você está rindo?”. Os meninos tinham mais flexibilidade, brincavam mais”.

Naquele momento histórico de construção de Itaipu, os papéis inerentes às mulheres eram aqueles que permitiam pouca visibilidade profissional e elas exerciam mais os papéis de cuidadoras do “lar”, da família e trabalhos comunitários. Esses papéis “invisibilizados” foram importantes para que aqueles homens pudessem ter criado, de alguma forma, uma carreira profissional, vínculos construídos no trabalho, nas Vilas e também com a cidade de modo geral. Essas mulheres certamente carregam, na memória, histórias de vida que são únicas e que poderiam agregar, colaborar com o estudo proposto e também em pesquisas que ainda venham a ser desenvolvidas. Sobre o dia a dia da família e o aspecto de autonomia da esposa, o 5º entrevistado discorre:

Eu nunca levei problema da empresa pra dentro de casa. Eu nunca levei problema de dentro de casa pra empresa. Pra tu ter uma ideia, a minha mulher ganhava nenê sozinha, eu “tava” trabalhando, só ia ver a criança depois que nasceu, terminava a carga horária eu ia lá... [...] Meus filhos adoeciam, eu levava o médico, digo “ó, médico, lá perto do hospital, o hospital tá ali, eu não sou médico, tu pega, leva e lá é só assinar” [...] É, tem plano e é só assinar, não tem nada, não precisa da minha presença que eu não sou médico, tô no meu trabalho, o principal sustento de “vocês aí” é o meu trabalho, ela nunca me ligou assim “ó, tô aqui no hospital”, nunca tive problema.

É provável que as esposas que conviveram com os trabalhadores de Itaipu contassem outras experiências de lazer e sociabilidade e, talvez, permitissem compreender outras facetas do lazer e da sociabilidade própria, do marido e da família, trazendo outras experiências, outras referências e outros olhares. A respeito da nova reconstrução do lazer em Foz do Iguaçu, o 4º entrevistado conta a respeito das festas em que participou:

Fazia uma festa aqui, vinha gente de toda nacionalidade, aqui tinha chileno, tinha paraguaio, tinha argentino, tinha pernambucano, tinha gaúcho, então quando tu ia nas festas aqui, se encontrava com todo o pessoal, entendeu? Então você via, cada um tinha o seu jeito de festejar, um menos, tinha outro mais, entendeu? Todo tipo de dança, era uma só, a música era uma só, aquela música todo mundo dançava de uma forma, do seu jeito, cada um tinha o seu jeito de dançar, porque lá no Rio Grande do Sul a festa junina lá era mais... o pessoal fazia aquele fogo e a gente ficava tomando Chimarrão, aqui era cerveja, era tudo “conté” coisa, bebida, lá não, lá era mais reservado, aqui não, tinha quentão. Mas aqui era música, era todo tipo de coisa, era dança, lá não, lá era mais, se reservava mais, mais fechada e mais com a família, né? Em Foz do Iguaçu, era mais futebol e baile, muito baile.

Sobre as festas vivenciadas no local de origem, onde passou a infância, a adolescência e parte da juventude, quando então chegou em Foz do Iguaçu, o 11º entrevistado comenta:

Natal, ia lá pra missa à noite, mesmo não tendo luz elétrica dava um jeito de fazer uma missa à meia noite e a festa da padroeira, uma vez ao ano que tínhamos a festa no domingo, essas foram as duas festas que me marcaram. Quando cheguei aqui uma festa que me marcou foi a Festa das Nações em frente ao Anglo Americano hoje, eu nunca tinha visto coisa igual, não conhecia, e olha, acho que foi a primeira Festa das Nações da cidade, depois teve no charrua, lá no centro da cidade, mas tenho quase certeza que copiaram da Vila “A”.

O 6º entrevistado também fala da importância dessa festa para o bairro: “Festa das Nações, cada turno congregava um país, era muito bonito!”.

Essas pessoas se adaptaram ou criaram uma nova ordem social dentro de um contexto fronteiriço. A interação constante com novos interlocutores produziu o intercâmbio de distintas histórias e a geração de novos hábitos e costumes num fenômeno de hibridização cultural (RIBEIRO, 2002). Em outro aspecto, na mesma festa e no mesmo local, existiam várias formas de dançar a mesma música praticada pelos indivíduos, proveniente de hábitos locais, experiências individuais ou coletivas relativas às várias origens.

A mistura de pessoas de distintas origens permitiu uma relação cultural em que se falava o “portunhol”, o português, o espanhol e o guarani. Comia-se Chipa, Parrilhada e Feijoada. Tomava-se cana e cachaça. Fazia-se “festa” paraguaia em velório brasileiro, carnaval brasileiro com escola de samba argentina e todos se misturavam nas festas dos vários países (CATTA, 2002, p. 33).

O 5º entrevistado conta da experiência que teve quando foi convidado para tomar sopa paraguaia, que é um bolo salgado à base de milho muito comum no Paraguai, na casa de um amigo de trabalho:

Eu estranhei a primeira vez, um amigo meu, me convidou pra ir na casa dele comer sopa, “Vamos comer sopa e tal”, eu peguei a minha mulher e disse: “Então, vamos lá comer sopa”. Ele trabalhava em outra área, aí ele vinha com aquela sopa paraguaia, tu já comeu né? Uma delícia, é... [...] O cara é do Paraguai, eu fiquei assim, porque eu não conhecia, eu cheguei aqui e tal, digo: “Cadê a sopa?” (risos). Aí ele: “Gostou da sopa?” Ai eu digo: “Ah, é essa? Tá uma delícia”.

Nos encontros com amigos, o entrevistado de número 5 destaca também algumas experiências que teve quando veio para a Vila “A”: “Algumas pessoas aprenderam a tomar

Chimarrão comigo, achava quente, eu dizia vai ter que tomar até o final! E eu aprendi a tomar Tererê aqui, porque, lá na minha região, a gente tomava Chimarrão”.

Outra experiência com que o entrevistado se deparou, foi com o preparo do churrasco:

O pessoal jogava bola, eu como nunca fui de jogar bola eu levava no “Floresta” pra “mim” assar carne, picanha, então nossa, a primeira vez que eu levei dois quilos, tinha 4, 6 picanhas, eu peguei 2 quilos de sal, disse: “Tá muito sal”, digo: “Quem vai assar é você ou sou eu?”. Aí eu cobri, deixei tudo branquinho de sal e os caras passavam e falavam: “Que que é isso aí?” digo: “É neve”, “Mas vai ficar salgado”, digo: “Quem tá assando a carne sou eu, depois vocês me dão a nota”. Deixava bem “assadinha” por dentro e cortava assim que derramava o suco assim e cortava pra comer com palitinho, bem fininha, aí cortava. Os caras “primeira vez que comeram!?” disse: “Não, não, eu nunca comi carne desse jeito, é boa” “E vocês estavam criticando, né?”, aí todo futebol eles queriam que eu assasse carne. Não conheciam, eles não sabiam daquele jeito. Eu assei carne pra casamento, lá na ARESF, que eu era sócio da ARESF, fundador.

Na percepção do funcionário aposentado, existe uma forma mais adequada para assar a carne, desconhecida entre os colegas. O aposentado de Itaipu sentiu orgulho em dizer sobre as suas “habilidades” no trato com o churrasco. Assim, os interesses de lazer, podem se diferenciar entre as pessoas, enquanto “assar a carne” era o lazer de sua preferência, para outros era “jogar bola”. Essas escolhas têm relação, principalmente, com a identidade cultural e as oportunidades de lazer vivenciadas ao longo da vida.

A ARESF na Vila “A” é a Associação Esportiva da Segurança Física de Itaipu, criada pelos funcionários da área da segurança física de Itaipu, que fica na Vila “A”. Em função de parte do lazer e sociabilidade entre os funcionários de Itaipu acontecer entre pessoas do mesmo setor de trabalho, houve favorecimento da criação de distintas associações. Em decorrência dessas mudanças, percebe-se o descontentamento de vários dos antigos moradores da Vila “A” e funcionários de Itaipu. O argumento que eles usaram para justificar foi de que o pessoal se dividiu demais depois da criação de várias associações e que, quando tudo acontecia em apenas um lugar, as atividades, os encontros e confraternizações (principalmente no Floresta Clube) eram melhores. Existiam mais pessoas e isso propiciava e justificava mais atividades e interação entre eles.

Nesta seara, em meio às poucas opções de lazer na época, o futebol era uma das alternativas mais praticadas, visto que os brasileiros, argentinos e paraguaios costumavam assistir

as partidas dos times de países vizinhos e jogavam bola com eles também. Muitas vezes, eram insultados por serem rivais em razão dos seus times nacionais (CATTA, 2002).

O antigo morador da Vila “A” (10º entrevistado) relatou reclamações a respeito das poucas opções de lazer existentes:

Então, a gente veio pra cá não tinha muito assim o que fazer, você ia todo dia nas Cataratas?! Num ia? O que a gente fazia muito era atravessar naquela balsa para a Argentina, era gostoso... Naquela época, era tudo barato, a balsa saía do Brasil, lá do Porto Meira. Depois aqui na Vila “A”, o que tinha era o “Xororó”, depois foi construído o Floresta Clube, em 78.

Apesar do comentário de que na época existiam poucas opções de lazer, o entrevistado relatou que costumava ir para a Argentina de balsa, com muito saudosismo. Na fala dele, na expressão facial, demonstrou bastante alegria, pois era algo novo para ele. Estava inserido em um lazer de fronteira que permitiu outras experiências também.

A ambiguidade apresentada por alguns relatos, que ora citam escassez de alternativas de lazer, ora a multiplicidade de cada uma delas, pode estar correlacionada com a diferença entre as opções existentes nas suas cidades de origem e aquelas encontradas na região da Tríplice Fronteira⁹. Na época do início da construção de Itaipu, Foz do Iguaçu apresentava o perfil de uma pequena cidade do interior, com estrutura física diferente dos centros urbanos maiores e, assim, um perfil de lazer diferenciado. Algumas pessoas tendem a limitar, ou correlacionar o lazer somente com a qualidade das estruturas físicas para a fruição dessas práticas, mas o lazer se desenvolve e se manifesta a partir de diferentes maneiras e significações.

O 3º entrevistado comenta:

Em 78, já tinha o Floresta, tinha o Grêmio, tinha lá o Centro Comunitário, onde que tem as quadras lá embaixo, tinha os espaços verdes próximo do hospital, ali em frente o Anglo Americano naqueles gramados bonitos que tem até hoje ali, e tem a rua 128 que não sei o nome agora, era um bosque muito bonito, fazia festa de natal, ano novo, nós fechávamos a rua, fazíamos a festa junina de São João, fazíamos bandeirinhas. Hoje, as pessoas não querem mais se encontrar, socializar e aconteceu em várias associações na cidade e em todas as cidades, uma mudança comportamental.

Nessa época, os moradores da Vila “A” se restringiam nos seus relacionamentos, principalmente, aos funcionários da área técnica de Itaipu. A própria administração da empresa

⁹ É um lugar comum que une os limites territoriais e políticos de três países diferentes, Argentina, Brasil e Paraguai.

possibilitava uma maior aproximação entre eles naquele local, pois se sentiam mais protegidos em função da segurança que era oferecida na Vila “A” e as festividades entre os pares. Naquela época havia uma outra configuração social. Mesmo nesse cenário, se depararam com outras experiências culturais.

O 2º entrevistado conta:

Antes de vir pra cá algumas pessoas não participavam de uma vida social de clube, as vilas que morei e trabalhei era só para alugar e esse lado fez com que você no decorrer do tempo fizesse contato com várias pessoas, de vários estados de regiões do Brasil. Foi um aprendizado, você, os filhos, no dia a dia, aquelas pessoas que você trocava ideias, pedia favor. Tivemos muito contato com estrangeiros que tinha costumes diferentes, eu nunca tinha tido contato com Argentinos e aqui eu tive. Quando cheguei tinha 5, 6 amigos, aqui eu tive contato com 20, 30 pessoas, a maneira de trocar ideia, opiniões diferentes, agregaram. Conviver com as pessoas no dia a dia em prol da construção que fala uma língua diferente, ou executa um trabalho diferente, e todos colocaram a sua pedrinha para a construção da Hidrelétrica. Muitos nunca tinha comido as comidas que Itaipu ofereceu. Nos lugares que vim era só um campinho de futebol, aqui a diferença era ampla e para toda a família. Nos clubes de onde vim era mais seletivo, só para mais os homens, aqui tinha o “Clube do Bolinha”, só para amigos, umas 100 pessoas que a cada mês fazia uma janta, um almoço, os filhos e esposa iam e faziam amizade, já onde morávamos, reuníamos mais com os vizinhos.

Um aspecto relevante no diálogo dos entrevistados versava sobre as opções de lazer existentes no local de onde viveram, ou seja, antes de mudar para Foz do Iguaçu. Todos conseguiram também ter diferentes vivências com pessoas de outras nacionalidades. Aqueles que vieram de centros maiores, afirmaram que tudo estava sendo começado aqui, não existia muita infraestrutura, assim como poucos atrativos de lazer. Contudo, muitos comentários destacaram o fato de que, aqui, todos passaram a ter acesso às estruturas adequadas para a realização de atividades esportivas, de lazer e sociabilidade. Falam de clubes, quadras esportivas especializadas, parquinhos, ou seja, tudo o que não havia sido disponibilizado nas cidades da qual vieram. Dessa forma, o entrevistado de número 3 comenta:

Aqui, os espaços eram excelentes, antes daqui eu vivi bem dizer no sítio, era uma serraria, lá a gente não tinha nada! Lá tinha uma horta, um pomar, a gente ficava lá, tinha que tirar água do poço. Minha mãe aquela “italianona” que o piso tinha que estar brilhando, meu pai, minha mãe, colocava a gente pra fazer.

A 8ª entrevistada relata como era o seu lazer antes de vir para Foz do Iguaçu, ainda no interior:

[...] Eu nasci no interior, então no interior você não tem lazer, você tem trabalho, o teu lazer é a escola, as férias, trabalho (risos) [...] Brincava e como lá era uma colônia alemã, a gente lá tem as festas do Kerb, que é as festas de igreja. Na época de carnaval pelo menos naquela região lá, faziam os Kerb. E os Kerb era assim, eram três dias de festa, aí quando era lá em casa, os meus primos que moravam próximo iam pra nossa casa, passar os três dias lá, depois na outra regiãozinha um pouquinho mais distante, não muito, uns 30, 40 quilômetros, os Kerb era uma outra data do ano, então nós íamos pra casa dos meus tios para passar esses três dias de festa, então esse era o meu lazer, e final do ano, né?, um presentinho, coisa e tal, mas não tinha mais nada, era isso e claro, quando já era mais adulta já aí tinha os bailinhos, o único lazer era os bailinhos, não tinha clube não tinha nada, tinha um clube lá mas não era um clube igual aqui, com piscina, coisa e tal, era uns bailinhos, nem jogava vôlei nem nada, porque era interior mesmo! O lazer era muito pouco, eu só fui conhecer o que é lazer em Foz do Iguaçu.

A funcionária aposentada de Itaipu relatou suas experiências de lazer e mencionou uma das festas típicas de origem Alemã, ao passo que comparou as estruturas físicas para o lazer da Vila “A” com aquelas que vivenciou no lugar em que esteve na maior parte do tempo da sua infância, adolescência e juventude. Nota-se que a festa típica era significativa para ela, mas, em Foz do Iguaçu, as vivências em relação às festividades foram outras. Essas comparações, atreladas com a vontade de elevar as qualidades que ela julga positivas da empresa Itaipu, propiciaram o foco no aspecto negativo do lugar de origem.

O 5º entrevistado também descreve como era o seu lazer antes de vir morar em Foz do Iguaçu:

Eu não tinha muito lazer porque “nós” era da roça. O nosso maior lazer lá era futebol. O único lazer que nós tínhamos era no domingo, às vezes, antes da colheita. No domingo, não tinha nada, tinha que trabalhar, na colheita, soja, o milho, o feijão, o fumo, porque dava muito fumo, fumo de galpão e fumo de corda, então nosso lazer era puxado, domingo que nós tínhamos aquele descanso, quando não tinha muito fumo pra gente fazer. Tinha um campo de futebol lá que era o tal do “Bota Fogo”, que era na nossa região, então, tinha os jogos no domingo, às vezes, tinha torneio, esse que era o nosso lazer, ou festa de igreja, festa de escola. O nosso lazer era muito restrito sabe, porque você trabalhava na lavoura, não tinha o que fazer, lazer do quê? Tinha Chimarrão, nossa! até hoje com os vizinhos. O meu pai tinha um salão de baile lá, então, às vezes, tinha baile no sábado, então esse era o nosso lazer e eu ficava embaixo das mesas olhando eles dançarem, era pequeno. E não dava briga, não dava nada, nunca na minha vida não vi, porque lá todo mundo usava aqueles “44”, não tinha polícia, não vinha polícia lá. Então, lá mais era o respeito, lá antigamente que se falava era o “bigode”.

Nesse contexto, o 11º entrevistado traz as seguintes lembranças:

No sul, onde nasci e me criei e fiquei até os 15, morando na mesma Vila, era um trabalho rural, vim do campo. É até ruim falar, o nosso lazer lá era somente no domingo,

que de segunda a sábado você trabalhava na roça, era agricultura familiar, aos domingos você ia na igreja, na missa, ou no terço e depois a gente reunia com o pessoal e ia brincar. No domingo de manhã que era um futebol; outras brincadeiras, brincava de caçador, jogar bolita, cada lugar tem um nome, matar passarinho, que hoje é proibido, mas era coisa da época, a gente sempre achava alguma coisa pra se divertir, a gente não tinha luz elétrica. Veio no ano que fomos embora. Depois, em Toledo, fui trabalhar no comércio, aí comecei a sair mais, ir numa festa, tocar violão...

O 7º entrevistado relata que: “A infância antigamente era coisa de criança, soltar pipa, jogar bolinha de gude, futebol. Na adolescência, eu jogava muito futebol e na vida adulta participava no clube da Copel, em Curitiba. Lá não tinha nada de diferente do que tinha aqui”. A despeito dos espaços em Curitiba não serem diferentes da Vila “A”, onde ele veio morar, a interação com as pessoas foi mais intensa em Foz do Iguaçu: “Em Curitiba, não tinha uma vida social muito grande, aqui era todo mundo de fora, foi aqui que a gente começou se interagir”.

Naquele período, muitas pessoas que passaram a morar em Foz do Iguaçu, na Vila “A”, eram de lugares com menos infraestrutura, no que se refere aos ambientes como clubes, associações e quadras esportivas.

Pelo que foi possível perceber, o reconhecimento da qualidade do lazer para essas pessoas está diretamente relacionado com a estrutura, “qualidade dos espaços” e tempo para a fruição das práticas de lazer. Há frequentes relatos de momentos felizes em atividades mais simples antes da vinda para trabalhar na Itaipu, porém os entrevistados não costumam considerar estas vivências como lazer. Talvez a modernidade tenha permitido uma infraestrutura moderna de lazer, trazendo hábitos que fizeram com que essas pessoas desconsiderassem aquelas atividades vividas anteriormente como positivas.

Em relação às perguntas que foram lançadas, que tratam do tempo livre e do lazer dos trabalhadores de Itaipu na época da construção da Usina, as entrevistas denotam a predominância do trabalho na vida de todos os entrevistados. Os relatos dão conta de semanas inteiras sem atividades de lazer, com algumas poucas alternativas restritas aos domingos. Mesmo assim, apenas em alguns domingos, pois as atividades na lavoura, às quais muitos deles se dedicavam, acabavam por exigir dedicação nos domingos de safra. Assim, entende-se que, na nova realidade advinda da mudança para Itaipu, visto que se trabalhava longas horas por dia, havia uma certa preocupação em oferecer variadas práticas de lazer. Com isso, foi criada a infraestrutura para usufruir dessas práticas com muita gente interagindo, assim como se imagina que esses fatores tenham provocado um impacto positivo na vida dos entrevistados.

A nova realidade proporcionou também uma divisão mais clara do tempo de trabalho e do tempo do não trabalho, ao contrário da vida no campo. Essa divisão bem definida pode ter permitido, ainda, a programação do lazer. Isso, somado ao fato de haver uma grande quantidade de pessoas compartilhando a mesma realidade e uma infraestrutura dedicada ao lazer e à sociabilidade, fez com que o papel desse lazer tomasse outra dimensão na vida desses indivíduos.

O aspecto financeiro também foi algo relevante, pois fez com que as pessoas tivessem condições de ter experiências diferenciadas. O entrevistado de número 9 falou das oportunidades de atividades e a mudança salarial quando veio para Foz do Iguaçu, trabalhar em Itaipu. Ele chegou a ficar emocionado, encheu os olhos de lágrimas. Fez uma parada no diálogo e a voz ficou trêmula:

Antes de vir pra cá, eu não podia fazer uma academia, nada, devido ao financeiro, já aqui foi diferente. Quando eu vim pra cá minha realidade salarial, tudo mudou, quando recebi meu primeiro salário, olhei meu contracheque e falei para a minha mulher: “será que isso é real, me dá uma beliscadinha pra ver se isso é real” (...) Foi importante porque pude dar uma qualidade de vida melhor para a minha família.

Em outro momento, o mesmo entrevistado que veio de São Francisco do Sul comenta que sentiu falta de algumas atividades vivenciadas antes de vir para Foz do Iguaçu e morar na Vila “A”: “Aqui, eu senti muita falta da praia, lá tinha as melhores praias pra nadar, juntava com os amigos depois do trabalho e ia pra praia”.

O 7º entrevistado fala: “O que era dado para os meus filhos eu não tinha coragem de comprar”. O 5º entrevistado corrobora:

Final de ano existia o seguinte, por isso que eu disse que Itaipu deixou o povo mal-acostumado, natal Itaipu dava presente “pra” todos os filhos dos funcionários dele, presente da “Estrela”, presente bom, então todo santo natal, páscoa (...) e tinha o “Floresta” que tinha os bailes final de ano, tinha carnaval, tinha “coisa”, então... Mas Itaipu doava muito, cada final de ano reunia os funcionários, dava uma festa com a família. Itaipu foi muito bom.

O 5º entrevistado fala também sobre os ambientes de lazer e a adaptação: “Aqui tem gente que gosta de futebol, tinha campo, tem gente que gostava de jogar um baralho, tinha vários lugares que tinha jogos. Em tudo “que é” lugar, o ambiente é você que faz. Lá, como aqui, não modificou em nada. Pra mim, foi ótimo”.

De acordo com Ribeiro (2002), outra rotina de lazer que é possível apontar no período da construção de Itaipu, é para as zonas de meretrício que estiveram presentes em dois lugares na cidade de Foz do Iguaçu. No início, funcionava na saída da cidade para Cascavel e depois devido aos problemas de desapropriação, foi transferida para o bairro de Três Lagoas, onde foram abertas várias casas que selecionavam o público que frequentava, especialmente em função dos valores que eram cobrados para usufruir das bebidas e dos programas com as profissionais.

Para a mesma autora, essa é uma das atividades de lazer que mostra uma outra forma de segregação dos funcionários de Itaipu. Esse foi um mercado que esteve em alta com a construção da Usina, pois assumiu um lugar de importância, como um dos principais locais de diversão para esses trabalhadores, em que antes os fregueses eram mais os turistas brasileiros, argentinos e paraguaios, depois foram em boa parte os novos moradores de Foz do Iguaçu, vindos para trabalhar em Itaipu. As próprias moças vieram de várias regiões do país, outras do Paraguai. Ali também era um espaço de sociabilidade.

O que foi possível verificar, de modo geral, é que havia a segregação nos espaços providos por Itaipu. Mas além das “Zonas” existiram outros espaços de lazer e sociabilidade para os “barrageiros”, como exemplo o Centro Comunitário de Itaipu.

Na Vila “A”, em razão de vários acontecimentos, os vínculos foram aumentando e as histórias se misturando. A 12ª entrevistada conta como era a Vila “A” antes da construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu e como foi a experiência com a adoção de sua filha, que segundo relatos da mesma, os pais biológicos pertenciam a uma “zona” que funcionava na Vila “A”.

Antes da construção, aqui era uma fazenda, uma chácara, enorme, as zonas estavam tudo aqui na Vila “A” (risos). Eu lembro que quando a minha filha fez 5 anos, 6 anos, a diretora não queria mais aceitar ela na escola sem registro de nascimento, porque eu não tinha nada dela, aí eu fui lá na casa dessa dona que me arrumou a Mara, aí ela falou: “ele está trabalhando lá na zona, a senhora vai ter que ir na zona, eu disse: eu não vou deixar meu marido ir na zona, eu vou sozinha lá, peguei o filho dela, mais o meu filho mais velho e fomos. Eu tive tanta sorte que quando entrei na ruazinha, vinha vindo um monte de gente, de homem lá, aí disse, o filho dela: “pare aqui, porque eu acho que aquele homem é o pai da sua filha”. Eu precisava saber se ela tinha registro de nascimento ou não, daí ele falou: “eu nunca registrei ela”. Aí, eu falei, meu Deus e agora?! Voltei no juiz outra vez, o juiz disse: registre você, não no seu nome, você como declarante, o juiz me deu o termo de guarda. Aí consegui levar o famoso registro de nascimento para comprovar que ela tinha 6 anos para entrar no primeiro ano.

Catta (2002) comenta que as pessoas contaram que iam nas suas horas de folga jogar no Paraguai e iam também para a zona na *Ciudad de Puerto Stroessner* no Paraguai. O entrevistado

de número 10, que trabalhou pela Itaipu na prestadora de serviços UNICON (União das Construtoras Nacionais), no setor do bem-estar social e da recreação fala sobre os prostíbulo que havia:

Era uma casa ou duas que tinha na Vila “A”, aí mandaram para a Vila São Sebastião, o pé inchado, era onde tinha as zonas. Eu mandava os ônibus pra buscar essas mulheres pra fazer programa nas zonas, nos hotéis. Tinha as zonas em três lagoas, essas sempre existiu, naquelas ruas perto do presídio. A gente mandava levar os peões também, bem ou mal estavam socializando. Era muito homem, ficavam muito sozinhos, aí a gente tinha que arrumar a vida deles (risos). Tinha que trabalhar, mas recreação e comida boa aqui sempre teve!

A 12ª entrevistada conta o que aconteceu com os prostíbulo com a expansão da Vila “A”:
 “a mulherada teve que sair daqui. Aí foram lá pra Três Lagoas. Tinha a dona Júlia, muito famosa, a dona Júlia com suas duas filhas (risos)”.

O 6º entrevistado fala das suas experiências nos “prostíbulo”:

[...] a gente ia muito, a gente ia aqui na Paraná, tinha também a Sauna Presidente, atrás do Costa Cavalcante tinha a JI, *striptease*, depois abriram o La Piova. No final do mês sobrava 3 dias de folga, aí a gente ia se divertir. Tinha uma zona ali onde está construindo o mercado público.

O 10º entrevistado conta também:

Ali embaixo era uma zona, na Vila “A”, eles só vinham até ali, dali pra cá ninguém entrava nessa Vila, era um atoleiro, combi que era combi atolava, depois que os moradores começaram a chegar, foi tirada (...) Tinha o pé inchado, ali no Eco Museu, na Vila São Sebastião, a obra mandava ônibus buscar “mulhê” no pagamento para trazer para os peões, nós mandávamos, porque eu fazia parte também, aquele monte de homem, o que ia fazer?! tinha um motelzinho pra cima. A gente mandava ônibus para Três Lagoas também, eu trabalhava no bem-estar social, então...

Naquele momento histórico, estava configurada uma realidade distinta na vida dos habitantes de Foz do Iguaçu, e principalmente das pessoas que vieram trabalhar em Itaipu, então julgar ou classificar as formas de usufruir o lazer naquele momento, pode ser um tanto arriscado, pois na década de 1970, a “zona” tinha outra configuração social, na perspectiva masculina essas práticas eram consideradas normais.

Nesse aspecto, Foucault (1984) entende que os valores morais são fenômenos históricos que são construídos mediante a realidade vivida pela sociedade em cada momento, que podem ser

modificados. Esse fenômeno parte de uma nova reconceitualização que facilita novas maneiras de pensar e agir. Os indivíduos assumem e ocupam posições de sujeito que o contexto sócio-histórico disponibiliza. Os sujeitos não são apenas sujeitados, mas eles também podem sujeitar os demais, dependendo do “papel que exerce” em cada momento e realidade.

Em relação às atividades realizadas nos prostíbulos, é importante considerar que o lazer no seu conceito mais genuíno, deve acontecer no tempo livre, fora das obrigações familiares, religiosas e profissionais. Nessa perspectiva, a fruição do lazer nos prostíbulos, ainda que possa abalar o senso ético da sociedade atual, não pode ser desconsiderado. Por outro lado, Dumazedier (1976) entende que o lazer é um produto da sociedade moderna e faz uma crítica ao turismo sexual. Ele argumenta que o lazer inserido dessa maneira, o coloca como mercantilização e que traz sérios problemas sociais.

O 3º entrevistado demonstra como era o seu lazer em algumas fases da vida:

Lá no jardim américa quando tinha até os 16 anos era muito pobre, os funcionários eram paraguaios, não tinha nada pra fazer, era só jogar bola no domingo de tarde, não tinha nada pra fazer, nós tínhamos vaca de leite, ia na horta, no pomar, tirar água do poço, ajudar meus pais, o piso de madeira tinha que estar brilhando, e nós tínhamos que ajudar, então trabalhava e aproveitava pra brincar, colocava um irmão em cima do escovão e brincava. A minha experiência foi na região mesmo. Aqui na Vila “A” os espaços eram excelentes, eu morava antes praticamente no sítio, na serraria.

Percebe-se que na concepção do entrevistado Foz do Iguaçu e a Vila “A” eram cidades à parte. Mesmo vindo para trabalhar em Itaipu e morar na Vila “A”, da cidade de Foz do Iguaçu, o que transpareceu foi que no seu imaginário, ele foi para uma outra cidade e não para um outro bairro de Foz do Iguaçu. Outra impressão que foi sentida, é que, sendo os funcionários paraguaios, ele não tinha ninguém para se relacionar e socializar. Mais uma vez é verificado o distanciamento em função da cultura e com isso a forte relação dos elementos que estão atrelados em dizer quem são os “outros”.

A fala do entrevistado, e outras falas no decorrer do texto permitem fazer uma reflexão sobre a relação que estas exercem na perspectiva do termo “multiculturalismo”. Este é um termo que possui suas raízes na Europa e foi cunhado justamente para dizer quem são os “outros”, ou seja, a Europa diz quem é o terceiro mundo e com isso insere no seio da resolução dos problemas entre desenvolvidos e subdesenvolvidos uma palavrinha mágica para dizer que há uma discussão perene entre ambos, o multiculturalismo. Ora, partimos para uma discussão integradora, mas que

foi criada como definidora de papéis pela Europa, caracterizando assim o eurocentrismo, isto é, em síntese, nos vemos com os olhos que a Europa quer que nos vejamos (MOREIRA; CANDAU, 2008).

De acordo com os dados levantados na pesquisa de Sotuyo (1998), as respostas das pessoas sobre a vontade de voltar para o lugar de origem, demonstrou que na Vila “A” foram 41% favoráveis, na Vila “B”, 67% e na Vila “C”, 16%. O fato de na Vila “C” as pessoas terem menos vontade de voltar aos seus lugares de origem, talvez seja pelo fato de que essas pessoas teriam mais dificuldade para retornar, por questões financeiras. Outra possibilidade seria porque é uma Vila mais antiga e com o tempo os vínculos deixados no lugar de origem foram se perdendo.

Já os motivos econômicos para ficarem na cidade, na Vila “B”, 73%, na Vila “A”, 67% e na Vila “C”, 11%. Dessa forma, o que foi possível perceber é que os moradores das Vilas A e B continuam na cidade motivados mais por questões econômicas (SOTUYO, 1998).

Sobre a necessidade dos moradores dos conjuntos de se integrarem com os moradores da cidade, a pesquisa demonstrou que os habitantes da Vila “C”, foram os que mais estavam dispostos a essa integração, sendo 89%, já a Vila “A” e a Vila “B”, os que menos estavam dispostos, respectivamente 42% e 40% (SOTUYO, 1998).

A Vila “C” demonstrou que os vínculos de amizades são mais efetivos, em segundo lugar a Vila “B” e em terceiro a Vila “A”. Quanto à participação dos moradores nas atividades culturais dentro das Vilas, a Vila “A” aparece com 17%, a Vila “B” com 7% e a Vila “C” com 0%. Com esse resultado, percebe-se que os moradores da Vila “C” apresentam pouco interesse nas atividades socioculturais (SOTUYO, 1998). Na Vila “C”, o baixo interesse em participar das atividades culturais pode estar relacionado com a pouca motivação e vivência nesses ambientes. Normalmente, nas regiões centrais, ou em regiões com mais infraestrutura as pessoas têm mais acesso aos espaços que oferecem atividades culturais.

De modo geral, a segurança foi a maior preocupação das pessoas, a Vila “C”, com 89%, a Vila “A”, com 75% e Vila “B”, com 7%. Com essas respostas, percebeu-se que a Vila “B” possui mais condições de segurança particular no bairro. Os entrevistados que participaram da pesquisa que trouxeram a memória da Vila “A”, nas décadas de 1970 e 1980, se sentiam muito seguros naquela época, pois a segurança de Itaipu atuava no bairro, as pessoas acreditavam que as famílias tinham uma segurança máxima e segundo os entrevistados, depois que a Itaipu deixou de prestar esse serviço a segurança já não é mais a mesma.

A preocupação com o transporte coletivo ficou em segundo lugar, sendo, 79% na Vila “C”, 67% na Vila “B” e 54% na Vila “A”. Na época os meios de transporte ainda eram precários e o carro não era um meio de locomoção acessível, especialmente para as pessoas com menos renda (SOTUYO, 1998).

A preocupação com o lazer ficou em terceiro lugar pelos entrevistados. Na Vila “C” a preocupação foi de 53%, na Vila “A” foi de 46%, na Vila “B” de 13%. O percentual elevado na Vila “C”, deve ser para o lazer gratuito que sentem falta, em razão do bairro não oferecer muitas condições de estrutura para a fruição do lazer. Sendo assim, a falta de espaços culturais ficou em quarto lugar entre as preocupações dos entrevistados das vilas, sendo a Vila “A” com 54%, Vila “B” com 33% e Vila “C” com 26% (SOTUYO, 1998).

A pesquisa de Sotuyo (1998) ocorreu, em média, 21 anos depois da vinda dos trabalhadores entrevistados para Foz do Iguaçu, e possibilita entender um pouco do perfil dos bairros relacionados à Itaipu.

Algumas das atividades que foram levadas aos funcionários na época do trabalho em Itaipu podem ter tido relação com a identidade e a memória dos seus trabalhadores. O entrevistado de número 10 faz uma retrospectiva do seu trabalho na época da construção de Itaipu:

Depois aqui na Vila “A”, o que tinha aqui na Vila “A”, era o “Xororó”, a gente tinha que levar os meninos lá, brincar ali. Não tinha Gramadão, depois o Floresta Clube foi construído em 78. Eu passava filme, a cada 3 dias mudava a programação, passava filme do Teixeira, Mazaropi, aquilo não cabia gente. Tudo que acontecia aqui, acontecia no Paraguai também, eu ficava pra lá e pra cá. Começou encher a Vila e o lazer para essas pessoas? Eu passava filme à tarde, à noite. Depois do “Barracão Azul”, foi criado o Floresta, aí o pessoal começou se associar, meio envergonhado, aí foi, foi enchendo de gente, dali tiramos jogos, levamos pra obra, depois foi montado o Centro Comunitário eu passava filme na Vila “A” e depois também passava filme no alojamento. No “Xororó” tinha um professor para o basquete, o outro para o futsal, o outro para o vôlei e assim foi. Aí já começou ficar bom para as famílias, contratamos 5 professores de Educação Física, aí juntava uma meninada, você não tinha noção de tanta criança que tinha na Vila “A”. A Itaipu reembolsava tudo.

O entrevistado demonstrou nas suas expressões uma forte preocupação com a ociosidade dos trabalhadores de Itaipu. Na visão dele, o tempo livre dos empregados de Itaipu teria que ser preenchido com alguma prática de lazer. Percebeu-se que ele sofria pressão dos seus superiores para que o tempo livre desses empregados fosse preenchido com atividades de lazer. Essas

atitudes podem ter sido motivadas por vários fatores, um deles pelo trabalho que exigia bastante, outro fator relevante foi que muitos deixaram nos seus lugares de origem, suas famílias, seus amigos e isso foi entendido como potencial fator de motivação para deixarem seu emprego e assim a Itaipu se encarregou de evitar. Entendeu-se que, naquele momento, a construção precisava de muita mão de obra e a eficiência dos corpos.

Várias atividades foram propostas para os empregados de Itaipu, inclusive, nos intervalos das refeições, das funções de trabalho, no final do expediente. Elas aconteciam nos alojamentos, no Centro Comunitário da barragem, nos centros comunitários das Vilas e em outros espaços. Nesse aspecto, existia uma certa disciplina para tudo acontecer, inclusive, o trabalho árduo de pessoas envolvidas com a Recreação.

O lazer na Vila “A” não parece se enquadrar necessariamente como mercadoria de consumo, porém, pelo que foi possível perceber, o lazer tinha uma intencionalidade, uma funcionalidade. A Itaipu tentou prover um ambiente tanto na Vila quanto em Itaipu, em que as pessoas pudessem se aclimatar, pois a empresa precisava do trabalho de seus funcionários. Por isso, o entrevistado de número 10 comenta sobre como foi a sua vinda para Foz do Iguaçu:

Vim de Brasília pra cá com o pessoal da administração. Meu coração batia tanto, que eu não queria vir, mas eu vim, porque me falaram: lá você ganha muito mais, quando cheguei aqui me decepcionei, queria voltar. Cheguei fui parar lá na ponte, aquela sujeira, era muito feia, cheio de mamona até chegar na ponte... Eu senti tanta vontade de ir embora, procurava a rodoviária e não achava, senti tanta saudade, depois fui me acostumando, me adaptei, mas vou dizer uma coisa, começo de 76 não foi fácil! Nossa cidade era precária, não tinha nada, nós morávamos em Brasília, tudo asfalto, aquela cidade maravilhosa, vim morar em Foz do Iguaçu, no centro, casa de madeira, caindo aos pedaços, aquele “puerão”, morava na cidade e ia almoçar no canteiro de obras, mas todo mundo deu a volta por cima, morei no centro e depois no Paraguai, porque a Vila estava sendo construída.

Para Calvino (1993, p. 94), “as formas das coisas se distinguem melhor à distância”. A falta de proximidade que esses trabalhadores tiveram que viver ao longo dos anos com os seus lugares de origem, pode ter aumentado os pontos positivos desses lugares, trazendo na memória a falta de um espaço quase perfeito que foi criado pelo imaginário. Assim, Lefebvre (1975, p. 181) diz que as pessoas projetam uma existência real e uma imaginária, geralmente a imaginária é devida às lembranças do local de origem. Muitas vezes, essas pessoas ficam presas às suas origens e lembranças e não conseguem viver o lugar real.

Percebe-se, diante das indagações do antigo funcionário de Itaipu que veio para Foz do Iguaçu, em 1976, que essa mudança foi um tanto complexa, no sentido das adaptações que teve que fazer, levando em consideração que este veio de uma cidade já estruturada, para uma cidade de pequeno porte.

Nesse sentido, como adotar uma nova identidade coletiva, diante da constante lembrança do passado que ainda estava próximo na época? As pessoas têm a facilidade de trazer as lembranças dos lugares em que viveram, principalmente em que viveram mais tempo, com saudosismo, valorizando mais do que o habitual seus lugares de origem, então, construir uma identidade coletiva totalmente nova, não é possível (SOTUYO, 1998).

Administrar a vida para esse entrevistado (10º) e, provavelmente, tenha sido o caso para outros também, não foi tarefa simples. Em razão do trabalho em Itaipu, tiveram que mudar de cidade, de país, distanciaram-se dos familiares, além de terem que passar por todo um processo para fixar residência. Em outra ótica, o entrevistado de número 3 afirma: “a Itaipu foi uma mãe pra nós, ela acostumou mal muita gente!”. Em outra fala o 10º entrevistado diz: “eu só tenho a agradecer pelo que Itaipu fez pra nós”.

O 2º entrevistado comenta:

Na cidade e nas outras Vilas era mais “largadão”, como se diz mais “desleixado”, aqui a perturbação não existia, tinha uma norma, para o som, cuidar da casa, não deixar algo cair para o outro terreno. Lá os filhos subiam nas árvores, trepavam, quando você chegou as pessoas já olhavam diferente. É fácil de adotar, porque só do jeito da pessoa olhar você já via que estava errado. Se os nossos filhos faziam alguma bagunça, tocava a campainha dos outros... já via que os outros não faziam assim e aí já era um puxão de orelha. Para quem nunca tinha morado em Vila, já tinha mais dificuldade.

De acordo com relato de um antigo morador da Vila “A”, o entrevistado de número 11: “Os jovens delimitavam os espaços e definiam quem frequentava, quem podia se reunir ali, naquela rua, ou naquela avenida. Normalmente se juntava quem era morador daquela rua ou daquela avenida, os demais não podiam nem chegar perto, era muito diferente”. Esta foi uma outra forma de demonstrar o senso de pertencimento que existia entre os próprios moradores do bairro. A constatação de que havia uma delimitação do espaço pelos jovens, permite outras análises.

O 2º entrevistado reafirma o perfil de divisão que ocorria na Vila com os jovens da época: “Na avenida 8 com a 15, tinha uma bola de cimento que dividia para fazer a rotatória, então tinha

a turma da bola sete e da bola 8. Então aqueles moleques ficavam lá, só sentava naquelas bolas quem era daquela rua, então eles tinham essa rivalidade”.

O 2º entrevistado fala sobre algumas experiências que teve em relação às regras de convivência que foram estabelecidas pelos próprios moradores da Vila “A”: “Para quem nunca tinha morado em Vila, já sentia mais dificuldade. Dependendo do tipo da mulher que chegava, ela já servia de chacota e dependendo, as outras já “tizoravam””.

Nesse aspecto, a norma, segundo Foucault (1997), estabelece a figura do indivíduo “normal” como um princípio de coerção para a figura do “anormal”.

A sanção normalizadora, segundo Foucault, nasce de uma “penalidade da norma” produzida pelos dispositivos disciplinares. As disciplinas inventaram um novo funcionamento punitivo, que tem seu ponto de ancoragem na norma. O regime do poder disciplinar traça o limite que definirá a diferença em relação a todas as diferenças, a fronteira externa do anormal (FOUCAULT, 2008).

Foucault (1997) faz uma crítica sobre o problema de entender o poder moderno somente de maneira soberana, ele argumenta que existem maneiras diferentes de exercer o poder sobre outras pessoas e que o mesmo indivíduo pode exercer papéis diferentes em cada realidade vivida. Assim, Foucault define a liberdade como um “trabalho em curso”.

Nessa perspectiva, é possível fazer um paralelo com a visão de Bauman (2001). Ele critica a visão primária de que a construção de identidades é algo sempre bom. Enfatiza que a busca por um sentido de pertencimento em um grupo pode favorecer mais os limites de diferenças que podem ser transformadas em desigualdades, gerando conflitos e intolerâncias nacionalistas, religiosas, políticas, étnicas, culturais, dentre outras.

Outro relato que reafirma uma realidade diferente vivida pelo entrevistado de número 2, antes de vir para Foz do Iguaçu, é a seguinte: “Com 17 pra 18 anos, eu caçava com arma de fogo, meu filho nunca dei uma arma pra ele. Eu usava esse meio como lazer, naquele tempo caçar e pescar era normal, uma forma de lazer. Eu cacei com estilingue quando não tinha arma de fogo”.

No âmbito em que se configurou o momento histórico de construção de Itaipu, várias histórias da vida diária dos indivíduos surgiram. Durante as décadas de 1960 e 1970, o Parque Nacional do Iguaçu tinha a sua área ocupada na maior parte localizada ao longo da estrada das Cataratas, sendo assim, Catta (2002, p. 45) afirma:

Essa configuração de área totalmente nativa tornou-se para muitos, espaço privilegiado para caçadas, pois não havia controle por parte das autoridades em função de suas grandes dimensões. Uma das atividades de lazer praticadas pela população, em geral masculina, era a caçada nas matas virgens do Parque Nacional do Iguçu, nos fins de semana e nos dias de folga. (CATTÁ, 2002, p. 45)

Aquele era um momento diferente na história de Foz do Iguçu e talvez do Brasil e de outros países também. É bem provável que a percepção ética da sociedade naquele momento, não se aplica para os dias de hoje, portanto a atividade de lazer voltada para a caça era algo “normal”.

Nas décadas de 1970 e 1980, o lazer tinha uma outra configuração. As leis para os menores permanecerem em determinados espaços e horários, eram mais flexíveis. Os funcionários de Itaipu por usufruírem de seu lazer mais dentro da Vila “A”, esse mesmo lazer acabava tendo uma conotação diferente, alguns hábitos foram naturalizados. Com isso, o 5º entrevistado relata:

A gente fazia, fazia churrascada, se juntava com o pessoal, se reunia e fazia a churrascada, antes a gente fazia também como diz assim: “hoje nós vamos fazer lá na casa de fulano”, então cada um levava um petisco e a gente amanhecia jogando, família toda. Antes a gente o seguinte, os filhos pequenos, então tu tinha que levar junto, não tem com quem deixar, com quem que vai deixar? É, só você, eu e minha mulher, não tinha parente nenhum aqui, então se tu tem que ir em uma festa teus filhos tem que ir junto, tu não vai deixar em casa, então não tinha problema, a gente levava junto. Nos bailes, antigamente, a gente colocava os “perrengue” embaixo da mesa e a piazada dormia embaixo da mesa no salão e a música tocando, sou desse tempo.

As experiências e os interesses de lazer são diversos, sendo a identidade cultural e a memória, a organização dos espaços, a geografia e os relacionamentos sociais, fatores de bastante influência para a fruição do lazer (MARCELLINO, 1998). O fato dos funcionários terem deixado seus familiares nas cidades de origem, acabou alterando a fruição do lazer com os seus filhos. As dificuldades para deixá-los e ir em certos ambientes de lazer não proporcionou necessariamente uma nova forma de usufruir o lazer, mas a adaptação do mesmo.

No dia a dia das pessoas em suas atividades de trabalho e de lazer, incorporar novos hábitos, criar novos vínculos de amizade, socializar, adaptar-se a um novo espaço geográfico, nem sempre é tarefa simples. Com efeito, quando se fala dos novos moradores vindos para as três Vilas, na década de 1970, quando quase não existiam condomínios fechados de casas, esses moradores tiveram que se adaptar a essa nova forma de convivência, como um condomínio aberto de casas, e ainda tendo que conviver com o forte apelo de serem funcionários da Usina

Hidrelétrica de Itaipu, numa cidade de fronteira, agrupando aspectos culturais dos mais variados (RIBEIRO, 2002).

No contexto do fenômeno migratório daquele momento, a criação de três bairros que foram alocados e distribuídos em espaços segregados produziu um novo convívio social que recebeu influências da memória e identidade trazidas pelos novos habitantes, com heranças culturais das mais variadas. A soma desses fatores criou novos hábitos, no sentido de que cada pessoa ou cada família veio com costumes diferentes e que se somaram a outros (CATTA, 2002).

Albuquerque (2011, p. 51) aponta que, por meio dos movimentos migratórios das nações modernas, padrões políticos e culturais se modificam, dessa forma, redefinindo as fronteiras nacionais. Essas fronteiras, conforme alguns pesquisadores, podem ser espaços híbridos de saber e poder.

Este é o caso do episódio histórico de migração massiva de pessoas das mais variadas origens, destinadas a um local comum, num mesmo espaço temporal, segregados geograficamente de acordo com um critério específico de perfil profissional, num contexto de objetivo coletivo (construção e operação de Itaipu) e compartilhado com indivíduos de outra nacionalidade (paraguaia), outro idioma e distintas práticas de convívio social e de lazer tem características singulares (CATTA, 2002).

Para Ribeiro (2002, p. 56), na história oral narrada por Marlene, a cidade virou uma “salada de fruta”, em um espaço com um dado número de habitantes, que, posteriormente, com a construção da Hidrelétrica de Itaipu, vieram muitas pessoas para Foz do Iguaçu, com costumes, raças e credos diferentes, de diversas regiões do país, gerando tensões e conflitos no cotidiano das pessoas. A autora fala de um aspecto de violência contra o ser humano, que parte do desenraizamento, das adaptações e readaptações pelas quais esses indivíduos, com histórias próprias, tiveram que passar.

Dentro dos limites das vilas o controle do lazer, por meio dos clubes; da religião, dos templos religiosos; da educação, por meio da escola, se configura de fato como forma de controle do empregador Itaipu, sobre seus empregados e de gestão do seu patrimônio. A empresa, através das vilas, conseguiu fixar ainda mais a posição de proprietária, tanto da força de trabalho, como das moradias e do lazer. Ela exerce um controle na distribuição dos homens, dos equipamentos e das atividades. O desenvolvimento das forças produtivas estabeleceu mudanças constantes,

seguidas da modificação do espaço urbano, produzindo novos ritmos de vida, novos relacionamentos entre as pessoas, novos valores (SOTUYO, 1998).

No informativo da UNICON de 20 de dezembro/79, página 5, na matéria “Áreas de Lazer nos Conjuntos Habitacionais”, parte do texto relata que:

O planejamento dos conjuntos habitacionais da ITAIPU BINACIONAL foi elaborado tendo em vista o bem-estar social de todas as famílias dos “barrageiros” bem como seus visitantes e transeuntes em geral. Um dos pontos capitais foi o cuidado com o lazer, a segurança e a educação das crianças, todas as áreas possuem escolas com áreas de lazer onde os escolares podem divertir-se e adestrar-se em suas inclinações esportivas. Além disto, todas as áreas habitacionais foram providas com vários parques recreativos que servem tanto para os adultos espriarem um pouco suas mentes, enquanto estão a passear, quanto para as crianças que aqui encontram todo o tipo de diversão que um moderno “playground” possa oferecer.

O informativo demonstra o que era disponibilizado para os “barrageiros” e seus familiares no que diz respeito ao bem-estar das pessoas nos conjuntos habitacionais de Itaipu. O texto evidencia, por meio da linguagem utilizada, que havia uma imposição e controle por meio do lazer e a sociabilidade dos funcionários. Quando se usa a frase: “[...] adestrar-se em suas inclinações esportivas”, fica demonstrado o controle social por meio das atividades esportivas, seguido da infraestrutura dos espaços e recursos humanos proporcionados.

O 3º entrevistado aponta para as características da Vila “A” e o aumento da população:

As ruas e avenidas eram divididas por número, que era mais fácil pra identificar. Por exemplo, Avenida 8, Quadra 95, Quadra 3. A ordem começou lá de baixo e foi indo pra cima. Uma das avenidas chama-se Américo Sasdelli que foi um segurança na Itaipu. Na época (em 78) já tinha todas as casas que já tem hoje, tinha umas 2 mil e poucas casas e na cidade 30 mil habitantes e de um ano para outro o número de população dobrou, eles começaram contratando 30 mil pessoas, nem achava casa para alugar.

Esse tipo de nomenclatura que era usada para identificar as casas e, como consequência, os seus moradores trouxeram, de certa forma, uma identificação e um senso de pertencimento. Na fala do entrevistado de número 8, é possível analisar:

A identificação das ruas por número era bem mais fácil, quando alguém falava que morava na avenida tal, rua tal, já dava pra saber quem eram os seus vizinhos, quando eu falava onde morava, as pessoas já se localizavam. Foi muito ruim essa mudança, não gostei!

Ele argumenta que a mudança das ruas e avenidas por número para nomes de aves, peixes e mamíferos dificultou reconhecer as pessoas.

De certa forma, as vilas desfavoreceram a visão de conjunto dentro do espaço social de Foz do Iguaçu, elas surgiram como fragmentos que tentaram “reinventar” os indivíduos. A Vila “A” foi um dos bairros que ofereceu maior infraestrutura, pois ficou com hospital, um hospital geral, que atendia os dependentes de Itaipu, escola, parques, comércios, quadras de esportes e bancos. Nesse aspecto, é possível classificá-la como uma cidade independente, estando acoplada a uma cidade de fronteira (CATTÁ, 2002).

Um dos elementos que a empresa Itaipu proporcionou foi um estilo de vida próprio, num aspecto de controle social que acabou refletindo-se em toda a sociedade daquela cidade. Nesse aspecto, Catta (2002, p. 99) relata que:

Um modo de vida próprio, “inventado” pela Empresa com intuito de torná-la eficiente e controlável, e que, posteriormente, refletir-se-ia para a cidade como um todo. Dois aspectos que são em si complementares, ou estavam enquadrados no mesmo tipo de prática configurada pelo processo de construção do empreendimento Itaipu: a organização da vida e do espaço para os trabalhadores que para ali se dirigiram em função da obra e o controle social exercido pela empresa, e que iriam tornar-se prática e necessidade obrigatória naquela sociedade, obedecendo ao reflexo emanado das normas impostas pela Empresa Binacional de Itaipu em sua área de controle (CATTÁ, 2002, p. 99).

Mesmo que o posicionamento de Manuel Castells (1983, p. 211) e de Henri Lefebvre (1975, p. 182) expresse que o espaço com estas características seja um agente seletivo responsável pela destruição da vida cotidiana e como oposição ao espaço social, o conjunto de dados desse estudo, ao contrário disso, descreve a construção de uma nova realidade, não destruída, como percebem os autores, mas transformada, ou até mesmo adaptada.

As matérias dos informativos da UNICON, as Fotos, os Mapas, permitem uma breve viagem no tempo da implantação da Usina, em um diálogo com as entrevistas dos sujeitos que estiveram inseridos naquele contexto. É perceptível o impacto na vida de uma pacata cidade do interior de fronteira com uma migração massiva de pessoas para realizar um projeto de grande porte. Assim sendo, diferentes histórias pessoais e culturas se entrelaçavam, ora em processos de construção e harmonia, ora em conflito e estranhamento. Com isso, foi possível entender um pouco do que foi a construção de espaços recortados em locais ermos que se urbanizaram, com a construção de clubes, hospitais, escolas, espaços de lazer e sociabilidade que criaram o cenário no

qual as interações humanas produziram um momento histórico e peculiar com impacto na vida das pessoas e da fronteira binacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, foram relatadas diversas histórias vividas de um momento histórico único, em que a construção de uma usina hidrelétrica de grande porte em geração de energia provocou um convívio duradouro entre personagens das mais variadas origens. Os relatos a partir deste empreendimento ocorrido nas décadas de 1970 e 1980 foram percorridos pelos seus principais protagonistas, aqueles que cuidaram do lazer dos operários, desenharam os projetos urbanísticos e arquitetônicos, bem como receberam os trabalhadores no idioma português, espanhol e guarani, que cuidaram da segurança na Itaipu e na Vila “A”, dentre outros que de diversas formas permearam as histórias de vida dos milhares de personagens deste momento. Tais personagens permitiram construir uma visão multifacetada do que foi a criação deste espaço peculiar na Vila “A”, e de como o lazer influenciou na construção da identidade coletiva destes operários e técnicos.

O lazer estava no foco da empresa ao longo do tempo por várias razões. O ócio poderia permitir que os indivíduos confinados, distantes de suas localidades de origem e de seus familiares e amigos, com alta carga de trabalho, entrassem em introspecção e abandonassem a obra, causando prejuízos. Era também uma forma de incentivar a disciplina necessária em um empreendimento desta envergadura, assim como um elemento de integração entre as pessoas facilitando o entrosamento, além de elevar a motivação. Aquela época era também um momento de ascensão do esporte no país. Nesse sentido, esse era um dos interesses de lazer mais disponibilizados para os funcionários e agregados de Itaipu.

Dessa forma, percebe-se que o lazer a partir de Itaipu foi uma forma de controle sob os seus empregados e uma tentativa de manter a ordem, evitar a ociosidade e construir a imagem positiva da empresa.

O projeto de Itaipu e suas Vilas deu uma outra perspectiva de crescimento geográfico e populacional para a cidade de Foz do Iguaçu e naquela época as pessoas vindas de outros lugares se depararam com outras formas de convivência peculiar da fronteira, alguns foram morar, inclusive, em áreas do país vizinho, o Paraguai.

A pesquisa pode mostrar que esses indivíduos vindos de outras regiões para Foz do Iguaçu vieram com histórias próprias que se misturaram no trabalho da Usina Hidrelétrica de Itaipu e no conjunto habitacional da Vila “A”, no novo perfil de convivência que, em parte, foi

criado pela empresa, pois foram organizados espaços de lazer e sociabilidade na Itaipu e nos conjuntos habitacionais.

Tais espaços tiveram algumas regras próprias e bem definidas, características do período militar, mas os indivíduos que conviveram naquele momento não deixaram de evidenciar ou criar outras regras e nem de exercer poder sobre “outros indivíduos”. Um operário que tivesse destaque em competições esportivas, no seu tempo livre, poderia conquistar um status e exercer um micropoder.

Indivíduos obedeceram às regras de convivência na empresa e no conjunto habitacional, mas também transgrediram, deram formas próprias para aquele “cenário”. Alguns levavam bebida alcoólica até locais não permitidos, grupos se reuniam para assistir filmes pornográficos, etc.

A empresa acabou segregando seus funcionários em espaços próprios, por conta de logística e outros fatores. Muitos se autosegregaram também, procuraram conviver com as pessoas com as quais tinham as mesmas origens, ou desenvolviam o mesmo trabalho, então, puderam continuar convivendo com os mesmos hábitos. Dessa forma, nas suas falas tentaram evidenciar o “eu sou mineiro”, o “eu sou gaúcho”, dentre outros dizeres.

Mesmo que os indivíduos adultos tivessem chegado com referências próprias de convívio e de lazer, as crianças, em geral, tinham sobretudo a experiência local e com outras crianças na mesma situação. Assim, a interação entre elas acabou por viabilizar o convívio entre pais muito diferentes, mas que encontraram, a partir delas, um ponto comum para que tivessem uma boa convivência.

O perfil das práticas de lazer do antes de vir para Foz do Iguaçu e quando chegaram na cidade recebeu algumas alterações e adaptações, tiveram dificuldade para perceber que aquilo que eles praticavam antes também era considerado como lazer. A maioria dos pesquisados chegou a ressaltar, como positivas, as estruturas dos espaços de lazer e de sociabilidade criados por Itaipu e os recursos humanos para trabalhar com as diferentes modalidades esportivas nos vários locais, quando compararam com aqueles vividos nas cidades dos quais vieram. Contaram que tiveram que se adaptar e conviver com outras pessoas ao terem deixado as suas “raízes”, tiveram que interagir, pois estavam sozinhos, longe de familiares e amigos.

O conjunto de entrevistas oferece um mosaico de percepções do que foi aquele momento da história e de como se produziu uma nova comunidade segmentada em espaços geográficos,

mesclada em sua composição. Tem-se, nesta pesquisa, um rico cenário de como foram desenvolvidos o lazer e a sociabilidade providos por Itaipu e a sua reconstrução no espaço da Vila “A”.

As várias reflexões discorridas no estudo permitiram um mergulho na rica história do lazer e sociabilidade dos trabalhadores de Itaipu e, assim, perceber a emoção que foi para eles trazer essas memórias para a discussão. A receptividade, a disponibilidade, o envolvimento dos entrevistados com o tema e os resultados obtidos, propiciam uma oportunidade relevante para novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, J. L. C. **A dinâmica das fronteiras**: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai. São Paulo: Annablume, 2011.
- ALMEIDA, M. A. B.; GUTIERREZ, G. L. **O lazer no Brasil**: de Getúlio Vargas à globalização. São Paulo: PHORTE, 2011.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BRAMANTE, A. C. Formulação de uma política setorial de lazer: avaliação contextual do distrito federal. **Revista Conexões**. v. 1, n. 2, 1999.
- BRASILEIRO, M. D. S. Desenvolvimento e turismo: para além do paradigma econômico. In: BRASILEIRO, M. D. S.; MEDINA, J. C. C.; CORIOLANO, L. N. **Turismo, cultura e desenvolvimento**. Campina Grande: EDUEPB, 2012. p. 75-98.
- BRUHNS, H. T. **Introdução aos estudos do lazer**. Campinas: Unicamp, 1997.
- CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- CAMARGO, L. O. L. **Educação para o lazer**. São Paulo: Moderna, 1998.
- CAMARGO, L. O. L. **O que é lazer**. 3. ed. São Paulo: 1992.
- CANDAU, J. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.
- CARDIN, E. G. Segurança e desenvolvimento nas regiões de fronteira. p. 191-208. In: Pinassi, Maria Orlanda (org.). **Dimensões da miséria desenvolvimentista Brasil-América Latina**. São Paulo: Alameda, 2016.
- CASTELLS, M. **The city and the grassroots**: a cross-cultural theory of urban social movements. Berkeley: University of California Press, 1983.
- CASTELLANI FILHO L. **Educação Física no Brasil**: a história que não se conta. 3. ed., Campinas, SP: Papirus, 1988.
- CATTA, L. E. **O cotidiano de uma fronteira**: a perversidade da modernidade. Cascavel: Edunioeste, 2002.
- CAVALCANTI, K. B. **Esporte para Todos**: um discurso ideológico. São Paulo: Ibrasa, 1984.

- COSTA, L. P. Da.; PEGADO, P.; GRANDO, J. C. Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Física e Desportos. Quintas, Geraldo (org.). **Esporte e Lazer na Empresa**. São Paulo: Banespa e Centro Aeróbico do Brasil, 1990. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002211.pdf>. Acesso em: 2 set. 2018.
- D´ARAÚJO, M. C. S. **O Estado Novo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- DE MASI, D. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: sextante, 2000.
- DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**: Debates, São Paulo: Perspectiva, 1976.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FAZIO, M.; MOFFETT, M.; WODEHOUSE, L. **A História da Arquitetura Mundial**. Porto Alegre: AMGH Editora, 2011, p. 436-586.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. 35. ed. RJ: Vozes, 2008.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 11. ed. Org. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1997.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade II**: O uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- FREDERICO, C. A política cultural dos comunistas. In: MORAES, J. (org.). **História do marxismo no Brasil III**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1998.
- GAYA, A. C. A.; TORRES, L. Hábitos de vida de alunos de uma escola da rede municipal de ensino de Porto Alegre. **Revista Perfil**, v.1, n.1, p.24-34, 1997.
- GERMANO, J. W. **Estado militar e a educação no Brasil (1964-1985)**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. São Paulo: Cia das letras, 1989.
- HALL, S. **A identidade cultural da pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. SILVA, Tomaz Tadeu da (org). 2. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2000.
- INFORMATIVO UNICON, anos de 1978, 1979, 1980, 1981.
- JEANNERET-GRIS, C. E. (LE CORBUSIER) **Urbanismo**. Trad. de Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

JESUS, R. P. DE. **De “vila operária” a bairro dos trabalhadores**: processo de constituição do bairro Vila “C” – 1977 a 2008. 2009. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Mal. Cândido Rondon.

KUMAR, K. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna**: novas teorias sobre o mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LAFARQUE, P. **O direito à preguiça**. Trad. de Antônio José Massano. 3. ed. Lisboa: Teorema, 1991.

LEFEBVRE, H. **De lo rural a lo urbano**. Barcelona: Península, 1975.

LENHARO, A. **Sacralização da política**. 2. ed. Campinas, SP: Papiros, 1986.

LEVEN, M. M. et al. História oral de vida: o instante da entrevista. In: VON SINSON, Olga Rodrigues de Moraes (org.). **Os desafios contemporâneos de história oral**, 1996. Campinas: Área de publicações CMU/Unicamp, 1997.

MARCASSA, L.; MASCARENHAS, F. Lazer. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. **Dicionário crítico de educação física**. 3. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2014.

MARCELLINO, N. C. **Mirando la educacion desde la recreacion**. Recreacion. Creando, Córdoba. Argentina, set. 2000, p. 2 - 6.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e educação**. 4. ed. Campinas: Papirus, 1998.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e Educação**. 3. ed. Campinas: Papirus, 1987.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e Humanização**. Campinas: Papirus, 1983.

MONTEJANO, J. M. **Psicosociología del turismo**. Madrid: *Síntesis*, 1996.

MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. **Multiculturalismo**: diferenças culturais e práticas pedagógicas. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

OLIVEIRA, V. M. O Esporte pode tudo. In: MALINA, A.; CESÁRIO, S. (orgs.). **Esporte**: fator de integração e inclusão social? Campo Grande: UFMS, 2013.

OLIVEIRA, M. A. T. DE. Esporte e política na ditadura militar. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v. 18, n. 4, p. 155-174, out/dez de 2012.

OLIVEIRA, C. B. **Reflexões acerca do lazer em suas diferentes dimensões**: Da proposta teórica à prática na Universidade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 10. Goiânia, 1997. p. 966-970.

ORTIZ, R. **Cultura e modernidade**: a França no século XIX. São Paulo: Brasiliense, 1998.

PIRES, G. L.; SILVA, M. R. **Os “negócios olímpicos” de 2016 no Brasil: “O esporte pode tudo?”**. Motrivivência, Florianópolis, ano XXI, n. 32/33, junho-dezembro, 2009.

RAMOS, J. M.O. **Cinema, estado e lutas culturais: anos 50, 60, 70**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1983.

REIS, L. J. A. **Novos atores em cena nos estudos do lazer no Brasil: possíveis diálogos a partir da teoria configuracional**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, 2009.

REQUIXA, R. **O lazer no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1977.

RIBEIRO, M. de F. B. **Memórias do concreto: vozes na construção de Itaipu**. Cascavel: Edunioeste, 2002.

RUSSELL, B. **Elogio ao ócio**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

SAN MARTÍN, G. J. E. **Psicosociología del ocio y el turismo**. Granada: ALJIBE, 1997.

SOARES, C. L. **Educação física: raízes europeias e Brasil**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

SOTUYO, P. C. G. **Segregação urbana: estudo de caso das vilas de Itaipu**. 1998. Dissertação (Mestrado em Geografia). Departamento de geociências, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SOUZA, S. A. de. **Educação, trabalho voluntário e responsabilidade social da empresa: “amigos da escola” e outras formas de participação**. São Paulo: Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, 2008. Tese (Doutorado em Educação). Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/disponiveis/48/48134/tde-16062008-103840/pt-br.php>>. Acesso em: 20 set. 2017.

SOUZA, C. A. F. de. **Transformações no espaço urbano: histórias e memórias da Vila “A” de Itaipu e seus entornos - 1970/2013**. 2014. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) – Centro de Educação e Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu.

TEIXEIRA, S. **Programas esportivos no estado militar: ações do “esporte para todos” para a educação popular (1973-1990)**. 2015. Tese (doutorado em educação) – Programa de Pós-graduação em Educação - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

THOMPSON, J. B. Ideologia e cultura moderna, p. 164-215. Capítulo 3. In: **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2009.

ANEXO 1

QUESTIONÁRIO DESTINADO ÀS ENTREVISTAS COM OS ANTIGOS FUNCIONÁRIOS DE ITAIPU E MORADORES DA VILA “A”

1º BLOCO: **Identificação do sujeito no tempo e espaço**

- 1.1 Qual o nome completo?
- 1.2 Data de nascimento?
- 1.3 Escolaridade?
- 1.4 Natural de onde (cidade, estado, país)?
- 1.5 Veio quando e de onde para Foz do Iguaçu (cidade, estado, país)?
- 1.6 Quais foram as cidades em que morou antes de chegar em Foz do Iguaçu? Épocas da vida e quanto tempo esteve nestas outras cidades? Veio solteiro ou casado, com filhos ou sem filhos? Idade dos filhos?
- 1.7 Quais os motivos que te levaram a vir morar em Foz do Iguaçu?
- 1.8 Como foi administrada a sua vinda e de sua família, filhos e esposa (se houver), em relação ao que construiu antes de vir para Foz do Iguaçu, no que diz respeito a bens materiais e vínculos afetivos deixados no lugar onde residia?
- 1.9 Nas várias fases da vida, discorra como era o seu lazer antes de vir morar em Foz do Iguaçu. Onde mais aconteciam essas práticas, como eram esses espaços (tinha clubes, associações etc.)? Usufruía com outras pessoas? Quem eram essas pessoas?
- 1.10 Especialmente na infância e adolescência, qual a interferência dos seus pais no seu lazer, de que forma eles conduziam essas atividades no dia a dia?

2º BLOCO: **O espaço da Vila “A”**

- 2.1 Como era a Vila “A” quando o (a) Sr. (a) chegou?
- 2.2 O que tinha nela, descreva esses espaços? Havia praças, bosques, clubes, parques etc.? Onde e quantos?
- 2.3 Como eram organizadas as ruas e avenidas?
- 2.4 O (a) Sr. (a) se recorda de quantas pessoas moravam na Vila “A”? Quantas casas havia?

3º BLOCO: **Itaipu e a Vila “A”**

- 3.1 Como a empresa Itaipu interviu no bairro?
- 3.2 Existiam serviços específicos?
- 3.3 Como acontecia a manutenção do bairro, como limpeza, organização das praças, parques, quadras esportivas, clubes etc.?
- 3.4 Quem podia morar na Vila “A”?
- 3.5 O que a Itaipu ofereceu para o lazer das pessoas? Havia atividades de lazer (festas, jogos, encontros, outros) organizadas pela Itaipu?
- 3.6 Quais os possíveis pontos positivos e negativos do (a) Sr. (a) ter sido funcionário de Itaipu, em relação às possibilidades de lazer e a sociabilidade de modo geral? Houve alguma influência?

3.7 Quais as principais diferenças que sentiu, quanto aos espaços para o lazer e atividades praticadas no tempo livre, em comparação ao lugar de onde o (a) Sr. (a) veio?

3.8 Comente sobre as principais recordações dos momentos lúdicos/felizes e de lazer, que foram vivenciados no trabalho que desempenhava antes de Itaipu e também no bairro que morava antes de vir para Foz do Iguaçu.

4º BLOCO: Lazer e espaços de sociabilidades na Vila “A”

4.1 O que a Vila “A” disponibilizava quanto à estrutura para o esporte e lazer dos seus moradores? Quais eram? Onde aconteciam? Quem participava? (Explorar cada exemplo dado, seja de local ou de atividade relatada).

4.2 Qual o significado do lazer para o (a) Sr. (a) naquela época?

4.3 Outras pessoas de fora do bairro da Vila “A” frequentavam esses espaços e interagem com as pessoas do bairro?

4.4 Havia diferenças em relação às festas e outras atividades praticadas quando o (a) Sr. (a) chegou em Foz do Iguaçu com aquelas que ocorriam antes do (a) Sr. (a) vir morar aqui? Explique como elas aconteciam.

4.5 Quando chegou em Foz do Iguaçu, quais as atividades de lazer mais frequentes?

4.6 Naquela época, quem eram as pessoas que o (a) Sr. (a) tinha mais contato no tempo livre, nas atividades de lazer? Como eram essas atividades, de que forma socializava com as demais pessoas?

4.7 Existiram hábitos que foram modificados quando o (a) Sr. (a) chegou em Foz do Iguaçu e foi morar na Vila “A”?

4.8 O que sentiu/percebeu quando veio para Foz do Iguaçu em relação às amizades, às companhias, aos moradores do bairro, da cidade, como foi essa adaptação?

4.9 Se tinha família, como foi essa adaptação para eles?

4.10 Quando chegou na Vila “A”, o que pode ter favorecido ou impedido a sociabilidade com as demais pessoas do bairro?